

L. FRANK BAUM
A CIDADE DAS
ESMERALDAS
DE

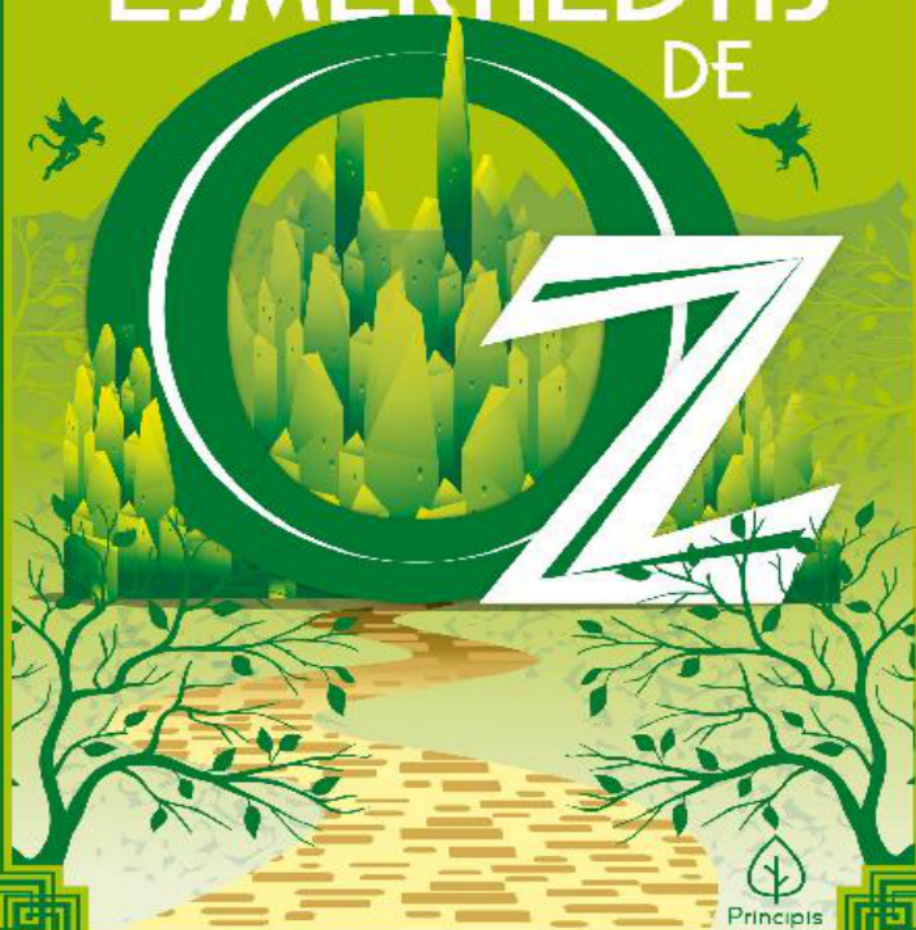


Principis

VISIT...

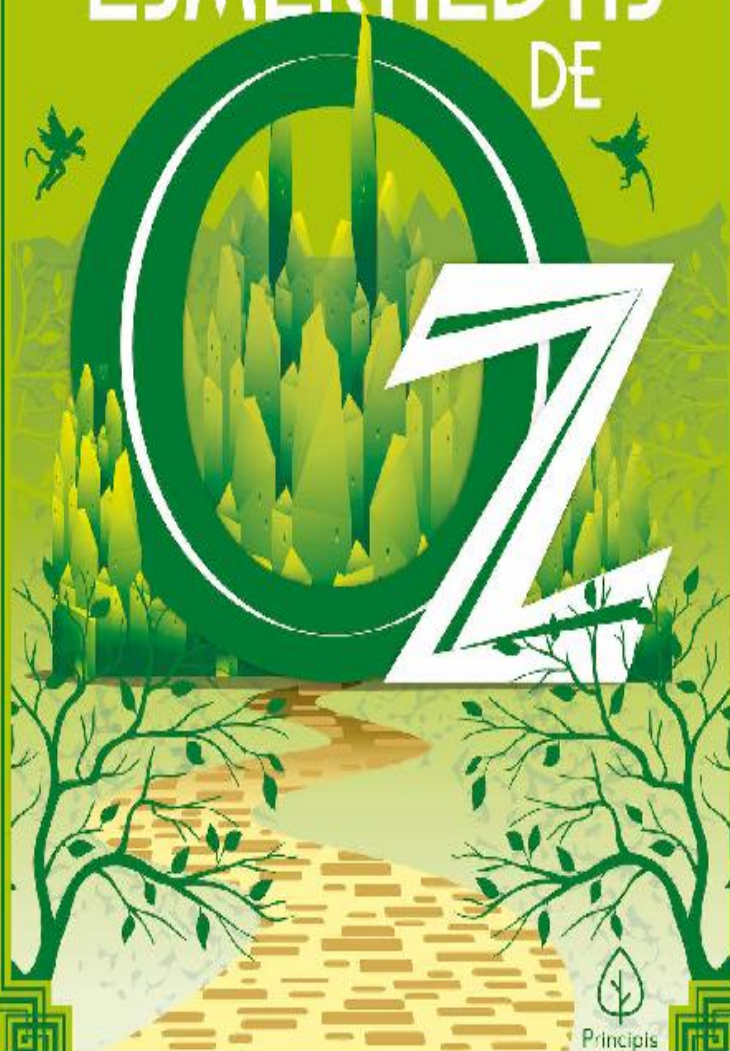
LANZAROTE
Caliente.COM

L. FRANK BAUM
A CIDADE DAS
ESMERALDAS
DE



Principis

L. FRANK BAUM
A CIDADE DAS
ESMERALDAS
DE



L. FRANK BAUM
A CIDADE DAS
ESMERALDAS
DE



Tradução
Laura Folgueira


Principis

Traduzido do original em inglês

The Emerald City of Oz

Texto

L. Frank Baum

Tradução

Laura Folgueira

Preparação

Otacílio Palareti

Revisão

Aginaldo Alves

Produção editorial

Ciranda Cultural

Diagramação

Linea Editora

Design de capa

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

welburnstuart/Shutterstock.com;

Juliana Brykova/Shutterstock.com;

shuttersport/Shutterstock.com;

yuriytsirkunov/Shutterstock.com;

Reinke Fox/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B347c Baum, L. Frank

A Cidade das Esmeraldas de Oz / L. Frank Baum;
traduzido por Laura Folgueira. - Jandira, SP : Principis, 2021.

192 p. ; EPUB. (Terra de Oz)

Tradução de: The emerald city of Oz

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-587-8

1. Literatura americana. 2. Aventura. 3. Magia. 4.
Dorothy. 5. Fantasia. I. Folgueira, Laura. II. Título. III. Série

2021-0067

CDD 813

CDU 821.111(73)-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura americana : 813

2. Literatura americana : 821.111(73)-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam

impostas aos compradores subsequentes.

NOTA DO AUTOR

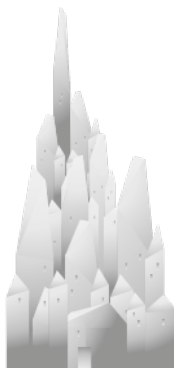
Talvez eu devesse admitir na folha de rosto que este livro é escrito “por L. Frank Baum e seus correspondentes”, pois usei muitas sugestões transmitidas a mim em cartas de crianças. Antes, imaginava-me como “autor de contos de fadas”, mas hoje sou meramente um editor ou secretário particular de uma série de jovens cujas ideias sou levado a tecer na trama de minhas histórias.

Muitas dessas ideias são inteligentes, além de lógicas e interessantes. Então, as usei sempre que tive oportunidade, e é apenas justo que reconheça minha dívida com meus amiguinhos.

Minha nossa, que imaginação têm essas crianças! Às vezes, quase me choco com a ousadia e genialidade delas. Haverá muitos autores de contos de fadas no futuro, tenho certeza. Meus leitores disseram-me o que fazer com Dorothy, tia Em e tio Henry, e eu obedeci às suas ordens. Também me deram uma variedade de assuntos sobre os quais escrever no futuro: o bastante, aliás, para manter-me ocupado por algum tempo. Tenho muito orgulho dessa parceria. As crianças amam essas histórias, porque ajudaram a criá-las. Meus leitores sabem o que querem e percebem que tento agradá-los. O resultado é muito satisfatório para os editores, para mim e (tenho certeza) para as crianças.

Espero, meus caros, que demore muito para sermos obrigados a dissolver nossa parceria.

L. FRANK BAUM
Coronado, 1910



COMO O REI NOMO IRRITOU-SE

O rei Nomo estava bravo e, nessas ocasiões, tornava-se muito desagradável. Todos se afastavam dele, até seu mordomo-chefe Kaliko.

Assim, o rei irrompeu e esbravejou sozinho, andando para cima e para baixo em sua caverna cravejada de joias, cada vez mais irritado. Então, lembrou que não era divertido ficar irritado, a não ser que tivesse alguém a quem assustar e deixar infeliz, e correu para seu grande gongo, fazendo-o soar o mais alto que podia.

E lá veio o mordomo-chefe, tentando não demonstrar ao rei Nomo o quanto estava assustado.

– Traga o conselheiro-chefe aqui! – gritou o monarca bravo.

Kaliko correu o mais rápido que suas pernas finas conseguiam carregar seu corpo gordo e redondo, e assim que o conselheiro-chefe entrou na caverna, o rei fechou a cara e disse a ele:

– Estou muito atordoado com a perda de meu cinto mágico. A todo momento quero fazer algo mágico e descubro que não posso, porque o cinto sumiu. Isso me deixa bravo e, quando fico bravo, não consigo me divertir. Agora, o que aconselha?

– Algumas pessoas – disse o conselheiro-chefe – gostam de ficar bravas.

– Mas não o tempo todo – declarou o rei. – Ficar bravo de vez em quando é muito divertido, porque faz os outros muito infelizes. Mas ficar irritado de manhã, de tarde e de noite, como eu, fica monótono e me impede de ter outro prazer na vida. Agora, o que aconselha?

– Bem, se está bravo porque quer fazer coisas mágicas e não consegue, e se não quer ficar nem um pouco bravo, meu conselho é não querer fazer coisas mágicas.

Ao ouvir isso, o rei olhou com raiva para seu conselheiro com uma expressão furiosa e puxou seus próprios longos bigodes brancos até esticá-los com tanta força que gritou de dor.

– Você é um tolo! – exclamou ele.

– Compartilho essa honra com Vossa Majestade – disse o conselheiro-chefe.

O rei rugiu de raiva e bateu o pé.

– Ei, ó, meus guardas! – gritou. “Ei” é uma forma real de dizer “venha cá”. Então, quando os guardas tinham “eiado”, o rei disse a eles: – Levem esse conselheiro-chefe e o joguem para fora.

Então, os guardas pegaram o conselheiro-chefe e o amarraram com correntes para que ele não se debatesse, e o jogaram para fora. E o rei andou para cima e para baixo de sua caverna mais bravo do que nunca.

Finalmente, correu até seu grande gongo e o fez soar como um alarme de incêndio. Kaliko apareceu, tremendo e pálido de medo.

– Pegue meu cachimbo! – berrou o rei.

– Seu cachimbo já está aqui, Vossa Majestade – respondeu Kaliko.

– Então, pegue meu tabaco – rugiu o rei.

– O tabaco está no seu cachimbo, Vossa Majestade – devolveu o mordomo.

– Então, traga uma brasa acesa da fornalha – ordenou o rei.

– O tabaco está aceso, e Vossa Majestade já está fumando seu cachimbo – respondeu o mordomo.

– Ora, estou mesmo! – disse o rei, que tinha se esquecido desse fato. – Mas é muito rude de sua parte me lembrar disso.

– Sou um vilão humilde e miserável – declarou o mordomo-chefe.

O rei Nomo não conseguiu pensar em nada para dizer depois, então, bafou seu cachimbo e andou para lá e para cá no cômodo. Por fim, lembrou quanto estava bravo e gritou:

– O que está querendo, Kaliko, estando tão satisfeito quando seu monarca está infeliz?

– O que o deixa infeliz? – perguntou o mordomo.

– Perdi meu cinto mágico. Uma garotinha chamada Dorothy, que esteve aqui com Ozma de Oz, roubou meu cinto mágico e levou com ela – disse o rei, rangendo os dentes de raiva.

– Ela o capturou numa luta justa – Kaliko ousou dizer.

– Mas eu quero! Preciso dele! Metade do meu poder se foi com aquele cinto! – rugiu o rei.

– O senhor terá de ir à Terra de Oz para recuperá-lo, e Vossa Majestade não tem maneira alguma de chegar à Terra de Oz – disse o mordomo, bocejando, porque estava trabalhando havia noventa e seis horas e sentia sono.

– Por que não? – perguntou o rei.

– Porque há um deserto mortal em torno de toda aquela terra mágica que ninguém consegue cruzar. Vossa Majestade sabe disso tanto quanto eu. Deixe o cinto perdido para lá. O senhor ainda tem muito poder, pois governa este reino subterrâneo como um tirano, e milhares de nomos obedecem às suas ordens. Aconselho que beba um copo de prata derretida para acalmar seus nervos e vá para a cama.

O rei pegou um grande rubi e jogou na cabeça de Kaliko. O mordomo abaixou-se para escapar da joia pesada, que bateu contra a porta logo acima de sua orelha esquerda.

– Saia da minha frente! Suma! Vá e mande o general Blug entrar – berrou o rei Nomo.

Kaliko retirou-se às pressas, e o rei Nomo bateu os pés para cima e para baixo, até o general dos exércitos chegar.

Esse Nomo era conhecido por todo lado como um lutador terrível e um comandante cruel e desesperado. Tinha cinquenta mil soldados nomos, todos bem treinados, que temiam apenas seu rugido. Mesmo assim, o general Blug ficou um pouco inquieto ao chegar e ver como o rei Nomo estava bravo.

– Ah! Aí está você! – gritou o rei.

– Aqui estou eu – disse o general.

– Marche com seu exército imediatamente à Terra de Oz, capture e destrua a Cidade das Esmeraldas, e traga-me de volta meu cinto mágico – rugiu o rei.

– O senhor está louco – comentou calmamente o general.

– O quê? O quê? O quê? – e o rei Nomo pulou nas pontas dos pés, de tão enraivecido.

– O senhor não sabe do que está falando – continuou o general, sentando-se num grande diamante lapidado. – Aconselho que vá para um canto e conte até sessenta antes de voltar a falar. Aí, talvez diga algo mais sensato.

O rei procurou algo para jogar no general Blug, mas como não havia nada à mão, começou tolamente a considerar que talvez o homem estivesse certo e ele estivesse dizendo tolices. Então, simplesmente se jogou em seu trono brilhante,

inclinou a coroa por cima da orelha, colocou os pés embaixo do corpo e lançou um olhar maldoso a Blug.

– Para começar – disse o general –, não podemos marchar pelo Deserto Mortal até a Terra de Oz. E, se pudéssemos, a princesa Ozma, governante daquela terra, tem certos poderes mágicos que fariam nosso exército impotente. Se o senhor não tivesse perdido seu cinto mágico, podíamos ter alguma chance de derrotar Ozma; mas o cinto se foi.

– Eu quero! – gritou o rei. – Preciso dele.

– Bem, então, deixe-nos tentar uma forma sensata de recuperá-lo – respondeu o general. – O cinto foi capturado por uma garotinha chamada Dorothy, que mora em Kansas, nos Estados Unidos da América.

– Mas ela o deixou na Cidade das Esmeraldas, com Ozma – declarou o rei.

– Como sabe disso? – perguntou o general.

– Um de meus espiões, que é um melro, voou sobre o deserto até a Terra de Oz e viu o cinto mágico no palácio de Ozma – respondeu o rei com um murmúrio.

– Agora, isso me dá uma ideia – disse o general Blug, pensativo. – Há duas formas de chegar até a Terra de Oz sem viajar pelo deserto arenoso.

– Quais são? – exigiu o rei, ansioso.

– Uma forma é *por cima* do deserto, pelo ar; e a outra é *por baixo* do deserto, pela terra.

Ao ouvir isso, o rei Nomo soltou um grito de alegria e pulou de seu trono para continuar andando para lá e para cá na caverna.

– É isso, Blug! – gritou ele. – Essa é a ideia, general! Sou rei do Submundo, e meus súditos são todos mineiros. Vou fazer um túnel secreto por baixo do deserto até a Terra de Oz. Isso! Até a Cidade das Esmeraldas! E você marchará com seus exércitos e capturará o país todo!

– Devagar, devagar, Vossa Majestade. Não vá rápido demais – avisou o general. – Meus nomos são bons lutadores, mas não são fortes o bastante para conquistar a Cidade das Esmeraldas.

– Tem certeza? – questionou o rei.

– Absoluta, Vossa Majestade.

– Então, o que vou fazer?

– Desista da ideia e cuide dos seus próprios assuntos – aconselhou o general. – Tem muito a fazer tentando governar seu reino subterrâneo.

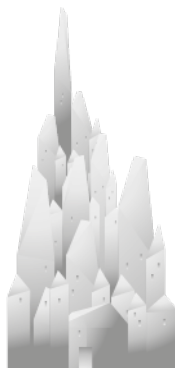
– Mas quero o cinto mágico, e vou conseguir! – rugiu o rei Nomo.

– Quero ver – respondeu o general, rindo malicioso.

O rei, nesse momento, ficou tão exasperado que pegou seu cetro, que tinha uma bola pesada feita de safira na ponta, e jogou com toda a força no general Blug. A safira bateu na testa do general e o derrubou no chão, onde ele ficou imóvel. Então, o rei soou seu gongo e disse para os guardas arrastarem o general e o jogarem para fora; e assim o fizeram.

Esse rei Nomo chamava-se Roquat, o Vermelho, e ninguém o amava. Era um homem ruim e um monarca poderoso, e tinha decidido destruir a Terra de Oz e sua magnífica Cidade das Esmeraldas para escravizar a princesa Ozma e a pequena Dorothy, e todo o povo de Oz, e recuperar seu cinto mágico. O mesmo cinto certa vez permitira que Roquat, o Vermelho, levasse a cabo muitos planos malignos; mas isso fora antes de Ozma e seu povo marcharem até a caverna subterrânea e o capturarem. O rei Nomo não perdoava Dorothy nem a princesa Ozma e tinha determinado vingar-se delas.

Mas elas, por sua vez, não sabiam que tinham um inimigo tão poderoso. De fato, Ozma e Dorothy tinham quase esquecido que uma pessoa como o rei Nomo ainda vivia sob as montanhas da Terra de Ev – que ficava logo depois do Deserto Mortal, ao sul da Terra de Oz.



COMO TIO HENRY ENCRENCOU-SE

Dorothy Gale morava numa fazenda no Kansas, com sua tia Em e seu tio Henry. Não era uma fazenda grande nem muito boa, porque às vezes a chuva não vinha quando as plantações precisavam, e aí tudo murchava e secava. Uma vez, um ciclone tinha levado a casa do tio Henry embora, então ele foi obrigado a construir outra; e, como era pobre, teve que hipotecar a fazenda para conseguir o dinheiro para pagar a nova casa. Aí, sua saúde piorou e ele ficou frágil demais para trabalhar. O médico ordenou que ele fizesse uma viagem marítima, e ele foi à Austrália e levou Dorothy com ele. Isso também custou muito dinheiro.

Tio Henry ficava mais pobre a cada ano, e as colheitas da fazenda só lhe garantiam comida para a família. Portanto, a hipoteca não podia ser paga. Por fim, o banqueiro que lhe emprestara o dinheiro disse que, se ele não pagasse em determinado dia, sua fazenda lhe seria tomada.

Isso preocupava muito tio Henry, pois sem a fazenda ele não teria como sobreviver. Era um homem bom, que trabalhava no campo o mais duro que podia; e tia Em fazia todo o trabalho doméstico, com ajuda de Dorothy. Mas eles não pareciam prosperar.

Essa garotinha, Dorothy, era como dezenas de garotinhas que você conhece. Era amável e em geral dócil, e tinha um rosto redondo e rosado, e olhos sinceros. A vida, para Dorothy, era algo sério e também maravilhoso, pois, em sua curta vida, ela tivera mais aventuras estranhas do que muitas outras garotas de sua idade.

Tia Em, certa vez, disse achar que as fadas deviam ter marcado Dorothy no nascimento, porque ela se enfiava em lugares estranhos e sempre era protegida por algum poder invisível. Quanto a tio Henry, achava que a sobrinha era apenas uma sonhadora, como fora sua falecida mãe, pois não acreditava muito nas curiosas histórias que Dorothy contava sobre a Terra de Oz, que ela visitara várias vezes. Ele não achava que ela estava tentando enganar os tios, mas imaginava que tivesse sonhado todas aquelas aventuras impressionantes, e os sonhos tivessem sido tão reais que ela passara a acreditar neles.

Qualquer que fosse a explicação, era certo que Dorothy estivera ausente de sua casa no Kansas por longos períodos, sempre desaparecendo de forma inesperada, mas sempre voltando sã e salva, com histórias impressionantes de onde tinha estado e das pessoas peculiares que tinha conhecido. Seus tios ouviam as histórias atentamente e, apesar de suas dúvidas, começavam a sentir que a garotinha tinha experiência e sabedoria incontáveis naquela idade, quando as fadas já não deviam existir.

A maioria das histórias de Dorothy era sobre a Terra de Oz, com sua bela Cidade das Esmeraldas e uma adorável governante chamada Ozma, que era a amiga mais fiel da garotinha do Kansas. Quando Dorothy contava a tio Henry sobre as riquezas desse lindo país, ele suspirava, pois sabia que uma única daquelas grandes esmeraldas tão comuns lá pagaria todas as suas dívidas e libertaria sua fazenda. Mas Dorothy nunca trazia joias consigo, então, a pobreza deles crescia a cada ano.

Quando o banqueiro disse ao tio Henry que ele devia pagar a dívida em trinta dias ou ir embora da fazenda, o pobre homem ficou muito desesperado, pois sabia que não tinha como conseguir o dinheiro. Então, contou à esposa, tia Em, seu problema, e ela primeiro chorou um pouco e depois disse que precisavam ser corajosos e fazer o melhor que podiam, e ir embora para algum lugar e sobreviver honestamente. Mas estavam ficando velhos e frágeis, e ela temia que não pudessem cuidar de Dorothy tão bem quanto antes. Provavelmente, a garotinha também seria obrigada a trabalhar.

Por vários dias, eles não deram as notícias tristes à sobrinha, não querendo entristecê-la; mas certa manhã a garotinha viu tia Em chorando baixinho enquanto tio Henry tentava consolá-la. Então, Dorothy perguntou-lhes qual era o problema.

– Precisamos ir embora da fazenda, minha querida – respondeu o tio, triste – e sair pelo mundo trabalhando para sobreviver.

A garota ouviu séria, pois não sabia antes quanto eram pobres.

– Para nós, não tem problema – disse a tia, passando a mão no cabelo da garotinha com afeto –, mas a amamos como se fosse nossa filha e estamos arrasados de pensar que você também precisará suportar a pobreza e trabalhar para sobreviver antes de ficar grande e forte.

– O que eu poderia fazer para ganhar dinheiro? – perguntou Dorothy.

– Pode fazer trabalhos domésticos para alguém, querida, você é tão jeitosa; ou talvez possa ser babá de criancinhas. Claro, não sei exatamente o que você *pode* fazer para ganhar dinheiro, mas se seu tio e eu pudermos sustentá-la, faremos isso de boa vontade e a mandaremos para a escola. Mas tememos ter muita dificuldade em conseguir um trabalho. Ninguém quer empregar velhos com a saúde ruim como nós.

Dorothy sorriu.

– Não seria engraçado – disse ela – que eu fizesse trabalho doméstico no Kansas, quando sou princesa na Terra de Oz?

– Princesa! – ambos exclamaram, impressionados.

– Sim; Ozma me fez princesa há algum tempo, e vive implorando para que eu vá morar para sempre na Cidade das Esmeraldas – disse a criança.

O tio e a tia a olharam chocados. Então, o homem disse:

– Acha que conseguiria voltar à sua terra de fantasia, minha querida?

– Ah, sim – respondeu Dorothy –, posso fazer isso facilmente.

– Como? – perguntou tia Em.

– Ozma me vê todo dia às quatro, em seu quadro mágico. Ela consegue me ver onde quer que eu esteja, não importa o que eu esteja fazendo. E, nesse momento, posso fazer certo sinal secreto e ela manda me buscar com o cinto mágico, que certa vez capturei do rei Nomo. Então, num piscar de olhos, estarei com Ozma no palácio dela.

Os dois idosos ficaram em silêncio por algum tempo depois de Dorothy falar. Finalmente, tia Em disse, com outro suspiro de lamento:

– Se for verdade, Dorothy, talvez seja melhor ir viver na Cidade das Esmeraldas. Vai partir nosso coração não tê-la em nossa vida, mas você estará tão bem com seus amigos mágicos que parece melhor e mais sábio que vá.

– Não tenho certeza disso – comentou tio Henry, balançando a cabeça grisalha, pensativo. – Essas coisas todas parecem reais a Dorothy, eu sei, mas temo que nossa garotinha perceba que sua terra de fantasias não é o que tem sonhado. Eu fico muito infeliz só de pensar na possibilidade de ela viver em meio a estranhos que podem ser cruéis com ela.

Dorothy riu alegremente com esse discurso e então ficou muito séria de

novo, pois via como todos esses problemas estavam preocupando seus tios e sabia que, a não ser que achasse um meio de ajudá-los, a vida deles no futuro seria bastante infeliz e miserável. Ela sabia que *podia* ajudá-los. Já tinha pensado num jeito. Mas não contou imediatamente a eles qual era, porque precisava pedir o consentimento de Ozma antes de executar seus planos.

Então, ela só disse:

– Se vocês prometerem não se preocuparem nada comigo, vou à Terra de Oz nesta tarde mesmo. E vou fazer uma promessa: vocês me verão de novo antes de chegar o dia de precisar ir embora desta fazenda.

– O dia agora não está longe – respondeu o tio dela, triste. – Não contei a você nossos problemas até ser obrigado a isso, querida Dorothy, então, o momento cruel está próximo. Mas, se tem certeza de que seus amigos mágicos vão lhe dar um lar, vai ser melhor ir até eles, como diz sua tia.

Foi por isso que Dorothy entrou em seu pequeno quarto no sótão naquela tarde, levando consigo um pequeno cachorro chamado Totó. O animal tinha pelo preto encaracolado e grandes olhos castanhos, e amava Dorothy demais.

A criança tinha beijado os tios com carinho antes de subir, e agora olhava ao redor do quartinho com melancolia, vendo as bugigangas e os vestidos desgastados de guingão e morim como se fossem velhos amigos. Ficou tentada, de início, a fazer uma trouxa com eles, mas sabia muito bem que não lhe seriam úteis em sua vida futura.

Ela sentou-se numa cadeira com o encosto quebrado – a única no cômodo – e, segurando Totó nos braços, esperou pacientemente até o relógio bater quatro horas.

Então, fez o sinal secreto que tinha sido acordado entre Ozma e ela.

Tio Henry e tia Em esperavam no andar de baixo. Estavam agitados e muito animados, pois este é um mundo monótono e prático, e lhes parecia bastante impossível que sua sobrinha pudesse desaparecer da casa e viajar num instante a uma terra de fantasias.

Então, observaram as escadas, que pareciam ser a única forma de Dorothy sair da casa da fazenda, e observaram por muito tempo. Ouviram o relógio bater quatro horas, mas não houve som no andar de cima.

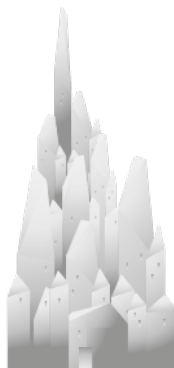
Deu quatro e meia, e agora estavam impacientes demais para continuar esperando. De fininho, subiram as escadas até a porta do quarto da menina.

– Dorothy! Dorothy! – chamaram.

Não houve resposta.

Abriram a porta e olharam lá dentro.

O quarto estava vazio.



COMO OZMA CONCEDEU O PEDIDO DE DOROTHY

Imagino que você tenha lido tanto sobre a magnífica Cidade das Esmeraldas que não há muita necessidade de eu descrevê-la aqui. É a capital da Terra de Oz, justamente considerada a terra de fantasias mais atraente e encantadora do mundo inteiro.

A Cidade das Esmeraldas é toda feita de lindos mármore, nos quais é incrustada uma profusão de esmeraldas, cada uma delas enorme e de corte primoroso. Há outras joias usadas em decorações dentro das casas e dos palácios, como rubis, diamantes, safiras, ametistas e turquesas. Mas nas ruas e no exterior dos prédios só aparecem esmeraldas, motivo pelo qual o lugar se chama Cidade das Esmeraldas de Oz. Há 9.654 prédios, nos quais moram 57.318 pessoas, até o momento da abertura de minha história. Toda a terra ao redor, até as fronteiras do deserto que a cerca por todos os lados, era cheia de casas de fazenda bonitas e confortáveis, nas quais residiam os habitantes de Oz, que preferiam o interior à vida na cidade.

No total, havia mais de meio milhão de pessoas na Terra de Oz – embora algumas delas, como você logo descobrirá, não fossem de carne e osso como nós –, e cada habitante desse privilegiado país era feliz e próspero.

Os cidadãos de Oz não conheciam nenhum tipo de doença, portanto, ninguém morria, a não ser que sofresse um acidente fatal. Isso, de fato, era muito raro. Não havia pobres na Terra de Oz, porque não havia dinheiro, e todas as propriedades de todos os tipos pertenciam à governante. O povo era como filho, e ela cuidava de todos. Cada um recebia generosamente dos

vizinhos tudo aquilo de que precisava, o que é o melhor que se pode razoavelmente desejar. Alguns aravam a terra e cultivavam grandes plantações de grãos, divididos igualmente entre toda a população, para que todos tivessem o suficiente. Havia muitos alfaiates, costureiras, sapateiros e coisas assim, que faziam as peças necessárias a qualquer um que precisasse usar. Da mesma forma, havia joalheiros que faziam enfeites que agradavam e embelezavam as pessoas, e esses enfeites também eram de graça para quem os pedisse. Cada homem e cada mulher, não importava o que produzia para o bem da comunidade, recebia comida, roupas, casa, móveis, enfeites e jogos dos vizinhos. Se, por acaso, o fornecimento estivesse em falta, pegava-se mais dos grandes armazéns da governante, que depois eram reabastecidos de novo, quando houvesse uma quantidade maior de determinado artigo de que as pessoas necessitavam.

Cada um trabalhava metade do tempo do dia e brincava a outra metade, e o povo desfrutava do trabalho tanto quanto do lazer, porque era bom estar ocupado e ter algo a fazer. Não havia supervisores cruéis para vigiá-los nem ninguém para repreendê-los ou culpá-los. Então, todos tinham orgulho de tudo o que podiam fazer por amigos e vizinhos, e ficavam felizes ao aceitar as coisas produzidas pelos outros.

Você deve ter percebido, pelo que lhe contei até aqui, que a Terra de Oz era um país impressionante. Não imagino que um arranjo assim fosse funcionar conosco, mas Dorothy me garante que funciona bem para o povo de Oz.

Sendo Oz um país justo, as pessoas, claro, eram justas; mas isso não quer dizer que todas eram muito diferentes daquelas de nosso próprio mundo. Havia todo tipo de personagem esquisito entre elas, mas nenhum maldoso ou de natureza egoísta ou violenta. Eram pacíficos, gentis, amorosos e alegres, e cada habitante amava a linda garota que o governava e ficava feliz em obedecer a todas as suas ordens.

Apesar de tudo o que eu disse, de maneira geral, havia algumas partes da Terra de Oz não tão agradáveis quanto a região rural e a Cidade das Esmeraldas, que ficava no centro. Bem distante, no País do Sul, vivia nas montanhas um bando de pessoas estranhas chamadas cabeça de martelo, porque não tinham braços e usavam a cabeça chata para golpear quem chegasse perto deles. O pescoço era como elástico, então eles eram capazes de esticar a cabeça bem longe e depois trazê-la de volta ao ombro. Os cabeça de martelo eram chamados “povo selvagem”, mas só machucavam aqueles que fossem perturbá-los nas montanhas em que viviam.

Em algumas das florestas densas, viviam grandes bestas de todos os tipos, mas, em sua maioria, eram inofensivas e até sociáveis, e conversavam tranquilamente com quem visitava seus lares. Os kalidahs – bestas com corpo de urso e cabeça de tigre – outrora eram ferozes e sedentos de sangue, mas hoje até eles estavam quase domesticados, embora, de vez em quando, um ou outro ficasse irritado e desagradável.

Não tão domesticadas eram as Árvores Lutadoras, que tinham sua própria floresta. Se alguém se aproximasse, essas curiosas árvores dobravam seus galhos, os entrelaçavam ao redor dos intrusos e os jogavam longe.

Mas essas coisas desagradáveis só existiam em algumas partes remotas da Terra de Oz. Acho que todos os países têm algumas desvantagens, então, nem essa terra de fantasias podia ser exatamente perfeita. Outrora também havia bruxas más na terra, mas hoje tinham sido todas destruídas; então, como disse, só a paz e a felicidade reinavam em Oz.

Havia algum tempo que Ozma governava essa linda terra, e nunca houve governante tão popular ou amado. Dizia-se que ela era a garota mais bonita que o mundo já vira, e que seu coração e sua mente eram tão adoráveis quanto ela.

Dorothy Gale tinha visitado várias vezes a Cidade das Esmeraldas e experimentado aventuras na Terra de Oz, de modo que ela e Ozma agora tinham uma sólida amizade. A garota governante até tornou Dorothy princesa de Oz, e muitas vezes implorava que ela fosse viver no elegante palácio; mas Dorothy era leal a sua tia Em e a seu tio Henry, que cuidavam dela desde bebê, e recusava-se a deixá-los porque sabia que ficariam solitários sem ela.

Agora, porém, Dorothy percebia que as coisas iam ser diferentes com seu tio e sua tia dali em diante, então, depois de pensar muito na questão, decidiu pedir um grande favor a Ozma.

Alguns segundos depois de ter feito o sinal secreto em seu pequeno quarto, a garota do Kansas estava sentada numa linda sala no palácio de Ozma na Cidade das Esmeraldas de Oz. Quando os primeiros beijos e abraços amorosos tinham sido trocados, a bela governante perguntou:

– Qual é o problema, querida? Sei que algo desagradável lhe aconteceu, pois seu rosto estava muito sério quando a vi em meu quadro mágico. E sempre que sinaliza para que eu a transporte a este lugar seguro, onde você sempre é bem-vinda, sei que está perturbada ou correndo perigo.

Dorothy suspirou.

– Desta vez, Ozma, não sou eu – respondeu ela. – Mas é pior, acho, pois o

tio Henry e a tia Em estão com um problemão, e não parece haver modo de sair dele, bem, não enquanto viverem em Kansas.

– Conte-me, Dorothy – disse Ozma, com empatia imediata.

– Bem, sabe, o tio Henry é pobre, pois a fazenda no Kansas não vale muito, comparada com outras. Então, um dia, o tio Henry pediu um dinheiro emprestado e escreveu uma carta dizendo que, se não pagasse de volta, podiam tomar sua fazenda como pagamento. Claro, ele esperava pagar ganhando dinheiro com a fazenda, mas não conseguiu. Então, vão tomar-lhe a fazenda, e o tio Henry e a tia Em não vão ter onde viver. São bem velhos para trabalho duro, Ozma, então, vou ter que trabalhar por eles, a não ser que...

Ozma tinha ficado pensativa durante a história, mas agora sorriu e apertou a mãozinha da amiga.

– A não ser que o quê, querida? – perguntou.

Dorothy hesitou, porque seu pedido significava muito para todos eles.

– Bem – disse ela –, eu gostaria de viver aqui na Terra de Oz, na qual tantas vezes me convidou para morar. Mas, sabe, só posso aceitar se tio Henry e tia Em também puderem morar aqui.

– É claro – exclamou a governante de Oz, rindo alegremente. – Então, para termos você, querida amiga, precisamos convidar também seus tios para viver em Oz.

– Ah, pode fazer isso, Ozma? – implorou Dorothy, agarrando as mãos gordinhas da amiga com ansiedade. – Pode trazê-los com o cinto mágico e dar-lhes uma pequena fazendinha no País dos Munchkins, ou no País dos Winkies, ou em algum outro lugar?

– Mas é claro – respondeu Ozma, cheia de alegria com a chance de agradar sua amiga. – Há muito penso exatamente nisso, Dorothy querida, e frequentemente me ocorre a vontade de propor isso a você. Com certeza, seus tios devem ser pessoas boas e valorosas, ou você não os amaria tanto; e para os seus amigos, princesa, sempre há espaço na Terra de Oz.

Dorothy ficou felicíssima, mas não surpresa, pois tinha esperança de que Ozma seria boa o bastante para conceder-lhe o pedido. Quando, aliás, sua amiga poderosa e fiel lhe recusara algo?

– Mas não me chame de “princesa” – disse ela –, pois, depois disso, viverei na fazenda com tio Henry e tia Em, e princesas não devem viver em fazendas.

– A princesa Dorothy não vai viver em fazenda – respondeu Ozma, com seu doce sorriso. – Vai viver em seus próprios aposentos neste palácio e ser minha companheira constante.

– Mas o tio Henry... – começou Dorothy.

– Ah, ele é velho e já trabalhou o bastante nesta vida – interrompeu a governante –, então, precisamos achar um lugar para seus tios de modo que fiquem confortáveis e felizes, e não precisem trabalhar mais do que desejarem. Quando devemos transportá-los para cá, Dorothy?

– Prometi voltar para vê-los antes de entregarem a casa – respondeu Dorothy –, então, talvez no próximo sábado...

– Mas por que esperar tanto? – questionou Ozma. – E por que fazer a jornada de volta ao Kansas? Vamos surpreendê-los e trazê-los aqui sem avisar.

– Não sei se eles acreditam na Terra de Oz – disse Dorothy –, embora eu tenha falado dela para eles muitas vezes.

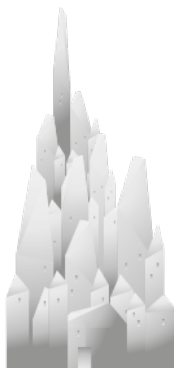
– Vão acreditar quando virem – declarou Ozma –, e se lhes disserem que precisam fazer uma jornada mágica a nossa terra de fantasias, podem ficar nervosos. Acho que a melhor coisa será usar o cinto mágico sem avisá-los, e, quando chegarem, você poderá explicar o que não entenderem.

– Talvez seja melhor – decidiu Dorothy. – Não adianta muito ficarem na fazenda até serem expulsos, porque aqui é muito melhor.

– Então, amanhã de manhã eles virão – disse a princesa Ozma. – Vou ordenar que Jellia Jamb, a governanta do palácio, prepare os cômodos para eles e, depois do café da manhã, vamos pegar o cinto mágico e, com ajuda dele, transportar seus tios para a Cidade das Esmeraldas.

– Obrigada, Ozma! – gritou Dorothy, beijando a amiga com gratidão.

– E agora – propôs Ozma –, vamos dar um passeio nos jardins antes de nos vestirmos para o jantar. Venha, Dorothy querida!



COMO O REI NOMO PLANEJOU VINGANÇA

O motivo para a maioria das pessoas serem ruins é que não tentam ser boas. Veja, o rei Nomo nunca tinha tentado ser bom, então, era mesmo muito ruim. Tendo decidido conquistar a Terra de Oz e destruir a Cidade das Esmeraldas e escravizar o povo, o rei Roquat, o Vermelho, ficava planejando formas de fazer essa coisa terrível, e quanto mais planejava, mais acreditava que ia conseguir.

Mais ou menos na hora que Dorothy chegou a Ozma, o rei Nomo chamou seu mordomo-chefe e disse a ele:

- Kaliko, acho que vou fazer de você general de meus exércitos.
- Acho que não – respondeu Kaliko, assertivo.
- Por que não? – inquiriu o rei, pegando seu cetro com a grande safira.
- Porque sou seu mordomo-chefe e não sei nada de guerra – disse Kaliko, preparando-se para desviar do que fosse jogado nele. – Cuido de todas as questões de seu reino melhor do que você, e nunca encontrará outro mordomo tão bom quanto eu. Mas há centenas de nomos melhores para comandar seu exército, e seus generais são expulsos com tanta frequência que não desejo ser um deles.

– Ah, há alguma verdade em seus comentários, Kaliko – falou o rei, decidindo não jogar o cetro. – Convoque meu exército para reunir-se na Grande Caverna.

Kaliko fez uma medida e saiu, e, em alguns minutos, voltou para dizer que o exército estava reunido. Então, o rei saiu numa varanda que dava para a

Grande Caverna, onde cinquenta mil nomos, todos armados com espadas e lanças, estavam enfileirados em disposição militar.

Quando não eram necessários como soldados, esses nomos eram metalúrgicos e mineiros, e já tinham martelado tanto nas fornalhas e cavado durante muito tempo com picaretas e pás, que tinham adquirido grande força muscular. Eram criaturas estranhamente formadas, bastante redondas e não muito altas. Seus dedos eram curvados, e suas orelhas, largas e achatadas.

Em época de guerra, cada nomo deixava sua fornalha ou mina e se tornava parte do grande exército do rei Roquat. Os soldados usavam uniformes da cor de pedra e tinham excelente treinamento.

O rei olhou para seu tremendo exército, disposto em silêncio diante dele, e um sorriso cruel curvou os cantos de sua boca, pois ele viu que suas legiões eram muito poderosas. Então, dirigiu-se a eles da varanda dizendo:

– Expulsei o general Blug, porque ele não me agradava. Portanto, quero outro general para comandar este exército. Quem é o próximo na hierarquia?

– Sou eu – respondeu o coronel Crinkle, um nomo elegante, dando um passo à frente para saudar seu monarca.

O rei olhou-o atentamente e disse:

– Quero que marche com esse exército por um túnel subterrâneo, que vou abrir, até a Cidade das Esmeraldas de Oz. Quando chegar lá, quero que conquiste o povo de Oz, destrua as pessoas e a cidade, e traga todo o ouro, prata e pedras preciosas a minha caverna. Também deve recapturar o cinto mágico e devolvê-lo a mim. Pode fazer isso, general Crinkle?

– Não, Vossa Majestade – respondeu o nomo –, pois é impossível.

– Ah, sim! – exclamou o rei. Então, virou-se a seus servos e disse: – Por favor, leve o general Crinkle à câmara de tortura. Lá, deverão gentilmente cortá-lo em pedacinhos. Depois, podem dá-lo de comer aos cães de sete cabeças.

– O que Vossa Majestade mandar – responderam os servos, com educação, e levaram o condenado.

Quando tinham ido embora, o rei dirigiu-se de novo ao exército.

– Ouçam! – disse ele. – O general que comandará meu exército deve prometer executar minhas ordens. Se falhar, terá o mesmo destino do pobre Crinkle. Agora, então, quem vai se oferecer para liderar meus soldados à Cidade das Esmeraldas?

Por um tempo, ninguém se mexeu. Todos ficaram em silêncio. Então, um velho nomo, com bigodes brancos, tão longos que eram amarrados em torno

de sua cintura para que não tropeçasse, saiu da posição e saudou o rei.

– Gostaria de fazer algumas perguntas, Vossa Majestade – disse ele.

– Vá em frente – respondeu o rei.

– O povo de Oz é bastante bom, não é?

– Bom como uma torta de maçã – falou o rei.

– E é feliz, suponho? – continuou o velho nomo.

– Tão feliz quanto o dia é longo – confirmou o rei.

– E estão satisfeitos e prósperos? – questionou o nomo.

– Muito – disse o rei.

– Bem, Vossa Majestade – comentou o de bigodes brancos –, gostaria de aceitar a missão, então, serei seu general. Odeio pessoas boas; detesto pessoas felizes; oponho-me a qualquer um que seja satisfeito e próspero. É por isso que gosto tanto de Vossa Majestade. Faça-me seu general e prometo conquistar e destruir o povo de Oz. Se fracassar, estarei disposto a ser cortado em pedacinhos e jogado aos cachorros de sete cabeças.

– Muito bom! Muito bom, mesmo! É assim que se fala! – gritou Roquat, o Vermelho, muito contente. – Qual é seu nome, general?

– Eu me chamo Guph, Vossa Majestade.

– Bem, Guph, venha comigo a minha caverna particular e vamos conversar – então ele se virou para seu exército. – Nomos e soldados – disse ele –, vocês devem obedecer às ordens do general Guph, até ele ser jogado aos cachorros. Qualquer um que não obedeça a esse novo general será imediatamente expulso. Agora, estão dispensados.

Guph foi à caverna particular do rei, sentou-se numa cadeira de ametista e colocou os pés no braço do trono de rubi do rei. Então, acendeu seu cachimbo, jogou a brasa acesa que pegara do bolso no pé esquerdo do rei, bafou a fumaça nos olhos do rei e se acomodou. Pois era um velho nomo sábio e entendia que a melhor forma de conviver com Roquat, o Vermelho, era mostrar que não tinha medo dele.

– Estou pronto para a conversa, Vossa Majestade – disse ele.

O rei tossiu e olhou com ferocidade para seu novo general.

– Não tem medo de tomar tais liberdades com seu monarca? – perguntou.

– Ah, não – respondeu Guph, calmamente, e soltou uma nuvem de fumaça que envolveu o nariz do rei e o fez espirrar. – Você quer conquistar a Cidade das Esmeraldas, e eu sou o único nomo em todos os seus domínios capaz disso. Então, tem de tomar muito cuidado para não me machucar até eu executar seus desejos. Depois disso...

– É, e depois? – questionou o rei.

– Vai estar tão grato que não vai querer me machucar – respondeu o general.

– É um ótimo argumento – disse Roquat. – Mas e se você fracassar?

– Aí, vou para a fatiadora. Concordo – anunciou Guph. – Mas, se fizer o que digo, não haverá fracasso. O seu problema, Roquat, é que não pensa com cuidado. Eu, sim. Você quer marchar pelo seu túnel até Oz, ser derrotado e expulso. Eu, não. E o motivo pelo qual não vou fazer isso é que, quando marchar, vou ter todos os meus planos e um rol de aliados para auxiliar meus nomos.

– O que quer dizer com isso? – perguntou o rei.

– Vou explicar, rei Roquat. Você vai atacar um país bom e, aliás, um país bom e poderoso. Não tem um exército muito grande em Oz, mas a princesa que governa tem uma varinha mágica; e a garotinha Dorothy tem seu cinto mágico; e ao norte da Cidade das Esmeraldas vive uma bruxa esperta chamada Glinda, a Boa, que comanda os espíritos do ar. Também ouvi falar que há um maravilhoso mágico no palácio de Ozma, tão habilidoso que, nos Estados Unidos, as pessoas pagavam para vê-lo apresentar-se. Então, entende, não vai ser fácil superar toda essa mágica.

– Temos cinquenta mil soldados! – berrou o rei, orgulhoso.

– Sim, mas são nomos – comentou Guph, e pegou um lenço de seda do bolso do rei para limpar os próprios sapatos pontudos. – Os nomos são imortais, mas não são fortes em mágica. Quando você perdeu seu famoso cinto, a maior parte de seu poder se foi. Contra Ozma, você e seus nomos não têm vantagem nenhuma.

Os olhos de Roquat brilharam de raiva.

– Então, para a fatiadora! – gritou ele.

– Ainda não – disse o general, enchendo seu cachimbo com o tabaco da bolsinha particular do rei.

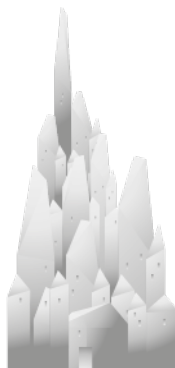
– O que propõe fazer? – perguntou o monarca.

– Proponho obter o poder de que precisamos – respondeu Guph. – Há muitas criaturas do mal com poderes mágicos suficientes para destruir e conquistar a Terra de Oz. Vamos trazê-las para o nosso lado, uni-las e pegar Ozma e seu povo de surpresa. É tudo muito simples e fácil quando se sabe como. Sozinhos, seríamos incapazes de machucar a governante de Oz, mas, com a ajuda dos poderes do mal que podemos convocar, vamos conseguir facilmente.

O rei Roquat ficou radiante com a ideia, pois percebeu que era inteligente.

– Guph, você certamente é o maior general que já tive! – exclamou ele. – Vá imediatamente fazer os arranjos com os poderes do mal para ajudar-nos, e, enquanto isso, começarei a cavar o túnel.

– Achei mesmo que fosse concordar comigo – respondeu o novo general. – Vou começar esta tarde mesmo, visitando o chefe dos esquisitões.



COMO DOROTHY TORNOU-SE PRINCESA

Quando o povo da Cidade das Esmeraldas ficou sabendo que Dorothy tinha voltado, todos ficaram ansiosos para vê-la, pois a garotinha era muito querida na Terra de Oz. De tempos em tempos, alguns cidadãos do grande mundo externo encontravam essa terra de fantasias, mas todos, exceto um, tinham vindo como companheiros de Dorothy e se mostrado pessoas muito agradáveis. A exceção de quem falo é o Maravilhoso Mágico de Oz, um artista do ilusionismo que subiu num balão e foi carregado por uma corrente de ar até a Cidade das Esmeraldas. Seus truques esquisitos e intrigantes fizeram o povo de Oz acreditar por um tempo que ele era um grande mágico, até Dorothy chegar por ocasião de sua primeira visita e mostrar que o Mágico era apenas um farsante. Era um homenzinho gentil e bondoso, e, depois disso, Dorothy passou a gostar dele. Quando, depois de uma ausência, o Mágico voltou à Terra de Oz, Ozma o recebeu graciosamente e deu-lhe um lar numa parte do palácio.

Além do Mágico, dois outros personagens do mundo externo tinham recebido permissão para viver na Cidade das Esmeraldas. O primeiro foi o Homem-Farrapo, que Ozma tornara chefe dos Armazéns Reais, e o segundo era uma galinha amarela, chamada Billina, que tinha uma linda casa nos jardins, nos fundos do palácio, onde cuidava de uma grande família. Ambos eram velhos companheiros de Dorothy, então, dá para ver que a garotinha era uma personagem bem importante em Oz, e o povo achava que ela trazia boa sorte, e a amava quase tanto quanto a Ozma. Durante várias de suas visitas, a garotinha tinha sido um instrumento para destruir duas bruxas más que

oprimiam o povo e também tinha descoberto um espantalho vivo, que hoje era um dos personagens mais populares em todo o país. Com a ajuda do Espantalho, ela resgatara Nick Lenhador, o Homem de Lata, que enferrujara numa floresta solitária, e esse homem de lata agora era imperador do País dos Winkies, muito amado por seu bom coração. Não é de espantar que o povo achasse que Dorothy trazia boa sorte! Mas, por mais estranho que pareça, ela tinha conseguido todas essas maravilhas não porque era fada ou tinha qualquer poder mágico, mas porque era uma garotinha simples, doce e honesta consigo mesma e com todos aqueles a quem conhecia. Neste mundo em que vivemos, simplicidade e gentileza são as únicas varinhas mágicas que funcionam, e na Terra de Oz Dorothy descobriu que essas mesmas qualidades lhe valiam o amor e a admiração das pessoas. E até mesmo na terra de fantasias, a garotinha havia feito muitos bons amigos, e o único luto real experimentado pelos cidadãos de Oz foi quando Dorothy os deixou e voltou para sua casa no Kansas.

Agora, ela era recebida com alegria, embora apenas Ozma soubesse de início que ela finalmente chegara para ficar para sempre.

Naquela noite, Dorothy recebeu muitas visitas, entre elas algumas pessoas importantes como Tic-Tac, o Homem-Máquina que pensava, falava e era movido por meio de um maquinário de relógio; seu velho companheiro, o cordial Homem-Farrapo; Jack Cabeça de Abóbora, cujo corpo era de madeira de árvore e cuja cabeça era uma abóbora madura com um rosto entalhado; o Leão Covarde e o Tigre Faminto, duas grandes bestas da floresta que serviam à princesa Ozma; e o professor M. A. Besourão, I. I. Esse besourão era uma criatura incrível. Certa vez, fora um pequeno inseto, que rastejava numa sala de aula, mas foi descoberto e muitíssimo aumentado para poder ser visto melhor e, enquanto estava nessa condição, escapara. Ficou grande para sempre e se vestia como um dândi, e tinha tanto conhecimento e informação (que são coisas distintas), que se tornara professor e reitor da Faculdade Real de Atletismo Científico.

As visitas de todos esses velhos amigos foram boas, e Dorothy também conversou muito com o Mágico, que era baixinho, velho e murcho, mas alegre e ativo como uma criança. Depois, ela foi ver a família cada vez maior de pintinhos de Billina.

Totó, cachorrinho preto de Dorothy, também foi recebido com cordialidade. Totó era amigo especialmente do Homem-Farrapo, e conhecia todos os outros. Sendo o único cachorro da Terra de Oz, era altamente

respeitado pelas pessoas, que acreditavam que os animais mereciam toda a consideração, caso se comportassem adequadamente.

Dorothy tinha quatro lindos cômodos no palácio, sempre reservados para ela e chamados “apostos de Dorothy”. Consistiam numa linda sala de estar, um quarto de vestir, um delicado quarto de dormir e um grande banheiro de mármore. E nesses cômodos havia tudo o que ela pudesse desejar, posicionado com amorosa atenção por Ozma para que sua amiga usasse. As costureiras reais tinham as medidas da garota, então, mantinham os armários no quarto de vestir cheios de lindos vestidos de todos os tipos, adequados para qualquer ocasião. Não era surpresa que Dorothy não tivesse levado consigo seus velhos vestidos de guingão e morim! Aqui, havia tudo em profusão de que o coração de uma garotinha gostava, e nada mais rico ou belo poderia ser achado nas maiores lojas de departamento dos Estados Unidos. Claro, Dorothy gostava de todos esses luxos, e o único motivo que tinha, até então, para preferir morar no Kansas era que seus tios a amavam e precisavam dela ali.

Agora, porém, tudo iria mudar, e Dorothy estava mais feliz em saber que seus queridos familiares também iriam compartilhar de sua sorte e desfrutar das delícias da Terra de Oz do que somente ela ter tais luxos.

Na manhã seguinte, a pedido de Ozma, Dorothy vestiu-se com um lindo vestido de rica seda azul-celeste, com pérolas verdadeiras na barra. As fivelas dos sapatos também eram incrustadas de pérolas, e havia mais dessas valiosas joias num belo diadema que ela usava na cabeça.

– Pois – disse a amiga Ozma –, de agora em diante, minha querida, você deve assumir sua posição de direito como princesa de Oz e, sendo minha companheira escolhida, deve vestir-se de forma adequada à dignidade de seu *status*.

Dorothy concordou, embora soubesse que nem vestidos nem joias podiam transformá-la em outra coisa que não a garota simples e genuína que sempre fora.

Assim que terminaram o café da manhã – que as duas tomaram juntas no lindo toucador de Ozma –, a governante de Oz disse:

– Agora, querida amiga, vamos usar o cinto mágico para transportar seus tios, do Kansas para a Cidade das Esmeraldas. Mas acho que, para receber convidados tão distintos, seria apropriado estarmos em minha Sala do Trono.

– Ah, eles não são tão distintos – disse Dorothy. – São pessoas comuns, como eu.

– Sendo seus amigos e familiares, princesa Dorothy, são certamente

distintos – respondeu a governante, com um sorriso.

– Eles... Eles não vão saber o que achar de todos os seus móveis e coisas esplêndidas – protestou Dorothy, séria. – Podem assustar-se ao ver sua grande Sala do Trono, e talvez fosse melhor irmos para o quintal dos fundos, Ozma, onde crescem os repolhos e as galinhas brincam. Isso pareceria mais natural para tio Henry e tia Em.

– Não; eles devem ver primeiro minha Sala do Trono – respondeu Ozma, decidida; e quando falou naquele tom, Dorothy soube que não era sábio opor-se a ela, pois Ozma estava acostumada a conseguir o que queria.

Então, juntas, foram à Sala do Trono, uma imensa câmara em formato de domo no centro do palácio. Lá ficava o trono real, feito de ouro sólido e incrustado com pedras preciosas suficientes para encher dezenas de joalherias em nosso país.

Ozma, que estava vestindo o cinto mágico, sentou-se no trono, e Dorothy sentou-se aos pés dela. Na sala estavam reunidas muitas damas e cavalheiros da corte, vestidos ricamente e com lindas joias. Dois imensos animais estavam agachados um de cada lado do trono – o Leão Covarde e o Tigre Faminto. Num balcão bem no alto do domo, uma orquestra tocava doces músicas e, sob o domo, duas fontes elétricas soltavam raios de água colorida e perfumada, quase tão altos quanto o céu arqueado.

– Está pronta, Dorothy? – perguntou a governante.

– Estou – respondeu Dorothy –, mas não sei se tia Em e tio Henry estarão.

– Não tem importância – declarou Ozma. – A vida antiga será de muito pouco interesse para eles, e quanto antes começarem a nova vida aqui, mais felizes serão. Lá vêm eles, minha querida!

Enquanto ela falava, diante do trono apareceram tio Henry e tia Em, que por um momento ficaram imóveis, olhando com o rosto pálido para a cena diante deles. Se as damas e os cavalheiros presentes não fossem tão educados, tenho certeza de que teriam rido dos dois estranhos.

Tia Em estava com a saia de morim “presa” e vestia um avental xadrez azul. O cabelo estava bem despenteado e ela usava um par dos velhos chinelos de tio Henry. Numa mão, segurava um pano de prato e, na outra, um prato rachado de cerâmica, que estava secando quando foi transportada de forma tão repentina para a Terra de Oz.

Tio Henry, no momento da convocação, estava no celeiro “cuidando dos afazeres”. Vestia um chapéu de palha esgarçado e bastante sujo, uma camisa xadrez sem colarinho e macacão azul enfiado no topo de suas velhas botas de

couro.

– Minha nossa! – engasgou tio Henry, olhando ao redor, confuso.

– Mas ora! – balbuciou tia Em, numa voz rouca e assustada. Então, seus olhos caíram sobre Dorothy, e ela disse: – N-n-n-não parece nossa garotinha, Henry? Nossa Dorothy?

– Olá... Cuidado, Em! – exclamou o velho, quando tia Em deu um passo à frente. – Tome cuidado com as feras ou vai ser seu fim!

Mas, agora, Dorothy deu um salto à frente e abraçou e beijou a tia e o tio carinhosamente, segurando-lhes as mãos.

– Não tenha medo – disse ela aos dois. – Agora vocês estão na Terra de Oz, onde vão viver para sempre, confortáveis e felizes. Nunca mais precisarão se preocupar com nada, porque não haverá nada com que se preocupar. E devem tudo à bondade de minha amiga, a princesa Ozma.

Então, ela os levou diante do trono e continuou:

– Vossa Alteza, este é tio Henry. E esta é tia Em. Querem agradecê-la por trazer-lhes do Kansas para cá.

Tia Em tentou “arrumar” o cabelo e escondeu o pano de prato e o prato sob o avental, enquanto fazia uma mesura à adorável Ozma. Tio Henry tirou o chapéu de palha e o segurou desajeitado nas mãos.

Mas a governante de Oz levantou-se de seu trono para cumprimentar seus convidados recém-chegados e sorriu docemente para eles, como se fossem um rei e uma rainha.

– Vocês são muito bem-vindos aqui, onde os trouxe pelo bem da princesa Dorothy – disse, graciosa –, e espero que sejam muito felizes em seu novo lar – então, virou-se para seus cortesãos, que olhavam a cena silenciosos e sérios, e acrescentou: – Apresento a meu povo os amados tio Henry e tia Em de nossa princesa Dorothy, que a partir de agora serão súditos de nosso reino. Ficarei feliz se os tratarem com toda a gentileza e honra, unindo-se a mim para deixá-los felizes e satisfeitos.

Ao ouvir isso, todos os reunidos fizeram uma mesura baixa e respeitosa ao velho fazendeiro e a sua esposa, que balançaram a cabeça de volta.

– E agora – disse Ozma a eles –, Dorothy os levará aos cômodos preparados para vocês. Espero que gostem, e os aguardo para o almoço.

Então, Dorothy levou os familiares e, assim que saíram da Sala do Trono para o corredor, tia Em apertou a mão de Dorothy e disse:

– Menina, menina! Que diabos, como chegamos aqui tão rápido? E é tudo real? E vamos ficar aqui, como ela diz? E o que tudo isso quer dizer?

Dorothy riu.

– Por que não nos disse o que ia fazer? – inquiriu tio Henry, numa reprimenda. – Se eu soubesse, teria colocado minha roupa de domingo.

– Vou explicar tudo assim que chegarmos aos seus aposentos – prometeu Dorothy. – Vocês têm muita sorte, tio Henry e tia Em; e eu também! E... ah! Estou muito feliz de finalmente estarem aqui!

Caminhando ao lado da garotinha, tio Henry passou as mãos pelos bigodes, pensativo.

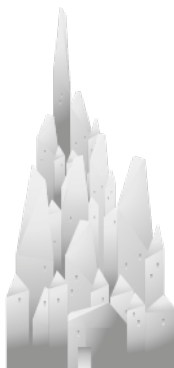
– Pois me parece, Dorothy, que não vamos dar fadas muito bonitas – comentou ele.

– E os meus pelos nas costas são horríveis! – completou tia Em.

– Não tem importância – retorquiu a garotinha, confortando-os. – Não vai precisar fazer nada a não ser embelezar-se, tia Em; e tio Henry não vai precisar trabalhar até as costas doerem, isso é certo.

– Tem certeza? – perguntaram, maravilhados e ao mesmo tempo incrédulos.

– É claro que tenho – disse Dorothy. – Vocês estão na Terra de Fantasia de Oz agora; e, mais do que isso, este é seu lugar!



COMO GUPH VISITOU OS ESQUISITÕES

O novo general do exército do rei Nomo sabia perfeitamente bem que fracassar em seus planos significava a própria morte. Mas ele não estava ansioso nem preocupado. Odiava todo mundo que era bom e desejava tornar infelizes todos os que eram felizes. Portanto, tinha aceitado essa perigosa posição de general bastante disposto, tendo certeza em sua mente má que faria muita maldade e, finalmente, conquistaria a Terra de Oz.

Mas Guph estava determinado a tomar cuidado e dispor bem seus planos, para não fracassar. Ele argumentava que só pessoas descuidadas falham no que tentam fazer.

As montanhas embaixo das quais ficavam as extensas cavernas do rei Nomo estavam agrupadas logo ao norte da Terra de Ev, que ficava diretamente do outro lado do Deserto Mortal a leste da Terra de Oz. Como as montanhas também ficavam na beirada do deserto, o rei Nomo viu que só tinha que cavar embaixo do deserto para chegar aos domínios de Ozma. Ele não queria que seus exércitos aparecessem na superfície no País dos Winkies, que fazia parte da Terra de Oz mais próxima do país do próprio rei Roquat, pois as pessoas de lá soariam o alarme e permitiriam que Ozma fortificasse a Cidade das Esmeraldas e montasse um exército. Ele queria pegar todo o povo de Oz de surpresa, então, decidiu passar o túnel direto até a Cidade das Esmeraldas, onde ele e seus soldados poderiam subir do chão sem alerta e conquistar as pessoas antes que elas tivessem tempo para defender-se.

Roquat, o Vermelho, começou a trabalhar imediatamente em seu túnel,

colocando mil mineiros nessa tarefa e construindo-o com altura e largura o bastante para seu exército marchar com facilidade. Os nomos estavam acostumados a fazer túneis, já que todo o reino onde viviam era subterrâneo, então, fizeram progresso rapidamente.

Enquanto esse trabalho acontecia, o general Guph foi sozinho visitar o chefe dos esquisitões.

Esses esquisitões eram pessoas curiosas que viviam num país próprio, afastado. Tinham corpos grandes e fortes, mas cabeças muito pequenas, pouco maiores que uma maçaneta. Claro, cabeças tão pequenas não podiam conter nenhum grande cérebro, e os esquisitões tinham tanta vergonha de sua aparência pessoal e falta de senso comum que usavam uma grande cabeça feita de cartolina, que prendiam por cima da cabeça pequena. Nessas cartolinas, eles costuravam lã de ovelha como cabelo, e a lã era colorida de muitos tons – cor-de-rosa, verde e lavanda eram as cores favoritas. O rosto dessas cabeças falsas eram pintados de maneiras ridículas, segundo os impulsos do proprietário, e essas criaturas grandes e corpulentas pareciam tão excêntricas e absurdas com suas máscaras esquisitas que ganharam o nome de “esquisitões”. Imaginavam tolaemente que ninguém suspeitaria das cabecinhas dentro das falsas, sem saber que é uma bobagem tentar ter uma aparência diferente da que a natureza nos deu.

O chefe dos esquisitões era tão pouco sábio quanto os outros, e fora escolhido como chefe meramente porque nenhum deles era mais sábio ou capaz de governar. Os esquisitões eram espíritos do mal e não podiam ser mortos. Eram detestados e temidos por todos, e conhecidos como terríveis lutadores por serem tão fortes e musculosos, e sem noção o bastante para saber quando eram derrotados.

O general Guph achou que os esquisitões podiam ser uma grande ajuda aos nomos na conquista de Oz, pois, sob sua liderança, seriam induzidos a lutar enquanto pudessem ficar de pé. Então, ele viajou ao país deles e pediu para ver o chefe, que morava numa casa com uma imagem de sua grotesca cabeça falsa pintada em cima da porta.

A cabeça falsa do chefe tinha cabelo azul, nariz virado para cima e boca que ocupava metade do rosto. Grandes olhos verdes haviam sido pintados, mas no centro do queixo havia dois pequenos furos feitos na cartolina para que o chefe pudesse ver através deles com seus próprios olhos minúsculos; pois, quando a cabeça grande era presa em seus ombros, os olhos de sua cabeça natural ficavam na altura do queixo falso.

O general Guph disse ao chefe dos esquisitões:

– Nós, nomos, pretendemos conquistar a Terra de Oz e capturar o cinto mágico de nosso rei, que o povo de Oz roubou. Depois, vamos saquear e destruir todo o país. E queremos que os esquisitões nos ajudem.

– Vai ter luta? – perguntou o chefe.

– Muita – respondeu Guph.

Isso deve ter agradado ao chefe, que levantou e dançou três vezes pela sala. Então, sentou-se de novo, ajustou sua cabeça falsa e disse:

– Não temos problema com Ozma de Oz.

– Mas vocês, esquisitões, amam lutar, e aqui está uma esplêndida chance de fazê-lo – exortou Guph.

– Espere até eu cantar uma música – falou o chefe. Então, recostou-se em sua cadeira e cantou uma música que não parecia ao general ter qualquer significado, embora ele tenha ouvido com cuidado. Ao terminar, o chefe dos esquisitões olhou para ele pelos buracos do queixo e perguntou:

– Que recompensa nos dará se ajudarmos?

O general estava preparado para essa pergunta, pois tinha pensado no assunto durante a viagem. As pessoas muitas vezes fazem uma boa ação sem esperar recompensa, mas uma má ação sempre exige pagamento.

– Quando conseguirmos nosso cinto mágico – respondeu ele –, nosso rei, Roquat, o Vermelho, usará seu poder para dar a todos os esquisitões uma cabeça natural tão grande e bela quanto a falsa que hoje usam. Aí, não terão mais vergonha do corpo grande e forte e da cabeça tão pequetita.

– Ah! Vão mesmo fazer isso? – questionou o chefe, ansioso.

– Com certeza vamos – prometeu o general.

– Vou falar com meu povo – disse o chefe.

Então, ele convocou uma reunião de todos os esquisitões e falou da oferta feita pelos nomos. As criaturas ficaram animadíssimas com a troca e concordaram na hora em lutar pelo rei Nomo e ajudá-lo a conquistar Oz.

Só um esquisitão parecia ter um mínimo de bom senso, pois perguntou:

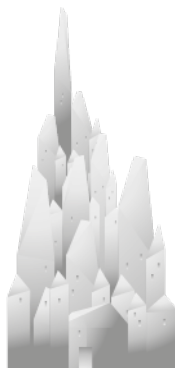
– E se não conseguirmos capturar o cinto mágico? Aí, o que vai acontecer e de que valerá nossa luta?

Mas eles o jogaram no rio por fazer perguntas idiotas e riram quando a água arruinou sua cabeça de cartolina antes de ele conseguir sair.

Então, o trato foi feito, e o general Guph ficou muito satisfeito com seu sucesso em conseguir aliados tão poderosos.

Mas havia também outros, tão poderosos quanto os esquisitões, que o velho

no mo esperto tinha decidido trazer para seu lado.



COMO TIA EM CONQUISTOU O LEÃO

– Esses são seus aposentos – disse Dorothy, abrindo uma porta.

Tia Em deu um passo para trás ao ver as esplêndidas mobílias e cortinas.

– Não tem um lugar para limpar meus pés? – perguntou.

– Logo vão trocar os chinelos por sapatos novos – respondeu Dorothy. – Não tenha medo, tia Em. É aqui que vocês vão viver, então, entrem e sintam-se em casa.

Tia Em avançou hesitante.

– É melhor que o Hotel Topeka! – gritou, admirada. – Mas este lugar é grande demais para nós, menina. Não podemos ficar com algum quarto dos fundos, no sótão, mais adequado a nossa classe?

– Não – disse Dorothy. – Vocês têm que viver aqui, porque Ozma determinou assim. E todos os cômodos do palácio são tão lindos quanto estes, e alguns ainda mais. Não adianta fazer alvoroço, tia Em. Na Terra de Oz é preciso ser chique e elegante, querendo ou não, então é melhor decidir-se a fazê-lo.

– É um azar – respondeu a tia, olhando ao redor com uma expressão admirada –, mas a gente se acostuma com tudo, se tentar. Não é, Henry?

– Bem, quanto a isso – disse tio Henry, lentamente –, acredito em aceitar o que a gente recebe sem fazer perguntas. Já viajei um tanto, Em, no meu tempo, e você não; e essa é a diferença entre nós.

Então, Dorothy mostrou-lhes os cômodos. O primeiro era uma bela sala de estar, com janelas que davam para o jardim das rosas. Depois, vinham quartos separados para tia Em e tio Henry, com um lindo banheiro entre eles. Tia Em tinha um bonito quarto de vestir, também, e Dorothy abriu os armários e mostrou várias roupas belíssimas fornecidas à tia pelas costureiras reais, que tinham trabalhado a noite toda para aprontá-las. Tudo de que tia Em podia precisar estava nas gavetas e nos cabides, e sua penteadeira estava coberta com artigos de higiene inscritos em dourado.

Tio Henry tinha nove ternos, cortados à moda popular entre os munchkins, com calças na altura dos joelhos, meias de seda e sapatos baixos com fivelas de joias. Os chapéus que combinavam com essas roupas eram pontudos, com abas largas e pequenos sinos dourados na borda. As camisas eram de linho fino, com babados no peito, e os coletes eram ricamente bordados com seda colorida.

Tio Henry decidiu que ia primeiro tomar um banho e, depois, vestir-se com um terno de cetim azul que tinha chamado sua atenção. Aceitou sua sorte com calma e compostura, e recusou a assistência de um servo. Mas tia Em estava “cheia de palpitações”, como disse, e Dorothy e Jellia Jamb, a governanta, mais duas empregadas, levaram muito tempo para vesti-la, penteá-la e deixá-la “arrumada feito uma arara”, como ela curiosamente expressou. Ela queria parar e admirar tudo o que chamava sua atenção, e suspirava o tempo todo, declarando que aqueles luxos eram demais para uma velha mulher do campo, e que ela nunca pensara que teria que “se exibir” com a sua idade.

Finalmente, ela se vestiu e, quando saiu para a sala de estar, lá estava tio Henry com seu cetim azul, andando sério para lá e para cá. Ele tinha aparado a barba e o bigode, e estava muito digno e respeitável.

– Diga-me, Dorothy – disse ele –, todos os homens usam roupas assim?

– Sim – respondeu ela –, todos menos o Espantalho e o Homem-Farrapo, e, claro, o Homem de Lata e Tic-Tac, que são feitos de metal. Você vai ver todos os homens da corte de Ozma vestidos igualmente a você, talvez só um pouco mais elegantes.

– Henry, você parece um ator – anunciou tia Em, olhando criticamente para seu marido.

– E você, Em, está mais pomposa que um pavão – respondeu ele.

– Acho que você tem razão – disse ela, sentida –, mas somos vítimas da realeza elegante.

Dorothy divertiu-se muito.

– Venham comigo – disse ela –, vou mostrar-lhes o palácio.

Ela os levou pelos belos cômodos e os apresentou a todos que encontraram. Também lhes mostrou seus próprios aposentos lindos, que não ficavam muito longe dos deles.

– Então, é tudo verdade – disse tia Em, de olhos arregalados de espanto –, o que Dorothy nos contava sobre esta terra de fantasias, não sonhos! Mas onde estão todas as estranhas criaturas que você conhece por aqui?

– Sim, onde está o Espantalho? – inquiriu tio Henry.

– Bem, ele agora está em visita ao Homem de Lata, que é imperador do País dos Winkies – respondeu a garotinha. – Vocês vão vê-lo quando ele voltar, e com certeza gostarão dele.

– E onde está o Maravilhoso Mágico? – quis saber tia Em.

– Vão vê-lo no almoço de Ozma, pois ele mora no palácio – foi a resposta.

– E Jack Cabeça de Abóbora?

– Ah, ele mora fora da cidade, em seu próprio campo de abóboras. Vamos lá vê-lo uma hora dessas e também visitar o professor Besourão. O Homem-Farrapo vai estar no almoço, acho, e Tic-Tac também. Agora, vou levá-los para ver Billina, que tem sua própria casa.

Então, eles foram para o quintal e, depois de andar um pouco por caminhos tortuosos pelos bonitos jardins, chegaram a uma casinha charmosa, onde a galinha amarela estava sentada na varanda da frente, tomando sol.

– Bom dia, minha cara senhora – cumprimentou Billina, pulando até eles. – Estava esperando sua visita, pois fiquei sabendo que tinha voltado e trazido seus tios contigo.

– Estamos aqui de vez, agora, Billina – falou Dorothy, alegre. – Tio Henry e tia Em agora são de Oz tanto quanto eu!

– Então, eles têm muita sorte – declarou Billina –, pois não há lugar melhor para se viver. Mas venha, querida, preciso mostrar-lhe todas as minhas Dorothys. Nove sobreviveram e se transformaram em galinhas muito respeitáveis, mas uma pegou friagem na festa de aniversário e morreu de pevide, e outras duas acabaram sendo galos horrendos, então, tive que mudar o nome delas de Dorothy para Daniel. Todos tinham a letra “D” gravada em seus medalhões, lembra, com sua foto dentro, e “D” pode ser tanto de Daniel quanto de Dorothy.

– Você batizou os dois galos de Daniel? – perguntou tio Henry.

– Ah, sim. Tive nove Dorothys e dois Daniels; e as nove Dorothys tiveram oitenta e seis filhos e filhas, e mais de trezentos netos – disse Billina, orgulhosa.

– E qual o nome de todos eles, querida? – inquiriu a garotinha.

– Ah, são todos Dorothy e Daniel, alguns Júnior e outros Duplo-Júnior. Dorothy e Daniel são dois bons nomes, e não vejo motivo para procurar outros – declarou a galinha amarela. – Mas pense só, Dorothy, que grande família de aves nos tornamos, e nossos números aumentam quase todo dia! Ozma não sabe o que fazer com todos os ovos que pomos, e nunca somos comidos nem maltratados de qualquer forma, como as galinhas em seu país. Eles nos dão tudo para ficarmos satisfeitos e felizes, e eu, minha querida, sou reconhecida como rainha e governadora de todas as galinhas e galos em Oz, porque sou a mais velha e comecei a colônia.

– Você deve estar muito orgulhosa, senhora – disse tio Henry, abismado de ouvir uma galinha falar de forma tão sensata.

– Ah, eu estou – respondeu ela. – Tenho o colar de pérolas mais lindo que você já viu. Entre, vou mostrar. E tenho nove pulseiras de perna e um broche de diamante para cada asa. Mas só uso em ocasiões de Estado.

Eles entraram na casa atrás da galinha amarela, e tia Em declarou que o lugar estava impecável. Eles não podiam sentar, porque todas as cadeiras de Billina eram poleiros feitos de prata; então, precisaram ficar de pé enquanto a galinha mostrava-lhes, espalhafatosa, todos os seus tesouros.

Aí, precisaram ir até os quartos dos fundos ocupados pelas nove Dorothys e dois Daniels de Billina, todas aves gorduchas e amarelas, que cumprimentaram os visitantes com muita educação. Era fácil de ver que eram bem criadas e que Billina cuidava da educação delas.

No quintal ficavam todos os filhos e netos dessas onze mais velhas, e eram de todos os tamanhos, de crescidos até pequenos pintinhos acabados de sair da casca. Cerca de quinze pequenos fofinhos e amarelos estavam na escola, aprendendo boas maneiras e gramática com uma jovem galinha de óculos. Cantavam em coro uma canção patriótica da Terra de Oz, em homenagem a seus visitantes, e tia Em ficou muito impressionada com aquelas galinhas falantes.

Dorothy queria ficar brincando com os pintinhos um pouco, mas tio Henry e tia Em não tinham visto os jardins do palácio ainda e estavam ansiosos para conhecer melhor a maravilhosa e incrível terra na qual iam viver.

– Vou ficar aqui, e vocês podem ir caminhar – disse Dorothy. – Vão estar perfeitamente seguros em qualquer lugar e podem fazer o que quiserem. Quando se cansarem, voltem ao palácio e encontrem seus aposentos, e eu vou buscá-los quando o almoço estiver pronto.

Então, tio Henry e tia Em foram sozinhos explorar o terreno, e Dorothy sabia que não podiam se perder, porque todo o terreno do palácio era cercado por um alto muro de mármore verde, incrustado de esmeraldas.

Era um raro deleite para esse casal simples, que morara no campo a vida inteira e tivera pouca diversão, de qualquer tipo que fosse, e muito menos usar roupas lindas e morar num palácio, e ser tratado com consideração e respeito por todos ao redor. Estavam mesmo muito felizes enquanto andavam pelos passeios sombreados e olhavam as lindas flores e arbustos, sentindo que sua nova casa era mais linda do que qualquer idioma seria capaz de descrever.

De repente, ao virarem uma esquina e atravessarem uma abertura numa cerca alta, eles se depararam com um enorme Leão, que se agachou no gramado verde e pareceu surpreso com a aparição deles.

Pararam de chofre, tio Henry tremendo de horror, e tia Em aterrorizada demais para gritar. No momento seguinte, a pobre mulher agarrou o pescoço do marido e gritou:

– Salve-me, Henry, salve-me!

– Não consigo salvar nem a mim mesmo, Em – devolveu ele, numa voz rouca –, esse animal parece que pode comer nós dois e lamber os beiços querendo mais. Se eu tivesse uma arma...

– E não tem, Henry? Não tem? – perguntou ela, ansiosa.

– Nada de arma, Em. Então, vamos morrer com a maior coragem e graça que pudermos. Sabia que nossa sorte não ia durar.

– Eu não vou morrer. Não vou ser comida por um leão! – gemeu Em, olhando com raiva para a enorme fera. Então, ocorreu-lhe um pensamento, e ela sussurrou: – Henry, ouvi dizer que feras selvagens podem ser conquistadas pelo olhar humano. Vou olhar esse leão com um semblante sério e salvar nossa vida.

– Pode tentar, Em – retornou ele, também num sussurro. – Olhe para ele como olha para mim quando estou atrasado para o jantar.

Tia Em virou-se para o leão com um semblante determinado e um olhar loucamente dilatado. Ela mirou a fera imensa sem vacilar, e o Leão, que piscava silenciosamente para eles, começou a parecer desconfortável e perturbado.

– Algum problema, senhora? – perguntou, numa voz suave.

Com essa fala da terrível fera, tia Em e tio Henry assustaram-se, e então tio Henry lembrou que devia ser o Leão que tinham visto na Sala do Trono de Ozma.

– Espera aí, Em! – exclamou ele. – Para com a conquista com olho de água e toma coragem. Acho que é o mesmo Leão Covarde de que Dorothy nos falou.

– Ah, é? – gritou ela, muito aliviada.

– Quando ele falou, tive essa impressão; e quando ele pareceu envergonhado, tive certeza – continuou tio Henry.

Tia Em olhou o animal com interesse renovado.

– Você é o Leão Covarde? – perguntou ela. – É amigo de Dorothy?

– Sim, senhora – respondeu o Leão, dócil. – Dorothy e eu somos velhos amigos e gostamos muito um do outro. Sou o Rei das Feras, sabe, e o Tigre Faminto e eu servimos como guarda-costas da princesa Ozma.

– É claro – disse tia Em, assentindo. – Mas o Rei das Feras não devia ser covarde.

– Já ouvi isso antes – comentou o Leão, bocejando até mostrar duas grandes fileiras de dentes brancos e afiados –, mas não me impede de ficar assustado quando entro numa batalha.

– E o que você faz, foge? – perguntou tio Henry.

– Não, isso seria uma tolice, pois o inimigo iria atrás de mim – declarou o Leão. – Então, tremo de medo e ataco o mais forte que posso; e, por enquanto, sempre venci minhas lutas.

– Ah, começo a entender – disse tio Henry.

– Ficou assustado quando olhei agora para você? – quis saber tia Em.

– Terrivelmente assustado, senhora – respondeu o leão –, pois no início achei que ia dar um chique. Aí, notei que estava tentando me vencer com o poder de seu olhar, e ele foi tão feroz e penetrante que tremi de medo.

Isso agradou muito a mulher, que disse alegremente:

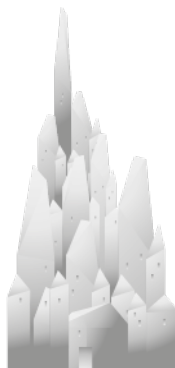
– Bem, não vou machucá-lo, então, não tenha mais medo. Só queria ver para que servia o olho humano.

– O olho humano é uma arma a se temer – comentou o Leão, coçando o nariz suavemente com a pata para esconder um sorriso. – Se eu não soubesse que vocês são amigos de Dorothy, podia ter rasgado os dois em pedacinhos para escapar do seu olhar terrível.

Ouvindo isso, tia Em tremeu, e tio Henry apressou-se a dizer:

– Que bom que conhecia a gente. Bom dia, senhor Leão, esperamos vê-lo de novo, em breve, no futuro.

– Bom dia – respondeu o Leão, agachando de novo no gramado. – Provavelmente, vão me ver bastante, se moram na Terra de Oz.



COMO O GRANDE GALLIPOOT UNIU-SE AOS NOMOS

Após deixar os esquisitões, Guph continuou sua jornada e entrou no extremo noroeste. Ele queria chegar até o País dos Growleywogs e, para isso, precisava cruzar a Terra Ondulada, algo difícil de fazer, pois a Terra Ondulada era uma sucessão de morros e vales, todos muito íngremes e pedregosos, e mudavam de lugar constantemente fazendo ondas. Enquanto Guph subia um morro, ele se afundou sob seus pés e virou um vale, e enquanto ele descia para um vale, ele se levantou e o levou até o topo de um morro. Era algo que deixava o viajante perplexo, e um estranho talvez achasse que nunca seria capaz de cruzar a Terra Ondulada. Mas Guph sabia que, se continuasse em frente, acabaria chegando ao fim; então, não prestava atenção aos morros e vales mutantes, seguindo calmamente como se andasse em solo plano.

O resultado dessa sábia persistência foi que o general finalmente chegou a uma terra mais firme e, depois de adentrar uma densa floresta, chegou ao Domínio dos Growleywogs.

Assim que cruzou a fronteira desse domínio, dois guardas o capturaram e o levaram diante do Grande Gallipoot dos Growleywogs, que o mirou com uma carranca e perguntou como ousava invadir seu território.

– Sou o Alto General do Invencível Exército dos Nomos, e meu nome é Guph – foi a resposta. – O mundo todo treme quando esse nome é mencionado.

Os growleywogs explodiram numa risada zombeteira ao ouvir isso, e um deles pegou o nomo em seus braços fortes e o jogou no ar. Guph estava consideravelmente abalado ao cair no chão duro, mas pareceu não notar a impertinência e se recompôs para falar de novo com o Grande Gallipoot.

– Meu mestre, o rei Roquat, o Vermelho, enviou-me para falar com você. Deseja sua ajuda para conquistar a Terra de Oz.

Aqui, o general pausou, e o Grande Gallipoot fez uma carranca mais terrível ainda e disse:

– Continue!

A voz do Grande Gallipoot era em parte um rugido e em parte um uivo. Ele murmurou as palavras de uma forma confusa, e Guph teve de ouvir atentamente para entendê-lo.

Esses growleywogs eram mesmo criaturas impressionantes. Tinham um tamanho gigante, mas eram apenas osso, pele e músculos, sem carne nem gordura em todo o corpo. Seus músculos poderosos ficavam logo abaixo da pele, como montes de corda dura, e o mais fraco dos growleywogs era tão forte que conseguia pegar um elefante e jogar a onze quilômetros.

Parece uma pena que pessoas tão fortes em geral sejam tão desagradáveis e autoritárias que ninguém goste delas. Aliás, ser diferente das outras criaturas sempre é um azar. Os growleywogs sabiam que ninguém gostava deles e que todos os evitavam, então, tinham se tornado mal-humorados e antissociais até entre eles. Guph sabia que eles odiavam todo mundo, incluindo os nomos; mas esperava conquistá-los mesmo assim e sabia que, se conseguisse, eles seriam de uma poderosa ajuda.

– A Terra de Oz é governada por uma garotinha mimada que é repugnantemente boa e gentil – seguiu ele. – O povo dela é feliz e satisfeito, e não tem qualquer preocupação.

– Continue! – rosnou o Grande Gallipoot.

– Outrora, o rei Nomo escravizava a família real de Ev, outra pessoa boazinha que detestamos – falou o general. – Mas Ozma interferiu, embora não fosse da conta dela, e marchou com seu exército contra nós. Com ela, estava uma garota do Kansas chamada Dorothy e uma galinha amarela, e elas marcharam diretamente para a caverna do rei Nomo. Lá, liberaram nossos escravos de Ev e roubaram o cinto mágico do rei Roquat, que levaram com eles. Então, agora, nosso rei está cavando um túnel embaixo do Deserto Mortal, para podermos marchar por ele até a Cidade das Esmeraldas. Quando chegarmos lá, vamos conquistar e destruir toda a terra, e recapturar o cinto

mágico.

De novo, ele pausou, e de novo o Grande Gallipoot rosnou:

– Continue!

Guph tentou pensar no que ia dizer em seguida, e um pensamento feliz logo lhe ocorreu:

– Queremos que nos ajude nessa conquista – anunciou ele – pois precisamos do poderoso auxílio dos growleywogs para garantir que não seremos derrotados. Vocês são o povo mais forte do mundo e odeiam criaturas boas e felizes tanto quanto nós, nomos. Tenho certeza de que será um grande prazer para vocês arrasar a bela Cidade das Esmeraldas, e, em troca de sua valiosa assistência, vamos permitir que tragam de volta ao seu país dez mil habitantes de Oz como escravos.

– Vinte mil – rosnou o Grande Gallipoot.

– Muito bem, prometemos vinte mil – concordou o general.

O Gallipoot fez um sinal e, imediatamente, seus atendentes pegaram o general Guph e o levaram até uma prisão, onde o carcereiro se divertiu enfiando alfinetes no corpo gordo e redondo do velho nomo, para vê-lo pular e ouvi-lo gritar.

Mas enquanto isso estava acontecendo, o Grande Gallipoot estava conversando com seus conselheiros, que eram os oficiais mais importantes dos growleywogs. Depois de lhes contar a proposta do rei Nomo, disse:

– Meu conselho é oferecer-nos a ajudá-los. Depois, quando tivermos conquistado a Terra de Oz, vamos pegar não só nossos vinte mil prisioneiros, mas todo o ouro e as joias que quisermos.

– Vamos pegar o cinto mágico também – sugeriu um conselheiro.

– E roubar o rei Nomo e fazê-lo nosso escravo – disse outro.

– É uma boa ideia – declarou o Grande Gallipoot. – Gostaria de ter o rei Roquat como meu escravo. Ele pode polir minhas botas e me trazer mingau na cama toda manhã.

– Há um Espantalho famoso em Oz. Vou pegá-lo como meu escravo – disse um conselheiro.

– E eu vou ficar com Tic-Tac, o Homem-Máquina – disse outro.

– Para mim, deem o Homem de Lata – disse um terceiro.

Continuaram por um tempo, dividindo as pessoas e o tesouro de Oz antes da conquista. Pois não tinham dúvida alguma de que conseguiriam destruir o domínio de Ozma. Eles não eram o povo mais forte do mundo todo?

– O Deserto Mortal até agora nos manteve longe de Oz – comentou o

Grande Gallipoot –, mas agora que o rei Nomo está construindo um túnel, vamos entrar na Cidade das Esmeraldas com muita facilidade. Então, vamos mandar o generalzinho gordo de volta ao seu rei com a promessa de ajudá-lo. Não vamos dizer que, depois de conquistar Oz, pretendemos conquistar os nomos, mas é o que vamos fazer.

Tendo concordado com esse plano, todos foram jantar em casa, deixando o general Guph na prisão. O nomo não tinha ideia de que sua missão fora bem-sucedida, pois, estando preso, temia que os growleywogs pretendessem matá-lo.

Mas, desta vez, o carcereiro tinha se cansado de enfiar alfinetes no general e estava se divertindo arrancando os bigodes do nomo pela raiz, um a um. Essa diversão foi interrompida pelo Grande Gallipoot convocando o prisioneiro.

– Espere algumas horas – implorou o carcereiro. – Ainda não arranquei nem um quarto dos bigodes dele.

– Se deixar o Grande Gallipoot esperando, ele vai quebrar suas costas – declarou o mensageiro.

– Talvez você tenha razão. – O carcereiro suspirou. – Leve o prisioneiro, se precisar, mas aconselho que lhe dê um chute a cada passo que ele der. Vai ser muito divertido, porque ele é macio como um pêssago maduro.

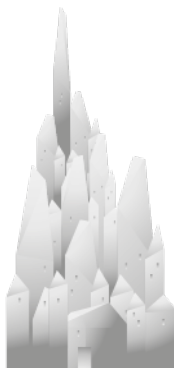
Então, Guph foi levado ao castelo real, onde o Grande Gallipoot lhe disse que os growleywogs tinham decidido ajudar os nomos a conquistar a Terra de Oz

– Quando estiverem prontos – continuou – mande avisar-me, e marcharei com dezoito mil de meus guerreiros mais poderosos para ajudá-lo.

Guph ficou tão feliz que esqueceu toda a dor causada pelos alfinetes e os bigodes arrancados. Ele nem reclamou do tratamento que tinha recebido, só agradeceu o Grande Gallipoot e continuou sua jornada.

Ele agora tinha assegurado a assistência dos esquisitões e dos growleywogs, mas seu sucesso o fez desejar ainda mais aliados. Sua própria vida dependia dessa conquista de Oz, e ele disse a si mesmo:

– Não vou arriscar. Vou garantir o sucesso. Aí, quando Oz for destruída, talvez eu seja um homem maior do que o velho Roquat, e posso expulsá-lo e ser eu mesmo rei dos nomos. Por que não? Os esquisitões são mais fortes que os nomos e são meus amigos. Tem algumas pessoas ainda mais fortes que os growleywogs e, se puder induzi-los a ajudar-me, não terei mais nada a temer.



COMO O BESOURÃO DAVA AULA DE GINÁSTICA

Dorothy não levou muito tempo para estabelecer-se em seu novo lar, pois conhecia as pessoas, os hábitos e os costumes da Cidade das Esmeraldas tão bem quanto a velha fazenda do Kansas.

Mas tio Henry e tia Em tiveram um pouco de dificuldade em acostumar-se à elegância, à pompa e circunstância do palácio de Ozma, e ficavam desconfortáveis, porque eram obrigados a “se arrumar” o tempo todo. Mas todos eram muito corteses e gentis com eles, e se esforçavam para fazê-los felizes. Ozma, em especial, tinha os parentes de Dorothy em alta conta, pelo bem de sua amiga, e sabia que a estranheza e novidade de seu novo modo de vida, com o tempo, ia passar.

– Agora, todo dia parece domingo – declarou tia Em, solenemente – e não posso dizer que gosto. Se eles pelo menos me deixassem lavar louça depois das refeições ou até varrer e tirar pó dos meus próprios aposentos, eu ficaria bem mais feliz. Henry também não sabe o que fazer, e uma vez, quando ele fugiu e foi alimentar as galinhas, levou uma bronca de Billina por deixá-las comer entre as refeições. Nunca soube como era duro ser rico e ter tudo o que se quer.

Essas reclamações começaram a preocupar Dorothy, então, ela teve uma longa conversa sobre o assunto com Ozma.

– Vejo que preciso achar algo para eles fazerem – disse a governante de Oz, séria. – Estive observando seus tios e acredito que ficarão mais satisfeitos se estiverem ocupados com algumas tarefas leves. Enquanto penso sobre isso,

Dorothy, você pode fazer uma viagem com eles pela Terra de Oz, visitando alguns lugares e apresentando seus parentes a alguns de nossos curiosos cidadãos.

– Ah, isso seria maravilhoso! – exclamou Dorothy, ansiosa.

– Vou dar-lhe uma escolta adequada a sua posição de princesa – continuou Ozma –, e você pode ir a alguns lugares que ainda não visitou, além de outros que já conhece. Vou desenhar um mapa da viagem e terei tudo pronto para você começar amanhã de manhã. Tome seu tempo, querida, e fique o quanto quiser. Quando voltar, terei achado alguma ocupação para tio Henry e tia Em, que os impedirá de ficar inquietos e insatisfeitos.

Dorothy agradeceu a amiga e beijou com gratidão a adorável governante. Depois, correu para dar a alegre notícia aos tios.

Na manhã seguinte, após o café, tudo estava pronto para a partida deles.

A escolta incluía Omby Amby, capitão-general do exército de Ozma, além de apenas vinte e sete oficiais. Omby Amby antes era soldado raso – o único no exército –, mas, como nunca havia batalha, Ozma não viu necessidade de um soldado raso, então, tornou Omby Amby o mais alto oficial de todos. Ele era muito alto e magro, e usava um uniforme alegre e um bigode imponente. Mas o bigode era a única coisa imponente em Omby Amby, cuja natureza era gentil como a de uma criança.

O Maravilhoso Mágico tinha pedido para juntar-se ao grupo e, com ele, foi o Homem-Farrapo, que era desgrenhado, mas não maltrapilho, estando com um lindo terno de seda com cauda de cetim. O Homem-Farrapo tinha bigodes e cabelos desgrenhados, mas uma personalidade doce e uma voz suave e agradável.

Havia uma carruagem aberta com três bancos para os passageiros, que era conduzida pelo famoso Cavalete de madeira que tinha sido trazido à vida por Ozma com um pó mágico. O Cavalete usava sapatos de madeira para evitar o desgaste de suas pernas de madeira, e era forte e ágil. Como essa curiosa criatura era o corcel favorito de Ozma e muito popular com todas as pessoas da Cidade das Esmeraldas, Dorothy sabia que era muito privilegiada de ter permissão de usá-la em sua jornada.

No banco da frente da carruagem sentaram-se Dorothy e o Mágico. Tio Henry e tia Em sentaram-se no banco seguinte, e o Homem-Farrapo e Omby Amby, no terceiro. Totó, claro, estava com o grupo, aninhado aos pés de Dorothy, e, quando estavam prestes a sair, Billina veio saltitando pelo caminho e implorou para ir junto. Dorothy concordou na hora, então a galinha amarela

vouu e empoleirou-se no painel. Ela estava usando seu colar de pérolas e três pulseiras em cada perna, em homenagem à ocasião.

Dorothy deu um beijo de despedida em Ozma, e todas as pessoas ao redor balançaram seus lenços, e a banda num balcão superior começou uma marcha militar. Então, o Mágico agarrou-se ao Cavalete e disse:

– Upa-upa! – e o animal de madeira trotou, arrastando atrás de si a grande carruagem vermelha e todos os passageiros sem o menor esforço. Um servo abriu o portão do muro do palácio para eles poderem passar; e assim, com música e gritos atrás deles, a jornada começou.

– É quase como um circo – disse tia Em, orgulhosa. – Não consigo evitar de me sentir muito poderosa com tanta gente.

De fato, enquanto eles passavam pela rua, todos os cumprimentavam, e o Homem-Farrapo, o Mágico e o capitão-general tiraram o chapéu e fizeram mesuras educadas de volta.

Quando chegaram ao grande muro da Cidade das Esmeraldas, os portões foram abertos pelo guardião que sempre cuidava deles. Em cima do portão havia um ímã de metal no formato de ferradura, sobreposto a um escudo de ouro polido.

– Esse – disse o Homem-Farrapo, para impressionar – é o maravilhoso ímã do Amor. Eu mesmo o trouxe à Cidade das Esmeraldas, e todos os que passam embaixo deste portão são amorosos e amados.

– É lindo – declarou tia Em, admirada. – Se tivéssemos um desses no Kansas, acho que o homem que tinha a hipoteca da fazenda não teria nos expulsado.

– Então, que bom que não tínhamos – devolveu tio Henry. – Gosto mais de Oz que do Kansas, até; e esse Cavalete de madeira é melhor que qualquer criatura que eu já tenha visto. Ele não precisa ser escovado nem alimentado, nem beber água, e é forte como um touro. Ele fala, Dorothy?

– Sim, tio – respondeu a garota. – Mas o Cavalete nunca diz muito. Certa vez, me contou que não consegue falar e pensar ao mesmo tempo, então, prefere pensar.

– O que é muito sensato – declarou o Mágico, assentindo em aprovação. – Para que lado vamos, Dorothy?

– Direto para o País dos Quadling – respondeu ela. – Tenho uma carta de apresentação à senhorita Cortadobra.

– Ah! – exclamou o Mágico, muito interessado. – A gente vai para lá? Então, estou feliz de ter vindo, pois sempre quis conhecer os cortadobras.

– Quem são eles? – inquiriu tia Em.

– Espere até chegarmos lá – respondeu Dorothy, rindo – e vai ver por si mesma. Nunca vi os cortadobras, sabe, então não consigo exatamente explicar pra você.

Uma vez fora da Cidade das Esmeraldas, o Cavalete disparou em tremenda velocidade. De fato, foi tão rápido que tia Em teve dificuldade de respirar, e tio Henry segurou firme no assento da carruagem vermelha.

– Devagar... Devagar, garoto! – chamou o Mágico e, com isso, o Cavalete diminuiu a velocidade.

– O que foi? – perguntou o animal, virando de leve a cabeça de madeira para mirar o grupo com um olho que era um nó de madeira.

– Bem, queremos admirar a paisagem, só isso – respondeu o Mágico.

– Alguns de seus passageiros – acrescentou o Homem-Farrapo – nunca saíram da Cidade das Esmeraldas, e o país é novo para eles.

– Se for rápido demais, vai estragar toda a diversão – disse Dorothy. – Não tenha pressa.

– Muito bem; para mim, dá na mesma – observou o Cavalete e, depois disso, foi num passo mais moderado.

Tio Henry ficou impressionado.

– Como uma coisa de madeira pode ser tão inteligente? – perguntou ele.

– Bem, eu dei a ele um cérebro de serragem da última vez que coloquei orelhas novas na cabeça dele – explicou o Mágico. – A serragem era feita de nós duros, e agora o Cavalete consegue raciocinar e desatar qualquer nó que encontre.

– Entendo – disse tio Henry.

– Eu, não – comentou tia Em, mas ninguém prestou atenção a essa declaração.

Em breve, chegaram a um prédio elegante, que ficava numa planície verde com belas árvores frondosas agrupadas aqui e ali.

– O que é isso? – perguntou tio Henry.

– Isso – respondeu o Mágico – é a Faculdade Real de Atletismo Científico de Oz, dirigida pelo professor M. A. Besourão, I. I.

– Vamos parar e fazer uma visita – sugeriu Dorothy.

Então, o Cavalete parou na frente do grande prédio, e foram recebidos na porta pelo próprio culto Besourão. Ele parecia tão alto quanto o Mágico e estava vestido com um colete xadrez vermelho e branco, um casaco de cauda longa, além de calças amarelas na altura do joelho e meias de seda roxas nas

pernas finas. Uma cartola estava colocada de forma vistosa no topo da cabeça dele, que usava óculos na frente dos olhos grandes e brilhantes.

– Bem-vinda, Dorothy – disse o Besourão – e bem-vindos todos os seus amigos. Estamos mesmo muito felizes de recebê-los neste grande Templo do Ensino.

– Achei que fosse uma Faculdade de Atletismo – disse o Homem-Farrapo.

– E é, caro senhor –, respondeu o Besourão, orgulhoso. – É aqui que ensinamos atletismo universitário científico, em toda a sua pureza, a todos os jovens de nossa grande terra.

– Não ensinam mais nada? – perguntou Dorothy. – Eles não aprendem a ler, escrever e fazer contas de aritmética?

– Ah, sim, claro. Aprendem tudo isso e mais – devolveu o professor. – Mas essas coisas ocupam pouco tempo. Por favor, sigam-me e mostrarei de que meus pupilos costumam ocupar-se. Estamos em horário de aula, e todos eles estão fazendo algo.

Eles o seguiram até um grande campo nos fundos do prédio da universidade, onde várias centenas de cidadãos de Oz estavam em aula. Num lugar, jogavam futebol; em outro, beisebol. Alguns jogavam tênis; outros, golfe; alguns nadavam numa grande piscina. Num rio que cortava o terreno, várias equipes em barcos de corrida remavam com grande entusiasmo. Outros grupos de alunos jogavam basquete e críquete, enquanto num lugar havia um ringue fechado com cordas para permitir aos jovens enérgicos que lutassem boxe e luta livre. Todos os alunos pareciam ocupados, e havia muita risada e gritaria.

– Esta universidade – disse o professor Besourão, complacente – é um grande sucesso. Seu valor educacional é indiscutível, e estamos formando muitos cidadãos bons e valiosos todo ano.

– Mas a que horas eles estudam? – perguntou Dorothy.

– Estudam? – repetiu o Besourão, parecendo perplexo com a pergunta.

– Sim. Quando aprendem aritmética e geometria e coisas assim?

– Ah, eles tomam doses disso pela noite e pela manhã – foi a resposta.

– O que quer dizer com doses? – Dorothy perguntou, admirada.

– Ora, usamos as recém-inventadas Pímulas Escolares feitas por seu amigo, o Mágico. Vimos que elas são muito eficazes e economizam bastante tempo. Por favor, venham por aqui e mostrarei nosso Laboratório de Aprendizado.

Ele os levou para uma sala no prédio onde havia muitas garrafas grandes enfileiradas em prateleiras.

– Essas são Pílulas de Álgebra – disse o professor, pegando uma das garrafas. – Uma por noite, ao deitar-se, é igual a quatro horas de estudo. Aqui ficam as Pílulas de Geografia: uma à noite e uma pela manhã. Aí, temos as Pílulas de Gramática, uma antes de cada refeição, e as Pílulas de Ortografia, que devem ser tomadas conforme necessário.

– Seus alunos devem precisar tomar muitas pílulas – comentou Dorothy, pensativa. – Como eles as tomam, trituradas no purê de maçã?

– Não, minha cara. São cobertas de açúcar e muito rápidas e fáceis de engolir. Acredito que os alunos prefiram tomar as pílulas a estudar, e certamente as pílulas são um método mais eficaz. Veja, até essas Pílulas Escolares serem inventadas, perdíamos em estudo muito tempo, que agora é empregado na prática do atletismo.

– Parece-me que as pílulas são muito boas – disse Omby Amby, que se lembrou de como estudar aritmética fazia sua cabeça doer quando criança.

– São, sim, senhor – declarou o Besourão, com sinceridade. – Elas nos dão uma vantagem sobre todas as outras universidades, porque, sem perder tempo, nossos garotos ficam inteiramente fluentes em grego e latim, matemática e geografia, gramática e literatura. Veja, eles não são obrigados a interromper seus jogos para dedicar-se a campos inferiores do aprendizado.

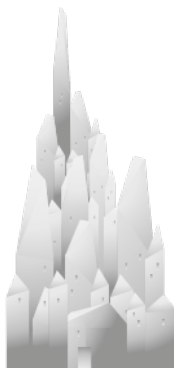
– Com certeza, é uma grande invenção – disse Dorothy, olhando com admiração para o Mágico, que ficou vermelho de modéstia com o elogio.

– Vivemos na era do progresso – anunciou o professor Besourão, pomposo. – É mais fácil engolir conhecimento do que adquiri-lo duramente nos livros. Não é, meus amigos?

– Tem gente que consegue engolir qualquer coisa – falou tia Em –, mas para mim é muito parecido com tomar remédio.

– Jovens na universidade sempre têm que tomar remédio, de um jeito ou de outro – observou o Mágico, com um sorriso –, e, como diz nosso professor, essas Pílulas Escolares provaram ser um grande sucesso. Um dia, enquanto eu as criava, sem querer derrubei uma, e um dos pintinhos de Billina engoliu. Alguns minutos depois, ele subiu em cima de um galo e recitou “O garoto no deque em chamas” sem cometer um único erro. Depois, recitou “A carga da brigada ligeira” e, depois, “Excelsior”. O pintinho tinha comido uma Pílula de Elocução, entende?

Eles se despediram do professor e, agradecendo-lhe por sua gentil recepção, montaram de novo na carruagem vermelha e seguiram viagem.



COMO VIVIAM OS CORTADOBRAS

Os viajantes não tinham levado provisões consigo, pois sabiam que seriam bem-vindos onde quer que fossem na Terra de Oz e que as pessoas os alimentariam e hospedariam com genuína hospitalidade. Então, perto do meio-dia, pararam numa casa de fazenda e receberam um delicioso almoço, com pão e leite, frutas e panquecas de aveia com xarope de bordo. Depois de descansar um pouco e passear pelos orquidários com seu anfitrião – um fazendeiro redondo e alegre –, entraram na carruagem e mais uma vez colocaram o Cavalete na linda estrada sinuosa.

Havia placas em todos os cantos e, finalmente, chegaram a uma que dizia:

PEGUE ESTA ESTRADA PARA CHEGAR AOS CORTADOBRAS

Havia também uma mão apontando na direção certa, então viraram o Cavalete para lá e acharam uma estrada em ótima condição, mas aparentemente pouco usada.

- Nunca vi os cortadobras – comentou Dorothy.
- Nem eu – disse o capitão-general.
- Nem eu – disse o Mágico.
- Nem eu – disse Billina.
- Eu mal saí da Cidade das Esmeraldas desde que cheguei a este lugar – completou o Homem-Farrapo.
- Bem, então, nenhum de nós esteve aqui! – exclamou a garotinha. – Como

será que são os cortadobras?

– Logo vamos descobrir – falou o Mágico, com uma risada maliciosa. – Ouvi dizer que são umas coisinhas franzinas.

As casas de fazenda começaram a rarear conforme eles prosseguiam, e o caminho por vezes era tão difícil de ver que o Cavalete tinha dificuldade de manter-se na estrada.

A carruagem começou a balançar; então foram obrigados a ir devagar. Depois de uma jornada um pouco cansativa, avistaram um muro alto, pintado de azul com enfeites cor-de-rosa. Esse muro era circular e parecia guardar um espaço grande. Era tão alto, que só se podia ver o topo das árvores acima deles.

O caminho levava a uma pequena porta no muro, que estava fechada e trancada. Nela, havia uma placa com letras douradas dizendo o seguinte: VISITANTES devem MOVER-SE DEVAGAR e COM CUIDADO e tentar evitar TOSSIR ou causar qualquer BRISA ou CORRENTE DE AR.

– Que estranho – disse o Homem-Farrapo, lendo a placa em voz alta. – Quem **são** os cortadobras, afinal?

– Bem, são bonecos de papel – respondeu Dorothy. – Você não sabia?

– Bonecos de papel! Então, vamos para outro lugar – disse tio Henry. – Somos velhos demais para brincar de boneca, Dorothy.

– Mas esses são diferentes – declarou a garota. – Estão vivos.

– Vivos! – Tia Em engasgou, impressionada.

– Sim. Vamos entrar – falou Dorothy.

Então, todos desceram da carruagem, já que a porta no muro não era grande o suficiente para eles entrarem com o Cavalete e a carruagem.

– Fique aqui, Totó! – ordenou Dorothy, balançando o dedo para o cachorrinho. – Você é tão desastrado que pode causar uma brisa se eu deixá-lo entrar.

Totó balançou a cauda como se decepcionado por ser deixado para trás, mas não tentou segui-los. O Mágico destrancou a porta, que se abria para fora, e todos olharam ansiosos lá dentro.

Logo diante da entrada havia uma fileira de minúsculos soldados, com uniformes pintados de cores vivas e armas de papel nos ombros. Eram todos iguaizinhos, de uma ponta à outra da fileira, e todos eram feitos de papel e unidos no centro do corpo.

Quando os visitantes entraram no recinto, o Mágico deixou a porta balançar de volta, e imediatamente os soldados caíram de costas e ficaram flutuando sobre o chão.

– Ei, você! – chamou um deles. – O que está fazendo, deixando a porta bater e nos soprar?

– Perdão, por favor – disse o Mágico, com pesar. – Não sabia que vocês eram tão delicados.

– Não somos delicados! – retorquiu outro soldado, levantando a cabeça do solo. – Somos fortes e saudáveis, mas não aguentamos correntes de ar.

– Posso ajudá-los? – perguntou Dorothy.

– Por favor – respondeu o soldado da ponta. – Mas faça isso com suavidade, garotinha.

Dorothy levantou com cuidado a fila de soldados, que primeiramente tiraram o pó de suas roupas pintadas e então cumprimentaram os visitantes com seus mosquetões de papel. Da ponta, era fácil ver que toda a fileira tinha sido cortada de papel, embora de frente os soldados parecessem bem sólidos e imponentes.

– Tenho uma carta de apresentação da princesa Ozma para a senhorita Cortadobra – anunciou Dorothy.

– Muito bem – disse o soldado da ponta, soprando um apito de papel pendurado no pescoço. Na mesma hora, um soldado de papel com uniforme de capitão saiu de uma casa de papel próxima e aproximou-se do grupo na entrada. Ele não era muito grande e caminhava meio duro e incerto sobre suas pernas de papel; mas tinha um rosto agradável, com bochechas muito vermelhas e olhos muito azuis, e fez uma medida tão baixa para os estranhos, que Dorothy riu, e a brisa de sua boca quase derrubou o capitão. Ele balançou e, com dificuldade, conseguiu ficar de pé.

– Cuidado, senhorita! – disse, em tom de alerta. – Sabia que está quebrando as regras, rindo?

– Ah, eu não sabia – respondeu ela.

– Rir por aqui é quase tão perigoso quanto tossir – disse o capitão. – Vão ter de respirar bem baixinho, posso garantir.

– Vamos tentar – prometeu a garota. – Podemos, por favor, ver a senhorita Cortadobra?

– Podem – respondeu prontamente o capitão. – Este é um dos dias de visita dela. Façam a bondade de seguir-me.

Ele se virou e levou-os por um caminho e, enquanto seguiam lentamente, porque o capitão de papel não se movia muito agilmente, eles aproveitaram a oportunidade para observar o estranho país de papel a seu redor.

Ao lado do caminho havia árvores de papel, todas cortadas muito

direitinho e pintadas de verde vivo. E atrás das árvores havia fileiras de casas de papelão, pintadas com várias cores, mas a maioria com cortinas verdes. Algumas eram grandes e algumas, pequenas, e nos jardins havia canteiros de flores de papel de aparência muito natural. Em algumas das varandas havia vinhas de papel, o que lhes dava uma aparência aconchegante e assombreada.

Enquanto os visitantes passavam pela rua, muitos bonecos de papel vieram às portas e janelas para olhá-los com curiosidade. Esses bonecos eram quase todos da mesma altura, mas cortados em vários formatos, alguns gordos e outros magros. As bonecas usavam muitas roupas lindas de lenço de papel, o que as tornava bem fofas; mas a cabeça e as mãos eram finas como o papel de que eram feitas.

Algumas das pessoas de papel estavam na rua, caminhando ou reunidas em grupos e conversando; mas, assim que viam os estranhos, corriam para as casas o mais rápido possível, para não correr perigo.

– Perdoem-me por andar de lado – comentou o capitão quando chegaram a uma leve ladeira. – Consigo ir mais rápido assim e não esvoaçar tanto.

– Tudo bem – disse Dorothy. – A nós, não importa como você anda.

De um lado da rua havia uma bomba de papel, e um garoto de papel estava bombeando água de papel num balde de papel. A galinha amarela sem querer roçou a asa no garoto, e ele voou no ar e caiu numa árvore de papel, onde ficou preso até o Mágico gentilmente puxá-lo dali. Ao mesmo tempo, o balde foi para o ar, derramando água de papel, enquanto a bomba de papel dobrou-se quase ao meio.

– Minha nossa! – disse a galinha. – Se eu bater as asas, acho que derrubo a vila inteira!

– Então, não bata. Por favor! – pediu o capitão. – A senhorita Cortadobra ficaria muito nervosa se sua vila fosse destruída.

– Ah, vou tomar cuidado – prometeu Billina.

– Todas essas garotas e mulheres de papel não se chamam senhorita Cortadobra?

– Ah, não – respondeu o capitão, que estava caminhando melhor desde que começou a ir de lado. – Só há uma cortadobra, que é nossa rainha, porque criou todos nós. Essas garotas são cortadobras, claro, mas seus nomes são Emily, e Polly, e Sue, e Betty, e coisas assim. Só a rainha se chama senhorita Cortadobra.

– Devo dizer, este lugar é melhor do que qualquer coisa de que eu já tenha ouvido falar – observou tia Em. – Eu mesma brincava com bonecas de papel e

as cortava, mas nunca achei que veria coisas assim vivas.

– Não vejo por que seja mais curioso do que ouvir galinhas falando – devolveu tio Henry.

– Você provavelmente verá muitas coisas esquisitas na Terra de Oz – disse o Mágico. – Mas uma terra de fantasias é extremamente surpreendente quando se acostuma com ser surpreendido.

– Chegamos! – anunciou o capitão, parando diante de um chalé.

A casa era feita de madeira, com um desenho muito bonito. Na Cidade das Esmeraldas, teria sido considerada uma habitação minúscula, mas, no meio dessa vila de papel, parecia imensa. Havia flores reais no jardim e árvores reais crescendo ao redor. Na porta da frente, uma placa dizia:

SENHORITA CORTADOBRA

Assim que chegaram à varanda, a porta da frente se abriu e uma garotinha parou diante deles. Ela parecia ter a idade de Dorothy, e, sorrindo para seus visitantes, disse docemente:

– Bem-vindos.

O grupo todo ficou aliviado de ver que havia ali uma garota real, de carne e osso. Era muito delicada e bonita, e, parada ali, dava-lhes as boas-vindas. O cabelo dela era de um loiro dourado, e seus olhos eram azuis-turquesa. Ela tinha bochechas rosadas e belos dentes brancos. Por cima de seu vestido simples, usava um avental com xadrez rosa e branco, e segurava uma tesoura na mão.

– Podemos ver a senhorita Cortadobra, por favor? – pediu Dorothy.

– Eu sou a senhorita Cortadobra – foi a resposta. – Querem entrar?

Ela segurou a porta aberta enquanto todos entravam numa sala de estar bonita, lotada de todos os tipos de papel – alguns duros, outros finos, e alguns de lenço. As folhas e aparas eram de todas as cores. Em cima de uma mesa havia tintas e pincéis, além de várias tesouras espalhadas, de tamanhos diferentes.

– Sentem-se, por favor – convidou a senhorita Cortadobra, tirando as aparas de papel de algumas cadeiras. – Faz muito tempo que não recebo visitantes, por isso não estou adequadamente preparada para isso. Mas tenho certeza de que vão perdoar minha sala bagunçada, pois aqui é meu ateliê.

– Você faz todas as bonecas de papel? – inquiriu Dorothy.

– Sim; eu as corto com minhas tesouras, pinto os rostos e algumas das

roupas. É um trabalho muito agradável, e fico feliz de fazer minha vila de papel crescer.

– Mas como as bonecas de papel estão vivas? – perguntou tia Em.

– As primeiras bonecas que fiz não estavam – explicou a senhorita Cortadobra. – Eu morava perto do castelo de uma grande feiticeira chamada Glinda, a Boa, que viu minhas bonecas e disse que eram muito lindas. Conteí que achava que ia gostar mais se estivessem vivas, e no dia seguinte a feiticeira me trouxe uma pilha de papel mágico. “Isto é papel vivo”, ela disse, “e todas as bonecas que você cortar dele vão ficar vivas, conseguir pensar e falar. Quando tiver usado tudo, venha até mim que lhe dou mais”. Claro, fiquei muito feliz com esse presente – continuou a senhorita Cortadobra – e logo comecei a trabalhar e fiz várias bonecas de papel, que, assim que foram cortadas, começaram a caminhar e falar comigo. Mas eram tão finas, que percebi que qualquer brisa as fazia voar e as espalhava terrivelmente; então, Glinda achou este adorável lugar para mim, aonde quase ninguém vem. Ela construiu o muro para evitar que qualquer vento levasse meu povo e me disse que eu podia construir uma vila de papel aqui e ser rainha. Foi por isso que vim para cá, pus-me a trabalhar e comecei a vila que veem hoje. Foi há muitos anos que construí as primeiras casas, fiquei bem ocupada e fiz minha vila crescer lindamente; e nem preciso dizer que sou muito feliz com meu trabalho.

– Há muitos anos! – exclamou tia Em. – Oras, quantos anos você tem, criança?

– Nunca presto atenção aos anos – disse a senhorita Cortadobra, rindo. – Veja, eu não cresço, sou sempre igual, desde quando cheguei aqui. Talvez eu seja mais velha que a senhora, mas não dá para ter certeza.

Eles olharam admirados para a garota adorável, e o Mágico perguntou:

– O que acontece com sua vila de papel quando chove?

– Não chove aqui – respondeu a senhorita Cortadobra. – Glinda mantém a chuva longe, então nunca me preocupo com a possibilidade de minhas bonecas se molharem. Mas agora, se puderem vir comigo, terei prazer em mostrar-lhes meu reino de papel. É claro, precisam ir devagar e com cuidado, e evitar causar qualquer brisa.

Eles saíram do chalé e seguiram sua guia pelas várias ruas da vila. Era mesmo um lugar incrível, quando se considerava que era tudo feito com tesouras, e os visitantes estavam não só muito interessados, mas cheios de admiração pela habilidade da pequena senhorita Cortadobra.

Num lugar, um grande grupo de bonecas de papel especialmente bonitas se

reuniu para saudar sua rainha, a qual, dava para ver, amavam muito. Essas bonecas marcharam e dançaram para os visitantes, e aí balançaram seus lenços de papel e cantaram num doce coro uma música chamada “A bandeira de nossa terra natal”.

Ao fim da música, hastearam uma bandeira de papel num poste alto, e todas as pessoas da vila se reuniram para comemorar o mais alto que conseguiam – embora, é claro, as vozes não fossem especialmente fortes.

A senhorita Cortadobra estava prestes a fazer um discurso para seus súditos, em resposta a essa canção patriótica, quando o Homem-Farrapo, sem querer, espirrou.

Ele sempre espirrara muito alto e forte, e tentou tanto segurar esse espirro que, quando ele explodiu de repente, o resultado foi terrível.

Os bonecos de papel foram derrubados às dezenas, e voaram e flutuaram numa confusão louca em todas as direções, caindo para lá e para cá e ficando mais ou menos amassados e dobrados.

Um grito de terror e luto veio da multidão espalhada, e a senhorita Cortadobra exclamou:

– Meu Deus! Meu Deus! – E correu imediatamente para resgatar seu povo que havia caído.

– Ah, Homem-Farrapo! Como pôde? – perguntou Dorothy, em reprovação.

– Não consegui segurar... Não consegui mesmo – protestou o Homem-Farrapo, parecendo muito envergonhado. – E não tinha ideia de que algo tão pequeno fizesse mal a esses bonecos de papel.

– Tão pequeno! – disse Dorothy. – Oras, foi quase tão ruim quanto um ciclone do Kansas.

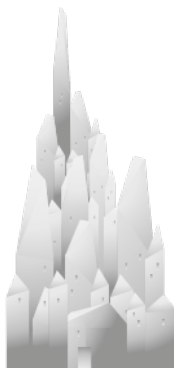
E, então, ela ajudou a senhorita Cortadobra a resgatar as pessoas de papel e colocá-las de pé de novo. Duas das casas de papelão também tinham caído, e a pequena rainha disse que teria de consertá-las e colá-las logo, para alguém poder viver ali de novo.

E agora, temendo que pudessem causar mais danos às frágeis pessoas de papel, eles decidiram ir embora. Mas, primeiro, agradeceram à senhorita Cortadobra, muito carinhosamente, sua cortesia e gentileza.

– Qualquer amigo da princesa Ozma é sempre bem-vindo aqui. A não ser que espirre – disse a rainha, com um olhar bastante severo para o Homem-Farrapo, que baixou a cabeça. – Gosto que os visitantes admirem minha maravilhosa vila, e espero que venham de novo.

A própria senhorita Cortadobra os levou até a porta no muro, e ao

passarem pela rua, os bonecos de papel os olharam meio com medo das portas e janelas. Talvez nunca esqueçam o espirro do Homem-Farrapo, e tenho certeza de que ficaram muito felizes de ver as pessoas de carne e osso indo embora.



COMO O GENERAL CONHECEU O PRIMEIRO E MAIS IMPORTANTE

Ao deixar os growleywogs, o general Guph teve de cruzar de novo as Terras Onduladas, o que não achou nada agradável. O fato de ver seus bigodes serem arrancados um a um e ser usado como almofada de alfinetes para a diversão inocente de um carcereiro bonzinho, talvez não tenha melhorado o temperamento de Guph, pois o velho nomo reclamou e irritou-se ao lembrar dos males que sofrera, e jurou vingar-se dos growleywogs depois de usá-los para seus propósitos e conquistar Oz. Ele seguiu furioso até ter atravessado metade das Terras Onduladas. Aí, ficou enjoado, e o resto do caminho esse nomo maldoso viajou tão infeliz quanto ele não achava merecer.

Mas, ao chegar de novo às planícies e ter o chão firme sob seus pés, ele começou a sentir-se melhor e, em vez de voltar para casa, virou diretamente para o oeste. Um esquilo empoleirado numa árvore viu-o pegar esse caminho e gritou em alerta:

– Cuidado!

Mas ele não prestou atenção. Uma águia pausou seu voo para olhá-lo, admirada, e dizer:

– Cuidado!

Mas ele seguiu.

Não se pode dizer que Guph não era corajoso, pois tinha decidido visitar as perigosas criaturas chamadas fanfasma, que moravam no topo da temida

Montanha de Fantástico. Os fanfasma eram *erbs*, tão temidos por mortais e imortais que ninguém estivera perto da montanha havia vários milhares de anos. Mas o general Guph esperava induzi-los a unir-se em sua declaração de guerra contra o povo bom e feliz de Oz.

Guph sabia muito bem que os fanfasma seriam quase tão perigosos para os nomos quanto para os ozitas, mas se achava tão esperto que acreditava poder lidar com essas estranhas criaturas e fazê-las obedecê-lo. E não havia dúvida alguma de que, se conseguisse alistar os serviços dos fanfasma, seu tremendo poder, unido à força dos growleywogs e à astúcia dos esquisitoes, levaria a Terra de Oz à absoluta destruição.

Então, o velho nomo subiu a montanha e marchou penosamente pelos caminhos selvagens das montanhas até chegar a uma grande vala que circulava a Montanha de Fantástico e marcava a fronteira do domínio dos fanfasma. Essa vala estava a cerca de um terço da altura da montanha e era cheia até o topo com lava fundida, fervente, na qual nadavam serpentes de fogo e salamandras venenosas. O calor dessa massa e seu cheiro venenoso eram tão insuportáveis que até os pássaros hesitavam em voar por cima da vala, e só a circulavam. Todos os seres vivos ficavam longe da montanha.

Agora, Guph tinha ouvido, durante sua vida, muitas histórias sobre esses temíveis fanfasma, então, sabia dessa barreira de lava fundida e também sabia de uma ponte estreita que a atravessava num determinado ponto. Então, caminhou pela beirada até achar a ponte. Era um único arco de pedra cinzenta e, deitado de barriga para baixo na ponte, havia um crocodilo escarlate, aparentemente dormindo a sono solto.

Quando Guph tropeçou nas pedras ao aproximar-se da ponte, a criatura abriu os olhos, dos quais saíam minúsculas chamas em todas as direções, e depois de olhar com muita maldade para o intruso, o crocodilo escarlate fechou as pálpebras de novo e ficou imóvel.

Guph viu que não havia espaço para passar pelo crocodilo na ponte estreita, então, chamou-o:

– Bom dia, amigo. Não quero apressá-lo, mas, por favor, diga-me: está descendo ou subindo?

– Nenhum dos dois – soltou o crocodilo, fechando suas mandíbulas cruéis. O general hesitou.

– Vai ficar muito tempo aí? – perguntou ele.

– Algumas centenas de anos, mais ou menos – disse o crocodilo.

Guph esfregou suavemente a ponta do nariz e tentou pensar no que fazer.

– Sabe se o Primeiro e Mais Importante Fanfasma de Fantástico está em casa? – perguntou.

– Imagino que esteja, já que ele sempre está em casa – respondeu o crocodilo.

– Ah; quem é aquele descendo a montanha? – perguntou o nomo, olhando para cima.

O crocodilo virou-se para olhar por cima do ombro e, de uma vez, Guph correu até a ponte e pulou por cima das costas do sentinela antes de ele conseguir virar-se de novo. O monstro escarlate tentou morder o pé esquerdo do nomo, mas errou por mais de dois centímetros.

– Arrá! – O general riu, agora no caminho da montanha. – Enganei você.

– Enganou, mesmo, e talvez tenha enganado a si mesmo – retorquiu o crocodilo. – Suba a montanha, se ousar, e descubra o que o Primeiro e Mais Importante vai fazer com você.

– Farei isso – declarou Guph, ousado; e lá foi ele montanha acima.

No início, o cenário era bem selvagem, mas gradualmente ganhou uma aparência cada vez mais terrível. Todas as rochas tinham forma de seres terríveis, e até os galhos das árvores eram retorcidos como serpentes.

De repente, apareceu diante do nomo um homem com cabeça de coruja. O corpo dele era peludo como o de um macaco, e sua única vestimenta era um xale vermelho amarrado em torno da cintura. Ele segurava um enorme taco, e seus grandes olhos redondos de coruja piscavam ferozmente para o intruso.

– O que está fazendo aqui? – exigiu ele, ameaçando Guph com o taco.

– Vim ver o Primeiro e Mais Importante Fanfasma de Fantástico – respondeu o general, que não gostava da forma como essa criatura o olhava, mas continuava sem medo.

– Ah; você o verá! – disse o homem, com uma risada de desprezo. – O Primeiro e Mais Importante decidirá a melhor forma de puni-lo.

– Ele não vai me punir – respondeu Guph, calmamente –, pois vim aqui fazer um raro favor a ele e a seu povo. Vá em frente, camarada, e leve-me diretamente a seu mestre.

O homem-coruja levantou seu taco num gesto ameaçador.

– Se tentar escapar – disse ele –, esteja ciente...

Mas, aqui, o general o interrompeu.

– Poupe suas ameaças – disse ele – e não seja impertinente ou vou puni-lo severamente. Vá na frente e fique em silêncio!

O Guph era muito espertinho, e parece uma pena que fosse tão ruim, pois

poderia ter conquistado muito para uma boa causa. Ele percebia que tinha se colocado numa posição perigosa ao ter vindo a essa montanha terrível, mas também sabia que, se mostrasse medo, estaria perdido. Então, adotou um comportamento ousado como sua melhor defesa. A sabedoria desse plano logo ficou evidente, pois o fanfasma com cabeça de coruja virou-se e o levou montanha acima.

No topo, havia uma parte plana com pilhas de rochas que, à primeira vista, pareciam sólidas. Mas, olhando mais de perto, Guph descobriu que essas rochas eram habitações, pois cada uma tinha uma abertura.

Não se via vivalma fora das moradias de pedra. Tudo estava em silêncio. O homem-coruja o levou entre os grupos de habitações até uma que ficava no centro. Não parecia melhor nem pior do que qualquer uma das outras. Em frente à entrada dessa pilha de pedras, o guia deu um guincho grave que soava como *“li-ou-ah!”*.

De repente, saiu da abertura outro homem peludo. Esse usava a cabeça de um urso e tinha na mão um aro de cobre. Ele olhou para o estranho com evidente surpresa.

– Por que capturou esse andarilho tolo e o trouxe aqui? – exigiu ele, dirigindo-se ao homem-coruja.

– Não o capturei – foi a resposta. – Ele passou pelo crocodilo escarlate e veio até aqui de sua livre e espontânea vontade.

O Primeiro e Mais Importante olhou para o general.

– Está cansado da vida, então? – perguntou.

– Não, na verdade – respondeu Guph. – Sou um nomo e general do grande exército do nomos do rei Roquat, o Vermelho. Venho de uma raça longeva e digo que espero ainda viver muito tempo. Sentem-se, fanfasmagoras, se conseguirem achar um assento neste lugar selvagem, e ouçam o que tenho a dizer.

Apesar de todo o seu conhecimento e sua coragem, o general Guph não sabia que, ao olhá-lo fixamente, aqueles olhos de urso estavam lendo seus pensamentos mais íntimos com tanta precisão como se tivessem sido colocados em palavras. Ele não sabia que aquelas pilhas de pedras que ele desprezava eram apenas ilusões de seus próprios olhos, nem podia adivinhar que estava no meio de uma das mais esplêndidas e luxuosas edificações já construídas pelo poder da mágica. A única coisa que ele via era um deserto estéril de pilhas de pedras, um homem peludo com cabeça de coruja e outro com cabeça de urso. A feitiçaria dos fanfasmagoras não lhe permitia ver mais.

De repente, o Primeiro e Mais Importante girou seu aro de cobre e prendeu Guph pelo pescoço. No instante seguinte, antes de o general conseguir pensar no que tinha lhe acontecido, ele foi arrastado para dentro da habitação de pedra. Ali, com os olhos ainda vendados para a realidade, ele só percebeu uma luz tênue, sob a qual a habitação parecia tão rústica e rude por dentro quanto por fora. Mas ele tinha uma estranha sensação de que havia nele muitos olhos brilhantes e que ele estava num corredor vasto e extenso.

O Primeiro e Mais Importante agora riu de forma sombria e soltou seu prisioneiro.

– Se você tem algo interessante a dizer – comentou –, diga logo, antes de eu estrangulá-lo.

Então, Guph falou. Tentou não prestar atenção a um estranho burburinho, como se uma multidão invisível estivesse se aproximando para ouvir suas palavras. Seus olhos só conseguiam ver o feroz homem-urso, e foi para ele que Guph dirigiu seu discurso. Primeiro, contou seu plano de conquistar a Terra de Oz e saquear as riquezas do país e escravizar seu povo que, sendo mágico, não podia ser morto. Depois de relatar tudo isso e também a respeito do túnel que o rei Nomo estava construindo, ele disse que tinha vindo pedir para o Primeiro e Mais Importante unir-se aos nomos, com seu bando de terríveis guerreiros, e ajudá-los a derrotar o povo de Oz.

O general falou muito sinceramente e de modo impressionante, mas, quando terminou, o homem-urso começou a rir como se estivesse se divertindo, e sua risada pareceu ser ecoada por um coro de regozijo de uma multidão invisível. Então, pela primeira vez, Guph começou a sentir-se levemente preocupado.

– Quem mais prometeu ajudá-lo? – perguntou finalmente o Primeiro e Mais Importante.

– Os esquisitões – respondeu o general.

De novo, o cabeça de urso riu.

– Mais alguém? – inquiriu.

– Só os growleywogs – disse Guph.

Essa resposta fez o Primeiro e Mais Importante rir de novo.

– Que parte dos despojos vai ficar para mim? – foi a próxima pergunta.

– O que quiser, exceto o cinto mágico do rei Roquat – respondeu Guph.

Com isso, o fanfasma começou outra explosão de risadas, que ecoou no coro invisível, e o homem-urso pareceu tão entretido que chegou a rolar no chão e gritar de alegria.

– Ah, esses nomos cegos e tolos! – disse ele. – Como aparentam ser grandes para si mesmos e como são pequenos!

De repente, ele levantou-se e pegou o pescoço de Guph com uma pata peluda, arrastando-o para fora da habitação.

Lá, deu um curioso grito de lamento, e, como se fosse uma resposta, de todas as habitações de pedras da montanha saiu uma horda de fanfasmagoras, todos com corpo peludo, mas usando cabeça de vários animais, aves e répteis. Todos tinham uma aparência feroz e repulsiva aos olhos iludidos do nomo, e Guph não conseguiu reprimir um tremor de nojo ao olhá-los.

O Primeiro e Mais Importante lentamente levantou os braços e, num piscar de olhos, sua pele peluda caiu, e ele apareceu diante do atordoado nomo como uma linda mulher, e usava um vestido fluído de gaze cor-de-rosa. Em seu cabelo escuro havia flores entrelaçadas, e o rosto dela era nobre e calmo.

Ao mesmo tempo, todo o bando de fanfasmagoras se transformou numa alcateia de lobos, correndo para lá e para cá, rosnando e mostrando as presas amarelas, horríveis.

A mulher levantou os braços, como o homem-urso fizera, e num piscar de olhos os lobos viraram lagartos rastejantes, enquanto ela própria se transformava numa enorme borboleta.

Guph só teve tempo de gritar de medo e dar um passo para trás em tempo de evitar os lagartos, quando outra transformação ocorreu, e todos voltaram instantaneamente às formas do início.

Então, o Primeiro e Mais Importante, que tinha retomado seu corpo peludo e cabeça de urso, virou-se para o nomo e perguntou:

– Ainda quer nossa assistência?

– Mais do que nunca – respondeu o general, firme.

– Então, diga-me: o que pode oferecer aos fanfasmagoras que eles ainda não tenham? – perguntou o Primeiro e Mais Importante.

Guph hesitou. Realmente não sabia o que dizer. O alardeado cinto mágico do rei Nomo parecia algo pobre comparado com os impressionantes poderes mágicos dessas pessoas. Ouro, joias e escravos, eles podiam conseguir em grande quantidade sem esforço especial. Apenas um argumento podia ser capaz de influenciar os fanfasmagoras, que eram criaturas do mal.

– Permita-me chamar sua atenção à primorosa alegria de tornar infelizes pessoas felizes – disse ele, por fim. – Considere o prazer de destruir pessoas inocentes e inofensivas.

– Ah! Você me respondeu – gritou o Primeiro e Mais Importante. – Só por

esse motivo, vamos ajudá-lo. Volte para casa e conte a seu rei de pernas arqueadas que, assim que o túnel estiver finalizado, os fanfasma vão estar com ele, levando suas legiões à conquista de Oz. Apenas o Deserto Mortal nos impediu de destruir Oz há muito tempo, e seu túnel subterrâneo é uma ideia inteligente. Volte e prepare-se para nossa chegada!

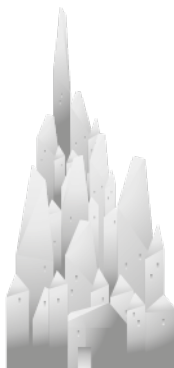
Guph ficou muito feliz de ter a permissão de voltar com essa promessa. O homem-coruja o levou de volta pela montanha e ordenou que o crocodilo escarlate fosse embora e permitisse que o nomo cruzasse a ponte em segurança.

Depois que o visitante se foi, apareceu no topo da montanha uma cidade brilhante e maravilhosa, claramente visível aos olhos da multidão de fanfasma vestidos com roupas alegres que viviam ali. E o Primeiro e Mais Importante, lindamente arrumado, dirigiu-se aos outros com estas palavras:

– É hora de irmos para o mundo levar tristeza e desespero às pessoas. Há muito tempo, estamos sozinhos neste topo de montanha, e, enquanto estamos isolados assim, muitas nações ficaram felizes e prósperas, e a maior alegria da raça de fanfasma é destruir a felicidade. Então, considero uma sorte que esse mensageiro dos nomos tenha chegado até nós agora, para lembrar-nos de que temos a oportunidade de criar problemas. Vamos usar o túnel do rei Roquat para conquistar a Terra de Oz. Depois, vamos destruir os esquisitões, os growleywogs e os nomos, e aí vamos saquear, perturbar e causar sofrimento ao mundo todo.

A multidão de fanfasma do mal aplaudiu animadamente esse plano, que aprovavam completamente.

Pelo que sei, os *erbs* são os espíritos do mal mais poderosos e cruéis de todos, e os fanfasma de Fantástico pertencem à raça dos *erbs*.



COMO ELES MONTARAM OS QUEBRADINHOS

Dorothy e os viajantes afastaram-se da vila dos cortadobras e seguiram o caminho sem marcação até a placa. Lá, pegaram de novo a estrada principal e seguiram atravessando tranquilamente a bonita área rural. Quando chegou a noite, pararam numa habitação, onde foram recebidos com alegria, bastante comida e boas camas para dormir.

De manhã cedo, porém, estavam de pé e animados para sair, e, após um bom café da manhã, despediram-se de seu anfitrião e subiram na carruagem vermelha, à qual o Cavalete tinha ficado amarrado a noite toda. Sendo feito de madeira, esse cavalo nunca se cansava nem precisava deitar-se. Dorothy não sabia se ele dormia ou não, mas com certeza nunca o fazia quando alguém estava por perto.

O clima sempre é bom em Oz, e naquela manhã o ar estava frio e agradável; e o sol, brilhante e delicioso.

Em cerca de uma hora, chegaram a um lugar de onde saía outra estrada. Havia lá uma placa que dizia:

POR AQUI PARA CABEÇA-QUEBRADA

- Ah, é aqui que viramos – disse Dorothy, observando a placa.
- O quê?! Nós vamos a Cabeça-Quebrada? – perguntou o capitão-general.
- Sim; Ozma achou que íamos gostar dos quebradinhos. Dizem que são

muito interessantes – respondeu ela.

– Ninguém suspeitaria, com esse nome – disse tia Em. – Quem são eles, afinal? Mais coisas de papel?

– Acho que não – falou Dorothy, rindo –, mas não sei dizer exatamente como eles são, tia Em. Vamos descobrir quando chegarmos lá.

– Talvez o Mágico saiba – sugeriu tio Henry.

– Não, nunca estive lá antes – disse o Mágico. – Mas muitas vezes ouvi falar de Cabeça-Quebrada e dos quebradinhos, que dizem ser as pessoas mais peculiares de toda a Terra de Oz.

– Em que sentido? – quis saber o Homem-Farrapo.

– Não sei, na verdade – respondeu o Mágico.

Bem nesse momento, enquanto seguiam pela linda alameda verde na direção de Cabeça-Quebrada, perceberam uma fêmea de canguru sentada ao lado da estrada. O pobre animal estava com o rosto coberto com as duas patas da frente e chorava tão amargamente, que as lágrimas caíam por suas bochechas em dois pequenos fios e pingavam na estrada, onde formavam poça em uma pequena cavidade.

O Cavalete parou de chofre com essa visão de dar pena, e Dorothy chamou, com empatia imediata:

– O que aconteceu, canguru?

– *Buá! Buá!* – lamentou a fêmea do canguru. – Perdi minha lu... lu... lu....

Ah, *buá! Buá!*

– Pobrezinha – disse o Mágico –, ela perdeu sua lulu. Deve ser a cachorrinha dela, que morreu.

– Não, não, não! – soluçou ela. – Não... não é isso. Perdi minha lu... lu...

Ah, *buá! Buá!*

– Eu sei – disse o Homem-Farrapo –, ela perdeu a lupa.

– Não; é minha lu... lu... lu... *Buá!* Minha lu... Ah, *buá!* – e a fêmea do canguru chorou mais do que nunca.

– Deve ser a luminária – sugeriu tia Em.

– Ou a luz – propôs tio Henry.

– Eu perdi minha lu... lu... luva! – disse ela, finalmente conseguindo explicar.

– Ah! – gritou a galinha amarela, com um cacarejo de alívio. – Por que não disse antes?

– *Buá!* Eu... eu... não consegui – respondeu ela.

– Mas olhe aqui – disse Dorothy –, você não precisa de luva neste clima

quente.

– Preciso, sim – respondeu o animal, parando de soluçar e tirando as patas do rosto para olhar a garotinha em reprovação. – Minhas mãos vão ficar queimadas de sol e bronzeadas sem minhas luvas, e eu as uso há tanto tempo que provavelmente vou pegar friagem sem elas.

– Claro que não! – contrariou Dorothy. – Nunca ouvi falar de canguru que usa luvas.

– Não? – perguntou o animal, surpreso.

– Nunca! – repetiu a garota. – E você provavelmente vai ficar doente se não parar de chorar. Onde você mora?

– A uns três quilômetros para lá de Cabeça-Quebrada – foi a resposta. A Vovó Tric fez as luvas, e ela é uma quebradinha.

– Bem, é melhor ir para casa agora, e quem sabe a velhinha faz outro par – sugeriu Dorothy. – Estamos a caminho de Cabeça-Quebrada, você pode ir pulando ao nosso lado.

Então, eles seguiram em frente, e a fêmea do canguru ia pulando ao lado da carruagem, parecendo esquecer rapidamente sua perda. Após um tempo, o Mágico perguntou ao animal:

– Os quebradinhos são boas pessoas?

– Ah, muito boas – respondeu a fêmea do canguru –, isto é, quando estão montados direitinho. Mas eles ficam terrivelmente espalhados e bagunçados, às vezes, e aí não dá para fazer nada com eles.

– O que quer dizer com espalhados? – perguntou Dorothy.

– Bem, eles são feitos de várias pecinhas – explicou o canguru fêmea –, e sempre que um estranho chega perto, têm o hábito de desmontar-se e espalhar-se por aí. Então, ficam terrivelmente bagunçados, e é um quebra-cabeça e tanto montá-los de novo.

– Quem costuma montá-los? – perguntou Omby Amby.

– Qualquer um que consiga unir as peças. Eu mesma às vezes monto a Vovó Tric, porque a conheço muito bem e consigo ver quais peças são dela. Então, quando ela está toda montada, ela tricota para mim, e foi assim que fez minhas luvas. Mas levou muitos dias tricotando, e precisei montar a vovó muitas vezes, porque, sempre que eu me aproximava, ela se espalhava por aí.

– Eu imaginei que ela se acostumasse com sua chegada e assim não teria mais medo – disse Dorothy.

– Não é isso – respondeu a fêmea do canguru. – Eles não têm medo nenhum quando estão montados, e em geral são muito alegres e agradáveis. É

só um hábito que têm, de espalhar-se, e se não fizessem isso não seriam quebradinhos.

Os viajantes pensaram seriamente sobre isso por um tempo, enquanto o Cavalete continuava a levá-los em frente, com rapidez. Então, Tia Em comentou:

– Não vejo utilidade em visitar esses quebradinhos. Se os encontrarmos espalhados, só vou poder varrê-los e seguir a vida.

– Ah, acho que é melhor irmos – respondeu Dorothy. – Estou ficando com fome, e podemos tentar almoçar em Cabeça-Quebrada. Talvez a comida não esteja tão espalhada quanto as pessoas.

– Vocês vão achar bastante comida lá – declarou a fêmea do canguru, dando grandes saltos, porque o Cavalete ia rápido demais –, e eles têm um ótimo cozinheiro, se conseguirem montá-lo. Lá está a cidade, bem à nossa frente!

Eles olharam em frente e viram algumas casas muito bonitas, instaladas num campo verde, um pouco afastadas da rua principal.

– Alguns munchkins vieram para cá há alguns dias e montaram várias das pessoas – disse a fêmea do canguru. – Acho que ainda estão montadas, e, se vocês chegarem devagar, sem fazer barulho, talvez não se espalhem.

– Vamos tentar – sugeriu o Mágico.

Então, eles pararam o Cavalete e desceram da carruagem, e, após se despedirem da fêmea do canguru, que foi pulando para casa, entraram no campo e aproximaram-se com muita cautela do grupo de casas.

Moviam-se tão silenciosamente, que logo viram, pelas janelas das casas, pessoas andando para lá e para cá, enquanto outras passeavam nos jardins entre as construções. Pareciam, à distância, com qualquer outra pessoa, e aparentemente não notaram o pequeno grupo que se aproximava em silêncio.

Eles tinham quase chegado à casa mais próxima quando Totó viu um grande besouro atravessando a rua e latiu alto para o bicho. Instantaneamente, ouviu-se um ruído forte nas casas e nos jardins. Dorothy achou que soava como uma chuva de granizo repentina, e os visitantes, sabendo que a cautela já não era necessária, correram para ver o que tinha acontecido.

Depois do ruído, um intenso silêncio reinou na cidade. Os estranhos entraram na primeira casa, que também era a maior, e encontraram o chão tomado por peças das pessoas que moravam ali. Pareciam-se muito com fragmentos de madeira lindamente pintados, e havia de todos os tipos e formas curiosas e fantásticas, cada peça muito diferente uma da outra.

Eles pegaram algumas dessas peças e as olharam com cuidado. Em uma que Dorothy segurou havia um olho, que a mirou agradavelmente, mas com uma expressão interessada, como se perguntasse o que ela ia fazer. Bem perto, ela descobriu e pegou um nariz e, encaixando as duas peças, viu que faziam parte de um rosto.

– Se eu conseguir achar a boca – disse ela –, esse quebradinho pode falar e dizer-nos o que fazer.

– Então, vamos achar – respondeu o Mágico, e nisto todos agacharam-se para examinar as peças espalhadas.

– Achei! – gritou o Homem-Farrapo e correu até Dorothy com uma peça de formato esquisito que tinha uma boca. Mas quando tentaram colocar junto ao olho e à boca viram que as partes não se encaixavam.

– Essa boca é de alguma outra pessoa – falou Dorothy. – Vejam, precisamos de uma curva aqui e uma ponta ali, para fazê-la encaixar no rosto.

– Bem, deve estar por aqui em algum lugar – declarou o Mágico –, então, se procurarmos direito, vamos encontrar.

Depois, Dorothy colocou uma orelha, e a orelha tinha um pedacinho de cabelo vermelho em cima. Então, enquanto os outros procuravam a boca, ela foi em busca de peças com cabelo vermelho, e achou várias delas que, combinadas com as outras, formavam o topo da cabeça de um homem. Ela também tinha achado o outro olho e a orelha, quando Omby Amby, num canto distante, descobriu a boca. Quando o rosto foi assim finalizado, todas as partes uniram-se com uma harmonia impressionante.

– Ora, é como um quebra-cabeça! – exclamou a garotinha. – Vamos achar o resto dele e juntar tudo.

– O que é o resto dele? – perguntou o Mágico. – Aqui estão algumas peças de pernas azuis e braços verdes, mas não sei se são dele ou não.

– Procure uma camisa e um avental brancos – falou a cabeça que tinha sido montada, numa voz bem débil. – Eu sou o cozinheiro.

– Ah, obrigada – disse Dorothy. – Que sorte termos começado primeiro por você, porque estou com fome, e você pode cozinhar algo para nós enquanto montamos os outros.

Não foi muito difícil, agora que tinham uma pista de como o homem estava vestido, achar as outras peças que pertenciam a ele e, como agora todos estavam trabalhando no cozinheiro, testando peça após peça para ver se encaixavam, finalmente montaram o homem todo.

Quando ele estava pronto, fez uma mesura e disse:

– Vou imediatamente à cozinha preparar o jantar. Vão ter um bom trabalho montando todos os quebradinhos, então, aconselho que comecem com o Grão-Lorde Chigglewitz, cujo primeiro nome é Larry. É um homem gordo e careca, vestido com um casaco azul com botões de bronze, um colete cor-de-rosa e uma calça sem graça. Está sem um pedaço do joelho esquerdo, que se perdeu há muitos anos quando ele se espalhou demais. Isso o faz mancar um pouco, mas ele se vira bem com meio joelho. Como é o personagem principal desta cidade de Cabeça-Quebrada, vai poder recebê-los e ajudá-los com os outros. Então, vai ser melhor trabalhar nele enquanto eu faço o jantar.

– Vamos fazer isso – disse o Mágico –, e muito obrigado, cozinheiro, pela sugestão.

Tia Em foi a primeira a descobrir uma peça do Grão-Lorde Chigglewitz.

– Parece-me um negócio tolo, isso de montar as pessoas – comentou ela –, mas como não temos nada a fazer até o jantar ficar pronto, bem que podemos nos livrar dessa bagunça. Aqui, Henry, faça alguma coisa, procure a cabeça careca de Larry. Já peguei o colete cor-de-rosa dele.

Eles trabalharam com grande interesse, e Billina provou-se de grande ajuda. A galinha amarela tinha olhos atentos e conseguia colocar a cabeça perto das várias peças que estavam espalhadas. Ela examinava o Grão-Lorde Chigglewitz e via qual peça dele era necessária, e aí procurava até achar. Então, antes de uma hora se passar, o velho Larry estava completo, parado diante deles.

– Parabéns, meus amigos – disse ele, numa voz alegre. – Vocês são com certeza as pessoas mais inteligentes que já nos visitaram. Nunca montaram meu corpo tão rápido na vida. Sou considerado um quebra-cabeça difícil, em geral.

– Bem – falou Dorothy –, houve uma febre de quebra-cabeças no Kansas, então, eu tenho alguma experiência com isso. Mas as imagens eram planas, enquanto você é redondo, e isso torna a montagem mais difícil.

– Obrigado, minha querida – respondeu o velho Larry, muito satisfeito. – Sinto-me muito lisonjeado. Se eu não fosse um quebra-cabeça muito bom, não faria sentido me espalhar.

– Por que vocês fazem isso? – perguntou tia Em, séria. – Por que não se comportam e ficam montados?

O Grão-Lorde Chigglewitz pareceu irritado com essa fala, mas respondeu educadamente:

– Senhora, talvez tenha notado que todo mundo tem alguma peculiaridade. A minha é espalhar-me. Não ousou dizer qual é a sua, mas nunca apontarei

defeitos na senhora, não importa o que faça.

– Agora, você ganhou uma bela lição, Em – disse tio Henry, rindo –, e fico feliz. Esta é uma terra esquisita, então é melhor aceitarmos as pessoas como elas são.

– Se fizéssemos isso, íamos deixar esse pessoal espalhado – devolveu ela, e essa resposta fez todo mundo rir bem-humorado.

Bem nesse momento, Omby Amby achou uma mão com uma agulha de tricô, e decidiram montar a Vovó Tric. Ela provou ser um quebra-cabeça mais fácil do que o velho Larry e, quando estava completa, eles viram que era uma velhinha agradável, que os recebeu cordialmente. Dorothy contou-lhe que a fêmea do canguru tinha perdido suas luvas, e a Vovó Tric prometeu colocar a mão na massa e fazer outro par ao pobre animal.

Então, o cozinheiro veio chamá-los para o jantar, e de fato encontraram uma refeição convidativa à espera deles. O Grão-Lorde Chigglewitz sentou-se à cabeceira da mesa; a Vovó Tric, na outra ponta; e os convidados divertiram-se muito.

Depois do jantar, saíram para o jardim e montaram várias outras pessoas, e foi um trabalho tão interessante que eles podiam ter passado o dia todo em Cabeça-Quebrada, se o Mágico não tivesse sugerido que continuassem a jornada.

– Mas não gosto de deixar todas essas pessoas espalhadas – disse Dorothy, indecisa sobre o que fazer.

– Ah, não ligue para nós, minha cara – respondeu o velho Larry. – A cada um ou dois dias, alguns dos gillikins, munchkins ou winkies vêm aqui para se divertir montando a gente, então, não vai ter problemas deixar essas peças onde estão por um tempo. Mas espero que nos visitem de novo, pois sempre serão bem-vindos, garanto-lhes.

– Vocês nunca montam uns aos outros? – inquiriu ela.

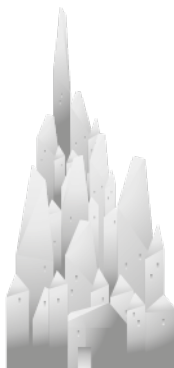
– Nunca, pois não somos um mistério para nós mesmos, então não seria divertido.

Eles se despediram dos esquisitos quebradinhos e entraram na carruagem para continuar sua jornada.

– Essas pessoas são mesmo estranhas – comentou tia Em, pensativa, enquanto saíam de Cabeça-Quebrada –, mas realmente não entendo para que servem.

– Bem, eles nos divertiram por várias horas – respondeu o Mágico. – Isso é ser útil a nós, sem dúvida.

– Acho que eles são mais divertidos do que jogar paciência ou tiro ao alvo – declarou tio Henry, sobriamente. – De minha parte, estou feliz por termos visitado os quebradinhos.



COMO O GENERAL FALOU COM O REI

Quando o general Guph voltou à caverna do rei Nomo, Sua Majestade perguntou:

– Bem, teve sorte? Os esquisitões vão se juntar a nós?

– Vão – respondeu o general. – Vão lutar conosco com toda a sua força e astúcia.

– Ótimo! – exclamou o rei. – Que recompensa prometeu a eles?

– Vossa Majestade deve usar o cinto mágico para dar a cada esquisitão uma cabeça grande e boa, no lugar da pequena que hoje são obrigados a usar.

– Concordo com isso – disse o rei. – É uma boa notícia, Guph, e faz com que eu sinta mais certeza na conquista de Oz.

– Mas tenho outras notícias – anunciou o general.

– Boas ou ruins?

– Boas, Vossa Majestade.

– Então, quero ouvi-las – disse o rei, com interesse.

– Os growleywogs vão juntar-se a nós.

– Não! – gritou o rei, chocado.

– Sim, de fato – disse o general. – Tenho a promessa deles.

– Mas que recompensa exigem? – inquireu o rei, suspeitando, pois sabia como os growleywogs eram ambiciosos.

– Vão pegar algumas pessoas de Oz como escravas – explicou Guph. Não achou necessário dizer a Roquat que os growleywogs exigiam vinte mil escravos. Haveria tempo para isso quando Oz fosse conquistada.

– Um pedido muito razoável, sem dúvida – comentou o rei. – Devo parabenizá-lo, Guph, pelo maravilhoso sucesso de sua jornada.

– Mas não é só isso – acrescentou o general, orgulhoso.

O rei pareceu espantado.

– Diga logo, senhor! – mandou.

– Vi o Primeiro e Mais Importante Fanfasma da Montanha de Fantásmico, e ele vai trazer seu povo para nos auxiliar.

– O quê?! – gritou o rei. – Os fanfasmagóricos! Você não está falando sério, Guph!

– É verdade – declarou o general, orgulhoso.

O rei ficou pensativo e franziu as sobrancelhas.

– Tenho medo, Guph – disse ele, ansioso –, de que o Primeiro e Mais Importante mostre-se tão perigoso a nós quanto o povo de Oz. Se ele e seu terrível bando descerem a montanha, podem ter a ideia de querer conquistar os nomos!

– Pfff! Que ideia tola – retorquiu Guph, irritado, mas sabia, no fundo, que o rei tinha razão. – O Primeiro e Mais Importante é meu amigo particular e não nos fará mal. Ora, quando estive lá, ele até me convidou para entrar em sua casa.

O general não contou ao rei como tinha sido arrastado para a habitação do Primeiro e Mais Importante por força do aro de cobre. Então, Roquat, o Vermelho, olhou com admiração para o general e disse:

– Você é um nomo maravilhoso, Guph. Sinto muito não tê-lo feito general antes. Mas que recompensa exigiu o Primeiro e Mais Importante?

– Nada – respondeu Guph. – Nem o próprio cinto mágico poderia melhorar seus poderes de feitiçaria. Tudo o que os fanfasmagóricos querem é destruir o povo de Oz, que é bom e feliz. Esse prazer vai ser a recompensa, o bastante para nos ajudarem.

– Quando eles vêm? – perguntou Roquat, com um pouco de medo.

– Quando o túnel estiver finalizado – disse o general.

– Estamos quase na metade do deserto, já – anunciou o rei –, e o trabalho foi bem rápido, porque o túnel tem de ser perfurado em pedra sólida. Mas, depois de termos passado pelo deserto, não vai levar muito tempo para estendermos o túnel até as muralhas da Cidade das Esmeraldas.

– Bem, quando estiver pronto, vão unir-se a nós os esquitos, os growleywogs e os fanfasmagóricos – disse Guph –, então, a conquista de Oz está sem dúvida garantida.

De novo, o rei pareceu pensativo.

– Tenho quase pena de não emprendermos a conquista sozinhos – falou. – Todos esses aliados são perigosos e podem exigir mais do que você lhes prometeu. Poderia ter sido melhor conquistar Oz sem assistência externa.

– Não seríamos capazes – disse o general, assertivo.

– Por que não, Guph?

– Você sabe muito bem. Teve uma experiência com o povo de Oz e foi derrotado.

– Isso porque eles rolaram ovos para cima de nós – respondeu o rei, com um tremor. – Meus nomos não suportam ovos, assim como eu. São veneno para todos os que vivem embaixo da terra.

– Isso é bem verdade – concordou Guph.

– Mas podíamos ter pegado o povo de Oz de surpresa e o conquistado antes de eles terem chance de conseguir ovos. Nossa derrota passada foi pelo fato de a garota Dorothy ter uma galinha amarela. Não sei o que foi feito daquela galinha, mas acredito que não haja mais galinhas em toda a Terra de Oz, portanto, não pode haver ovos ali.

– Pelo contrário – falou Guph –, agora há centenas de galinhas em Oz, e elas põem pilhas daqueles ovos perigosos. Encontrei um açor em meu caminho de volta para casa, e a ave me informou que tinha estado em Oz para capturar e devorar alguns dos pintinhos. Mas eles são protegidos por mágica, então, não conseguiu pegar nenhum.

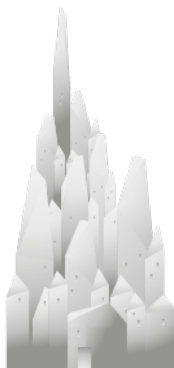
– É um péssimo relatório – disse o rei, nervoso. – Péssimo, mesmo. Meus nomos estão dispostos a lutar, mas simplesmente não conseguem enfrentar ovos de galinha. E não os culpo.

– Não vão precisar enfrentá-los – respondeu Guph. – Eu mesmo tenho medo de ovos e não proponho arriscar-me a ser envenenado por eles. Meu plano é mandar pelo túnel primeiro os esquisitões, depois os growleywogs e os fansfamas. Quando nós, nomos, chegarmos lá, os ovos vão ter sido todos usados, e podemos então perseguir e capturar os habitantes à vontade.

– Talvez você tenha razão – devolveu o rei, com um suspiro desanimado. – Mas quero que se entenda claramente que Ozma e Dorothy são minhas prisioneiras. São garotas muito boas, e não pretendo deixar nenhuma dessas criaturas terríveis machucarem ou escravizarem-nas. Quando eu as tiver capturado, vou trazê-las aqui e transformá-las em enfeites de porcelana para minha lareira. Vão ficar lindas, Dorothy numa ponta e Ozma na outra, e vou tomar muito cuidado para que não sejam quebradas pelas empregadas ao tirar o pó.

– Muito bem, Vossa Majestade. Faça o que quiser com as garotas, não me importo. Agora que nossos planos estão organizados e temos os três bandos de maus espíritos mais poderosos do mundo para ajudar-nos, vamos nos apressar para finalizar o túnel o mais rápido possível.

– Vai ficar pronto em três dias – prometeu o rei, correndo para inspecionar o trabalho e garantir que os nomos não parassem.



COMO O MÁGICO PRATICOU FETIÇARIA

– E agora, para onde? – perguntou o Mágico quando saíram da cidade de Cabeça-Quebrada e o Cavalete retomou a estrada.

– Bem, Ozma planejou esta viagem – respondeu Dorothy – e nos avisou para ver em seguida os algaravios, antes de visitar o Homem de Lata.

– Parece bom – disse o Mágico. – Mas que estrada pegamos para chegar aos algaravios?

– Não sei bem – respondeu a garotinha –, mas deve ficar em algum lugar logo a sudoeste daqui.

– Então, por que precisamos voltar à encruzilhada? – perguntou o Homem-Farrapo. – Podemos economizar muito tempo saindo por aqui.

– Não tem um caminho – garantiu tio Henry.

– Então, é melhor voltarmos às placas e nos certificar da direção – decidiu Dorothy.

Mas, depois de percorrerem uma pequena distância, o Cavalete, que tinha ouvido a conversa deles, parou e disse:

– Aqui está um caminho.

E, de fato, um caminho tênue parecia sair da estrada em que estavam, atravessando lindos campos verdes e pomares frondosos direto até o sudoeste.

– Parece um bom caminho – disse Omby Amby. – Por que não tentar?

– Tudo bem – concordou Dorothy. – Estou ansiosa para ver como são os algaravios, e esse caminho deve nos levar lá da forma mais rápida.

Ninguém se opôs a esse plano, então o Cavalete virou no caminho, que se

provou quase tão bom quanto aquele que tinham pegado até os quebradinhos. No início, passaram por algumas casas de fazenda abandonadas, mas logo essas habitações espalhadas ficaram para trás e sobraram apenas os campos e as árvores diante deles. Mas seguiram em frente com alegre satisfação, e tia Em começou uma discussão com Billina sobre a maneira correta de criar pintinhos.

– Não quero contradizê-la – disse a galinha amarela, com dignidade –, mas imagino que eu saiba mais de pintinhos do que os seres humanos.

– *Pfff!* – respondeu tia Em. – Eu criei pintinhos por quase quarenta anos, Billina, e sei que é preciso deixar as galinhas com fome para fazê-las pôr muitos ovos, e dar muita comida aos pintinhos se quiser bons frangos para assar.

– Para assar! – exclamou Billina, horrorizada. – Assar meus pintinhos!

– Bem, é para isso que servem, não é? – perguntou tia Em, chocada.

– Não, tia, não em Oz. – As pessoas aqui não comem frango. Sabe, Billina foi a primeira galinha já vista nesta terra, e eu mesma a trouxe. Todo mundo gosta dela e a respeita, então o povo de Oz não comeria os pintinhos dela, do mesmo jeito que não comeria a própria Billina.

– Bem, e essa agora! – tia Em arfou. – E os ovos?

– Ah, se temos mais ovos do que queremos chocar, deixamos que as pessoas comam – explicou Billina. – De fato, fico muito feliz de o povo de Oz gostar de nossos ovos, pois, caso contrário, iriam estragar-se.

– Esta é mesmo uma terra esquisita – tia Em suspirou.

– Com licença – chamou o Cavalete –, o caminho terminou, e eu gostaria de saber para onde ir.

Eles olharam ao redor e, de fato, não havia caminho à vista.

– Bem – disse Dorothy –, estamos indo para sudoeste, e parece tão fácil seguir essa direção sem um caminho quanto com.

– Certamente – respondeu o Cavalete. – Não é difícil puxar a carruagem pelo campo. Só quero saber para onde ir.

– Há uma floresta para lá, do outro lado da pradaria – disse o Mágico –, e fica na direção para onde vamos. Vá reto para a floresta, Cavalete, e sem dúvida estará no caminho certo.

Então, o animal de madeira voltou a trotar, e a grama do campo era tão macia sob as rodas, que a viagem seguiu tranquila. Mas Dorothy estava um pouco inquieta por terem perdido o caminho, porque agora não havia nada para guiá-los.

Não havia casas à vista, então não podiam perguntar o caminho para algum fazendeiro; e, embora a Terra de Oz sempre fosse bela, onde quer que se fosse, essa parte do país era desconhecida a todos do grupo.

– Talvez estejamos perdidos – sugeriu tia Em, depois de seguirem um bom pedaço em silêncio.

– Não tem importância – disse o Homem-Farrapo –, eu já me perdi muitas vezes, e Dorothy também, e sempre achamos o caminho de novo.

– Mas podemos ficar com fome – comentou Omby Amby. – É a pior parte de se perder num lugar sem casas por perto.

– Jantamos bem na cidade dos quebradinhos – observou tio Henry –, e isso vai nos impedir de morrer de fome por um bom tempo.

– Ninguém jamais morreu de fome em Oz – declarou Dorothy, com segurança –, embora as pessoas às vezes fiquem bem famintas.

O Mágico não disse nada nem parecia especialmente ansioso. O Cavalete estava trotando agilmente, mas a floresta parecia mais longe do que pensaram quando a viram pela primeira vez. Assim, o sol quase tinha se posto quando finalmente chegaram até as árvores; mas, agora, eles se viam num lugar lindíssimo, com as árvores espalhadas e cobertas de vinhas floridas, e grama macia embaixo.

– Vai ser um bom lugar para acampar – disse o Mágico quando o Cavalete parou, esperando por mais instruções.

– Acampar! – ecoaram todos.

– Certamente – confirmou o Mágico. – Vai escurecer em breve e não podemos viajar por esta floresta à noite. Então, vamos acampar aqui, comer alguma coisa e dormir até amanhecer.

Todos olharam chocados para o homenzinho, e tia Em disse, com um som de desprezo:

– Que belo acampamento vai ser, isso sim! Imagino que queira que a gente durma embaixo da carruagem.

– E mastigue grama no jantar – completou o Homem-Farrapo, rindo.

Mas Dorothy parecia não estar preocupada, e estava bem alegre.

– Que sorte termos conosco o maravilhoso Mágico – disse ela –, pois ele é capaz de fazer quase tudo o que desejar.

– Ah, sim, esqueci que tínhamos um Mágico – disse tio Henry, olhando curioso para o homenzinho.

– Eu, não – chalreou Billina, satisfeita.

O Mágico sorriu e desceu da carruagem, e todos os outros o seguiram.

– Para acampar – disse ele –, a primeira coisa de que precisamos são tendas. Alguém pode, por favor, emprestar-me um lenço?

O Homem-Farrapo ofereceu-lhe um e tia Em, outro. Ele pegou os dois e dispôs com cuidado na grama perto da beira da floresta. Então, dispôs também seu próprio lenço e, afastando-se um pouco, balançou a mão esquerda na direção dos lenços, dizendo:

– Tendas de tela brancas como neve / Venham a nós e bem em breve!

Então, eis que os lenços viraram minúsculas tendas e, com os viajantes olhando, elas cresceram cada vez mais até que, em alguns minutos, cada uma estava grande o bastante para abrigar o grupo todo.

– Esta – disse o Mágico, apontando para a primeira tenda – é para a acomodação das damas. Dorothy, você e sua tia podem entrar e despir-se.

Todos correram para olhar dentro da tenda e viram duas lindas camas, prontas para Dorothy e tia Em, e um poleiro de prata para Billina. Havia tapetes abertos sobre o chão de grama e algumas cadeiras, e uma mesa de acampamento completavam o mobiliário.

– Bem, bem, bem! Isso é melhor do que qualquer coisa que eu já tenha visto ou ouvido! – exclamou tia Em, olhando para o Mágico quase com medo, como se ele pudesse ser perigoso em razão de seus grandes poderes.

– Ah, senhor Mágico! Como conseguiu isso? – perguntou Dorothy.

– É um truque que Glinda, a feiticeira, me ensinou, e bem melhor do que as mágicas que eu fazia em Omaha ou quando cheguei a Oz – respondeu ele. – Quando a boa Glinda descobriu que eu ia viver para sempre na Cidade das Esmeraldas, prometeu ajudar-me, pois disse que o Mágico de Oz devia ser mesmo um mágico esperto, não um charlatão. Então, convivemos muito, e estou aprendendo tão rápido que espero conseguir fazer algumas coisas realmente maravilhosas daqui a um tempo.

– Já fez agora! – declarou Dorothy. – Essas tendas são simplesmente maravilhosas!

– Mas venham e vejam a tenda dos homens – convidou o Mágico. Então, eles foram à segunda tenda, que tinha pontas esfarrapadas, porque fora feita do lenço do Homem-Farrapo, e a descobriram também completamente mobiliada. Continha quatro camas arrumadas, para tio Henry, Omby Amby, o Homem-Farrapo e o Mágico. Havia também um tapete macio para Totó se deitar.

– A terceira tenda – explicou o Mágico – é nossa sala de jantar e cozinha.

Visitaram essa em seguida e viram uma mesa com os pratos, além de

muitas das coisas necessárias para cozinhar. O Mágico pegou uma grande chaleira e pendurou numa barra diante da tenda. Enquanto fazia isso, Omby Amby e o Homem-Farrapo trouxeram um punhado de galhos da floresta e, então, acenderam uma fogueira embaixo da chaleira.

– Agora, Dorothy – disse o Mágico, sorrindo –, pode cozinhar nosso jantar.

– Mas não tem nada na chaleira – lamentou ela.

– Tem certeza? – perguntou o Mágico.

– Não vi nada sendo colocado e tenho quase certeza de que estava vazia quando você pegou – respondeu ela.

– Mesmo assim – disse o homenzinho, piscando maliciosamente para tio Henry –, é melhor tomar conta do jantar, querida, e garantir que não ferva e derrame.

Então, os homens pegaram alguns baldes e saíram para a floresta em busca de uma fonte de água e, enquanto estavam fora, tia Em disse a Dorothy:

– Acredito que o Mágico esteja nos enganando. Eu mesma vi a chaleira e, quando ele pendurou em cima do fogo, não tinha nada lá, só ar.

– Não se preocupem – comentou Billina, confiante, enquanto se acomodava na grama diante do fogo. – Vocês vão achar alguma coisa na chaleira quando a tirarem. E não vão ser pobres frangos inocentes.

– Sua galinha é muito mal-educada, Dorothy – disse tia Em, olhando com desdém para Billina. – É uma pena ela ter aprendido a falar.

Podia ter havido outra briga desagradável entre tia Em e Billina, se os homens não tivessem voltado nesse momento com os baldes cheios de água limpa e brilhante. O Mágico disse a Dorothy que ela era uma boa cozinheira e que achava que o jantar estava pronto.

Então, tio Henry pegou a chaleira e despejou o conteúdo em uma grande bandeja que o Mágico segurou para ele. A bandeja ficou completamente abarrotada com um belo ensopado a fumegar, com muitos tipos de vegetais e bolinhos, e um molho rico e delicioso.

O Mágico, triunfante, colocou a bandeja na mesa da tenda de jantar, e então todos sentaram-se nas cadeiras de acampamento para comer. Havia vários outros pratos na mesa, todos cuidadosamente cobertos, e, quando chegou a hora de tirar as tampas, descobriram pão e manteiga, bolos, queijo, picles e frutas – incluindo alguns dos suculentos morangos de Oz.

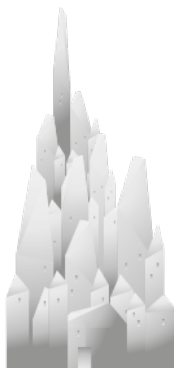
Ninguém ousou perguntar como aquelas coisas tinham chegado ali. Todos contentaram-se em comer fartamente as coisas oferecidas, e Totó e Billina também tiveram sua parte, pode ter certeza. Quando terminaram a refeição,

tia Em sussurrou a Dorothy:

– Pode ter sido comida mágica, querida, e por isso talvez não muito nutritiva, mas posso dizer que era mais gostosa do que qualquer coisa que já comi – então, ela completou, em voz mais alta: – Quem vai lavar a louça?

– Ninguém, senhora – respondeu o Mágico. – A louça já “se lavou”.

– Minha nossa! – soltou a boa senhora, levantando as mãos, impressionada. Pois, de fato, quando ela olhou os pratos, que um momento antes estavam esquecidos sobre a mesa, viu-os todos limpos, secos e em pilhas organizadas.



COMO DOROTHY ACABOU SE PERDENDO

Era uma linda noite, então, eles colocaram as cadeiras de acampamento num círculo diante de uma das tendas e começaram a contar histórias para divertir-se e passar o tempo antes de irem dormir.

Em breve, viram saindo da floresta uma zebra, que trotou até eles e disse educadamente:

– Boa noite, pessoal.

A zebra era um animalzinho elegante e tinha a cabeça fina, a crina espetada e a cauda que parecia um pincel – muito similar à de um burro. Seu corpo branco bem-formado era coberto de barras regulares marrom-escuro, e seus cascos eram delicados como os de um cervo.

– Boa noite, amiga zebra – disse Omby Amby, em resposta ao cumprimento da criatura. – Podemos fazer algo por você?

– Sim – respondeu a zebra. – Eu gostaria que resolvessem uma contenda que há muito me perturba; há mais água ou mais terra no mundo?.

– Quem está discutindo com você? – perguntou o Mágico.

– Um caranguejo de casca mole – explicou a zebra. – Ele mora num lago onde vou beber todos os dias e é um caranguejo muito impertinente, garanto. Eu lhe disse muitas vezes que há mais extensão de terra do que de água, mas ele não se convence. Nesta noite mesmo, quando eu lhe disse que ele era uma criatura insignificante que morava num pequeno lago, ele afirmou que a água era maior e mais importante que a terra. Então, vendo seu acampamento, decidi pedir-lhes para resolver essa contenda de uma vez, para que eu não seja

mais atormentada por esse caranguejo ignorante.

Ao ouvir essa explicação, Dorothy perguntou:

– Onde está o caranguejo de casca mole?

– Não muito longe – respondeu a zebra. – Se concordarem em julgar a contenda para nós, vou lá buscá-lo.

– Vá, então – disse a garotinha.

Então, o animal saiu pela floresta e logo veio trotando de volta até eles. Quando se aproximou, encontraram um caranguejo de casca mole agarrado aos pelos duros da cabeça da zebra com uma das patas.

– Então, doutor Caranguejo – disse a zebra –, aqui estão as pessoas de quem lhe falei; e elas sabem mais do que você, que mora num lago, e mais do que eu, que moro numa floresta. Pois já viajaram pelo mundo todo e conhecem cada parte dele.

– Há muito mais mundo do que Oz – declarou o caranguejo, numa voz teimosa.

– É verdade – concordou Dorothy –, mas eu morava no Kansas, nos Estados Unidos, e já fui à Califórnia e à Austrália, e tio Henry também.

– De minha parte – acrescentou o Homem-Farrapo –, fui ao México, a Boston e a muitos outros países estrangeiros.

– E eu – continuou o Mágico – fui à Europa e à Irlanda.

– Então, veja – continuou a zebra, dirigindo-se ao caranguejo –, aqui estão pessoas muito vividas, que sabem do que estão falando.

– Então, elas sabem que há no mundo mais água do que terra – garantiu o caranguejo, numa voz aguda e petulante.

– Elas sabem que você está errado de fazer uma afirmação tão absurda e provavelmente vão pensar que você é uma lagosta, não um caranguejo – retorquiu o animal.

Com essa provocação, o caranguejo esticou a outra pata e agarrou a orelha da zebra, que deu um grito de dor e começou a trotar para cima e para baixo, tentando soltar o caranguejo, que se agarrava firme.

– Pare de me beliscar! – gritou a zebra. – Você prometeu não me beliscar se eu o carregasse!

– E você prometeu me tratar com respeito – falou o caranguejo, soltando a orelha da zebra.

– Bem, e não tratei? – quis saber a zebra.

– Não; você me chamou de lagosta – disse o caranguejo.

– Senhoras e senhores – continuou a zebra –, por favor, perdoem meu

pobre amigo, que é ignorante e estúpido, e não entende. Além disso, o belisco de sua garra é muito irritante. Então, por favor, digam a ele que o mundo contém mais terra do que água e, quando ele ouvir seu julgamento, eu o levarei de volta e o jogarei em seu lago, onde espero que seja mais modesto, no futuro.

– Mas não podemos dizer isso a ele – falou Dorothy, séria –, porque não seria verdade.

– O quê?! – exclamou a zebra, chocada. – Ouvi direito?

– O caranguejo tem razão – declarou o Mágico. – Há consideravelmente mais água do que terra no mundo.

– Impossível! – protestou a zebra. – Bem, posso correr por dias na terra sem achar quase nada de água.

– Você já viu um oceano? – perguntou Dorothy.

– Nunca – admitiu a zebra. – Não há oceano na Terra de Oz.

– Bem, há vários oceanos no mundo – disse Dorothy –, e as pessoas velejam em navios nesses oceanos por semanas e semanas, e nunca veem nem um pouco de terra. E os geógrafos dizem que todos os oceanos juntos são maiores do que toda a terra junta.

Com isso, o caranguejo começou a dar risadinhas abafadas que lembraram a Dorothy a forma como Billina às vezes cacarejava.

– Agora vai desistir, senhor Zebra? – gritou ele, zombeteiro. – Agora vai desistir?

A zebra pareceu humilhada.

– Bom, claro que não entendo de geografia – disse.

– Você podia tomar uma das Pílulas Escolares do Mágico – sugeriu Billina –, e isso o tornaria culto e sábio sem estudar.

O caranguejo começou de novo a rir, o que provocou tanto a zebra que ela tentou sacudir a criaturinha e jogá-la no chão. Isso resultou em mais beliscos na orelha e, finalmente, Dorothy lhes disse que, se não se comportassem, precisariam voltar à Floresta.

– Sinto muito por ter pedido que decidissem essa questão – falou a zebra. – Enquanto nenhum de nós podia provar que estava certo, gostávamos muito da contenda; mas agora, nunca mais poderei beber naquele lago sem o caranguejo rir de mim. Então, preciso achar outro lugar para beber água.

– Faça isso! Faça isso, seu energúmeno! – berrou o caranguejo, o mais alto que sua vozinha permitia. – Perturbe algum outro lago com seus cascos desajeitados e não me incomode mais depois disso!

Então, a zebra trotou de volta para a floresta, levando o caranguejo consigo,

e desapareceu em meio à sombra das árvores. E, como agora estava escurecendo, os viajantes despediram-se uns dos outros e foram dormir.

Dorothy acordou assim que a luz começava a ficar forte na manhã seguinte e, não querendo dormir mais, levantou-se em silêncio da cama, vestiu-se e saiu da tenda onde tia Em ainda dormia tranquilamente.

Lá fora, notou Billina bicando por todo lado para conseguir insetos ou outra comida para o café da manhã, mas nenhum dos homens da outra tenda estava acordado. Então, a garotinha decidiu caminhar na floresta e tentar descobrir um caminho ou estrada que pudessem seguir quando reiniciassem a jornada.

Ela tinha chegado à beira da floresta quando a galinha amarela veio fluando e perguntou aonde ela estava indo.

– Só caminhar, Billina; e quem sabe eu encontre um caminho – disse Dorothy.

– Então, vou junto – decidiu Billina, e mal tinha falado quanto Totó chegou correndo e uniu-se a eles.

Totó e a galinha amarela tinham ficado bem amigos desta vez, embora, no início, não se dessem muito bem. Billina suspeitava muito de cachorros, e Totó tinha a ideia de que todo cachorro devia perseguir galinhas quando as visse. Mas Dorothy tinha falado com eles e dado uma bronca por não serem amigáveis um com o outro, até que se conheceram melhor e ficaram amigos.

Não vou dizer que eles se amavam, mas pelo menos tinham parado de brigar e agora conseguiam dar-se muito bem. O dia estava clareando a cada minuto e espantando as sombras negras da floresta; então, Dorothy achou muito agradável caminhar sob as árvores. Ela percorreu alguma distância numa direção, mas, não achando um caminho, logo virou para outra. Não havia caminho aqui também, embora ela tivesse avançado bastante na floresta, contornando as árvores aqui e ali e olhando pelos arbustos numa tentativa de achar algum caminho já percorrido.

– Acho melhor voltarmos – sugeriu a galinha amarela, após um tempo. – Todos já devem ter acordado, e o café da manhã com certeza está pronto.

– Muito bem – concordou Dorothy. – Vamos ver... O campo deve ficar para cá.

Ela provavelmente estava errada sobre isso, porque, depois de irem longe o bastante para chegar ao acampamento, ainda se viram no meio da floresta. Então, a garotinha parou de chofre e olhou ao redor, e Totó mirou o rosto dela com seus olhinhos brilhantes e balançou a cauda como se soubesse que havia

algo errado. Ele mesmo não conseguia saber muito da direção, porque tinha gastado seu tempo caçando entre as árvores e correndo para lá e para cá; Billina também não prestara muita atenção aonde estavam indo, interessada em pegar insetos do musgo quando passavam. A galinha amarela, então, virou um olho para a garota e perguntou:

– Já esqueceu onde fica o acampamento, Dorothy?

– Sim – admitiu ela. – E você, Billina?

– Eu nem tentei lembrar – respondeu Billina. – Não tinha ideia de que você ia se perder, Dorothy.

– São as coisas que não esperamos, Billina, que geralmente acontecem – observou a garota, pensativa. – Mas não adianta ficarmos paradas aqui. Vamos naquela direção – ela apontou numa direção a esmo. – Pode ser que, ali, a gente saia da floresta.

Lá foram de novo, mas, naquela direção, as árvores eram mais próximas umas das outras, e as vinhas eram tão embaralhadas que faziam Dorothy tropeçar.

De repente, uma voz gritou, rude:

– Parem!

No início, Dorothy não via nada, embora olhasse ao redor com muito cuidado. Mas Billina declarou:

– Ah, era só o que faltava!

– O que foi? – perguntou a garotinha, pois Totó começou a latir para algo; seguindo o olhar dele, ela descobriu o que era. Uma fileira de colheres havia cercado os três, e essas colheres estavam esticadas sobre os cabos, segurando espadas e mosquetes. O rosto delas era traçado no côncavo polido, e elas pareciam muito sérias e sisudas.

Dorothy riu daquelas coisinhas esquisitas.

– Quem são vocês? – perguntou.

– A Brigada das Colheres – disse uma.

– A serviço de Vossa Majestade rei Kutelo – disse outra.

– E vocês são nossos prisioneiros – disse uma terceira.

Dorothy sentou-se num velho toco de tronco e olhou para elas, com os olhos brilhando de diversão.

– O que aconteceria – inquiriu – se eu soltasse meu cachorro na sua Brigada?

– Ele morreria – respondeu uma das colheres, afiada. – Um tiro de nossos mosquetes mortais o mataria, por maior que ele seja.

– Não arrisque, Dorothy – aconselhou a galinha amarela. – Lembre-se de que é uma terra de contos de fada, mas nenhum de nós três é uma fada.

Ouvindo isso, Dorothy ficou séria.

– Talvez tenha razão, Billina – respondeu ela. – Mas que engraçado isso de ser capturada por um monte de colheres!

– Não vejo nada muito engraçado nisso – declarou uma colher. – Somos a brigada militar regular do reino.

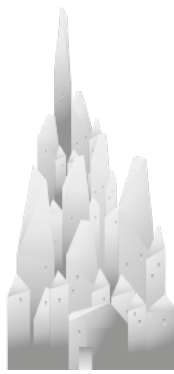
– Que reino? – perguntou ela.

– Utênsia – disse ela.

– Nunca ouvi falar dele antes – garantiu Dorothy. Então, completou, pensativa. – Não acho que Ozma também já tenha ouvido falar de Utênsia. Diga-me, vocês não são súditos de Ozma de Oz?

– Nunca ouvimos falar dela – retorquiu uma colher. – Somos súditos do rei Kutelo e obedecemos apenas às ordens dele, que são de levar todos os prisioneiros a ele assim que forem capturados. Então, ande logo, garota, e marche conosco ou ficaremos tentados a cortar alguns de seus dedos dos pés com nossas espadas.

Essa ameaça fez Dorothy rir de novo. Ela não acreditava estar em nenhum perigo, mas aquela era uma aventura nova e interessante, então, permitiu ser levada a Utênsia para ver como era o reino do rei Kutelo.



COMO DOROTHY VISITOU UTÊNSIA

Devia haver de seis a oito dezenas de colheres na Brigada, e elas marcharam no formato de um quadrado, com Dorothy, Billina e Totó no centro. Antes de terem chegado muito longe, Totó derrubou uma das colheres ao balançar o rabo, e aí o Capitão das Colheres disse para o cachorrinho tomar mais cuidado ou seria punido. Então, Totó tomou cuidado, e a Brigada de Colheres seguiu com impressionante agilidade, enquanto Dorothy precisava andar muito rápido para acompanhar.

Aos poucos, eles saíram da floresta e entraram numa grande clareira, onde ficava o Reino de Utênsia.

Ao redor da clareira, havia muitos fornos, fogões e grelhas, de todos os tamanhos e formatos, e, além disso, havia vários armários de cozinha e despensas, e ainda algumas mesas de cozinha. Essas coisas estavam reunidas com utensílios de todos os tipos: frigideiras, panelas, chaleiras, garfos, facas, colheres de sopa e conchas, raladores de noz-moscada, coadores, peneiras, facas de carne, panelas de ferro, rolos de macarrão e muitas outras coisas dessa natureza.

Quando a Brigada das Colheres apareceu com os prisioneiros, surgiu um grito selvagem, e muitos dos utensílios pularam do fogões ou dos bancos e saíram correndo para reunir-se em torno de Dorothy, da galinha e do cachorro.

– Para trás! – gritou o capitão, severo, e levou seus prisioneiros pela curiosa multidão até pararem diante de um grande fogão no centro da clareira. Ao

lado, havia uma tábua de cortar carne, em cima da qual estava um grande cutelo com cabo verde. Ele estava deitado de costas, com as pernas cruzadas e fumando um cachimbo.

– Acorde, Vossa Majestade – chamou o capitão. – Aqui estão os prisioneiros.

Ao ouvir isso, o rei Kutelo sentou-se e olhou sério para Dorothy.

– Cartilagem e carne! – gritou ele. – De onde veio essa garota?

– Eu a encontrei na floresta e a trouxe aqui como prisioneira – respondeu o capitão.

– Por que fez isso? – perguntou o rei, baforando preguiçoso seu cachimbo.

– Para criar uma animação – respondeu o capitão. – É tão tranquilo aqui que estamos todos enferrujando por falta de estímulo. De minha parte, prefiro momentos animados.

– Naturalmente – devolveu o cutelo, assentindo. – Eu sempre disse, capitão, sem nenhuma ironia, que você é um oficial brilhante e um cidadão sólido, que se curva e é polido. Mas o que espera que eu faça com esses prisioneiros?

– Isso é decisão sua – declarou o capitão. – Vossa Majestade é o rei.

– É claro, é claro – murmurou o cutelo, refletindo. – Como diz, andamos entediados desde que o facão e o amolador fugiram para se casar e nos abandonaram. Ordene que meus conselheiros e cortesãos reais venham a mim, além do sacerdote e do juiz. Aí, vamos decidir o que se pode fazer.

O capitão fez uma saudação e saiu, e Dorothy sentou-se numa chaleira virada de cabeça para baixo e perguntou:

– Vocês têm alguma comida neste reino?

– Ai! Levante! Saia de cima de mim! – gritou uma voz frágil, ao que Vossa Majestade, o cutelo disse:

– Perdão, você está sentada em minha amiga Chaleira.

Dorothy levantou-se imediatamente, e a chaleira virou de cabeça para cima e a mirou em reprovação.

– Sou amiga do rei, então, ninguém ousa sentar em mim – disse ela.

– Eu preferiria uma cadeira, de toda forma – respondeu Dorothy.

– Sente-se naquele canto de fogão ali – ordenou o rei.

Então, Dorothy sentou-se na prateleira do canto do grande fogão, e os cidadãos de Utênsia começaram a reunir-se ao redor dela, numa multidão grande e inquisitiva. Totó estava deitado aos pés de Dorothy, e Billina voou em cima do fogão, que não estava aceso, e empoleirou-se ali o mais confortavelmente que podia.

Quando todos os conselheiros e cortesãos estavam reunidos – e pareciam incluir a maioria dos habitantes do reino –, o rei bateu no bloco para pedir ordem e disse:

– Amigos e cidadãos utensílios! Nosso valioso comandante da Brigada de Colheres, o capitão Dipp, capturou os três prisioneiros que veem diante de vocês e os trouxeram aqui para... para... não sei para quê. Então, peço seu conselho sobre como agir nessa questão e qual destino deve dar a esses prisioneiros. Juiz Peneira, fique à minha direita. Seu trabalho é separar o joio do trigo neste caso. Sacerdote Escorredor, fique a meu lado esquerdo e garanta que ninguém dê falso testemunho nesse assunto.

Quando os dois oficiais assumiram o devido lugar, Dorothy perguntou:

– Por que o escorredor é o sacerdote?

– Ele é a coisa mais sagrada que temos – respondeu o rei Kutelo.

– Exceto por mim – disse um filtro. – Tudo o que passa por mim é puríssimo.

– O que precisamos é de um filtro de papel. Preciso falar sobre isso com Marconi. Esses filtros à moda antiga falam demais. Agora, é dever dos meus conselheiros aconselhar o rei em todos os momentos de emergência, então, peço que falem e aconselhem-me sobre o que fazer com esses prisioneiros.

– Exijo que eles sejam mortos várias vezes até morrerem! – gritou um pimenteiro, pulando muito animado para cima e para baixo.

– Componha-se, senhor Páprica – aconselhou o rei. – Seus comentários são apimentados, mas você precisa de uma pitada de bom senso. Só é necessário matar alguém uma vez para a pessoa morrer; mas não vejo por que seria necessário matar essa garotinha.

– Nem eu – disse Dorothy.

– Perdão, mas você não deve me aconselhar sobre isso – respondeu o rei Kutelo.

– Por que não? – perguntou Dorothy.

– Você pode fazer sua defesa em causa própria e, assim, nos enganar – explicou ele. – Então, bons súditos, quem vai falar agora?

– Eu gostaria de martelar bem essa história – disse um martelo de carne, com sinceridade. – A gente deve ser útil para os homens, sabe.

– Mas a garota não é homem! É mulher! – gritou um abridor de vinho.

– E o que você sabe sobre isso? – perguntou o rei.

– Eu tenho muita abertura entre as pessoas – disse o abridor, orgulhoso.

– Mas você é torto – retorquiu o rei – e isso o desarrolha. Você pode ser

embriagante, senhor Popp, mas preciso pedir que se feche.

– Muito bem – disse o abridor, triste. – Vejo que não posso abrir nada neste tribunal.

– Permita-me – continuou o martelo de carne – voltar a esse ponto batido, Vossa Majestade. Não quero passar por cima de qualquer crime que a prisioneira possa ter cometido, se é que esse crime existe, mas lhe devemos alguma consideração.

– Gostaria da opinião do príncipe Trinche – disse o rei.

Então, uma elegante faca trinchante deu um passo à frente e fez uma mesura.

– O capitão está errado de trazer essa garota aqui, e ela está errada de ter vindo – disse ele. – Mas, agora que a tolice está cometida e estamos afiados, vamos nos divertir!

– É isso! É isso! – gritou uma faca de cortar. – Vamos fazer picadinho da garota, cortar a galinha em cubinhos e fazer salsicha com o cachorro!

Houve um grito de aprovação, e o rei teve de bater de novo pedindo ordem.

– Senhores! Senhores! – disse. – Seus comentários são bastante afiados e um pouco desconjuntados, como seria de esperar de intelectos tão aguçados. Mas não me deram motivo para suas exigências.

– Olhe aqui, Kutelo, você está me cansando – declarou uma panela, desfilando muito insolente diante do rei. – Você deve ser o pior rei que já houve em Utênsia, e isso é dizer muito. Por que não cuida você mesmo das coisas, em vez de pedir o conselho de todo mundo como idiota desastrado que é?

O rei suspirou.

– Queria que não tivesse panelas no meu reino – disse. – Vocês estão sempre fervendo por causa de alguma coisa, e de vez em quando se esparramam e fazem uma bagunça. Pode ir pendurando sua tampa, senhora, e não quero mais ouvir falar de você.

Dorothy ficou tão chocada com a linguagem terrível usada pelos utensílios, que achou que eles deviam ter muito pouca educação. Então disse, dirigindo-se ao rei, que parecia muito inadequado para governar seus turbulentos súditos:

– Eu gostaria que vocês decidissem logo meu destino. Não posso ficar aqui o dia todo tentando descobrir o que vão fazer comigo.

– Sua batata está assando, e é hora de eu participar – observou uma grande assadeira, vindo à frente.

– O que eu gostaria de saber – disse um abridor de latas, com uma voz aguda – é por que a garotinha veio à nossa floresta, e por que atrapalhou o capitão Dipp, e quem ela é, e de onde veio, e onde, e por quê, e portanto, e quando.

– Sinto dizer, senhor Furão – comentou o rei para o abridor de latas –, que está entrando demais na questão. Aliás, as coisas que mencionou não são da nossa conta.

Tendo dito isso, o rei acendeu de novo seu cachimbo, que tinha se apagado.

– Diga-me, por favor, o que é da nossa conta? – quis saber um amassador de batatas, piscando para Dorothy de forma um pouco impertinente. – Eu adoro garotinhas e me parece que ela tem tanto direito de estar na floresta quanto nós.

– Quem acusa a garota, afinal? – inquiriu um rolo de macarrão. – O que ela fez?

– Eu não sei – disse o rei. – O que ela fez, capitão Dipp?

– Esse é o problema, Vossa Majestade. Ela não fez nada – respondeu o capitão.

– O que quer que eu faça? – perguntou Dorothy.

Essa questão pareceu deixar todos confusos. Finalmente, um *réchaud* exclamou, irritado:

– Se ninguém pode esquentar esse assunto, deem-me licença para ir.

Com isso, um grande garfo de cozinha levantou as orelhas e disse, numa vozinha minúscula:

– Vamos ouvir o juiz Peneira.

– Seria apropriado – concordou o rei.

Então, o juiz Peneira virou-se várias vezes devagar e disse:

– Não temos nada contra a garota, exceto pelo fogão em que ela está sentada. Portanto, ordeno que ela seja imediatamente dispensada.

– Dispensada! – gritou Dorothy. – Ora, nunca fui dispensada na minha vida nem pretendo ser. Se para vocês der na mesma, vou pedir minha saída.

– Para nós, dá na mesma – declarou o rei. – Você está livre, e seus companheiros também, para irem aonde quiserem.

– Obrigada – falou a garotinha. – Mas não tem nada para comer em seu reino? Estou com fome.

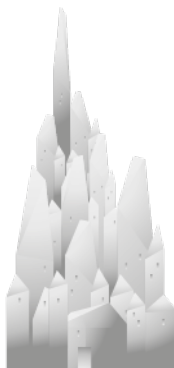
– Vá para a floresta colher frutas vermelhas – aconselhou o rei, deitando de novo de costas e se preparando para dormir. – Não tem nem uma migalha para comer em Utênsia, que eu saiba.

Então, Dorothy pulou e disse:

– Vamos, Totó e Billina. Se não conseguirmos encontrar o acampamento, podemos achar alguns mirtilos.

Os utensílios afastaram-se e permitiram que eles passassem sem protesto, embora o capitão Dipp tenha marchado com a Brigada de Colheres bem atrás deles, até chegarem à beira da clareira.

Lá, as colheres pararam, mas Dorothy e seus companheiros entraram de novo na floresta e começaram, diligentemente, a procurar um caminho de volta ao acampamento para reunirem-se ao grupo.



COMO ELES CHEGARAM A CANERY

Perambular pela floresta sem saber aonde ir, ou que aventura está prestes a encontrar não é tão agradável quanto se pode pensar. A floresta sempre é bela e impressionante e, quando não se está preocupado ou com fome, é possível desfrutar muito dela; mas Dorothy estava preocupada e com fome naquela manhã, de modo que prestou pouca atenção às belezas da floresta e correu o mais rápido que conseguia. Ela tentou manter-se em uma direção única e não dar voltas, mas não tinha certeza de que a direção escolhida levaria ao acampamento.

Aos poucos, para sua alegria, ela achou um caminho. Ele ia para a direita e para a esquerda, perdendo-se em meio às árvores nas duas direções, e, logo diante dela, num grande carvalho, havia duas placas afixadas, com braços apontando para os dois lados. Uma placa dizia:

PEGUE A OUTRA ESTRADA PARA CANERY

E a segunda dizia:

PEGA A OUTRA ESTRADA PARA O COELHISTÃO

– Bem! – exclamou Billina, de olho nas placas. – Parece que estamos voltando à civilização.

– Não tenho certeza de que seja para a civilização, querida – respondeu a garota –, mas parece que vamos chegar a *algum lugar*, e isso já é um grande

alívio.

– Que caminho devemos pegar? – inquiriu a galinha amarela.

Dorothy olhou pensativa para as placas.

– Canery parece algo de comer – disse ela. – Vamos para lá.

– Para mim, dá na mesma – respondeu Billina. Enquanto ia, ela tinha pegado insetos do musgo suficientes para satisfazer a própria fome, mas sabia que nem Dorothy, nem Totó podiam comer insetos.

O caminho a Canery parecia pouco usado, mas era visível o bastante e cortava pelas árvores num ziguezague, até finalmente levá-los a um espaço aberto cheio das casas mais estranhas que Dorothy já vira. Eram todas feitas de biscoito água e sal, dispostas em pequenos quadrados, e eram de muitas formas, lindas e ornamentais, com varandas e sacadas com colunas de *grissini* e telhados com telha de *wafer*.

Havia trilhas de migalhas levando de casa em casa e formando ruas, e o lugar parecia ter habitantes demais.

Quando Dorothy, seguida por Billina e Totó, entraram no lugar, ela encontrou pessoas caminhando pelas ruas ou reunidas em grupos, conversando ou sentadas nas varandas e sacadas.

E que gente esquisita era!

Homens, mulheres e crianças todos feitos de pão. Alguns eram magros, e outros, gordos; alguns eram brancos; outros, marrom-claro; e outros tinham a pele bem escura. Alguns dos pãezinhos, que pareciam formar a classe de pessoas mais importantes, tinham belas coberturas de açúcar. Uns tinham uvas-passas no lugar dos olhos e botões de groselha nas roupas, outros tinham olhos de cravo e pernas de canela em pau, e muitos usavam chapéus e boinas com coberturas de açúcar cor-de-rosa e verde.

Houve uma comoção em Canery quando os estranhos de repente apareceram entre eles. As mulheres pegaram os filhos e correram para dentro de casa, fechando as portas de biscoito água e sal com cuidado atrás de si. Alguns homens correram tão rápido que caíram uns por cima dos outros, e houve os mais corajosos, que se reuniram num grupo e enfrentaram os intrusos.

Dorothy percebeu naquele momento que precisava agir com cautela para não assustar essas pessoas tímidas, que evidentemente não estavam acostumadas à presença de estranhos. Havia um perfume delicioso de pão fresco na cidade, o que deixou a garotinha com mais fome do que nunca. Ela pediu a Totó e Billina que ficassem no lugar enquanto avançava lentamente na

direção do grupo que a esperava em silêncio.

– Por favor, perdoem por vir sem avisar – disse, baixinho –, mas eu não sabia mesmo que estava vindo para cá até chegar. Eu estava perdida na floresta, sabe, e estou com muita fome.

– Fome! – murmuraram eles, num coro horrorizado.

– Sim; não como desde o jantar de ontem – explicou ela. – Tem algo de comer em Canery?

Eles olharam-se indecisos, e então um homem-pão corpulento, que parecia sensato, deu um passo à frente e disse:

– Garotinha, para ser sincero com você, todos somos comestíveis. Tudo em Canery é de comer para criaturas humanas esfomeadas como você. Mas foi para escapar de sermos comidos e destruídos que nos isolamos neste lugar fora de mão, e não é certo nem justo você vir aqui alimentar-se de nosso povo.

Dorothy olhou para ele desejosa.

– Você é um pão, não é? – perguntou ela.

– Sim; pão com manteiga. A manteiga está dentro de mim, para não derreter e escorrer. Eu prefiro correr sozinho.

Todos os outros explodiram num coro de risadas com essa piada, e Dorothy pensou que não deviam estar com muito medo, se eram capazes de rir assim.

– Eu não poderia comer algo que não sejam pessoas? – perguntou ela. – Não posso comer só uma casa ou uma calçada, ou coisa assim? Eu não me importo muito com o que seja, sabe.

– Isto não é uma padaria pública, menina – respondeu o homem, sério. – É propriedade privada.

– Eu sei, senhor... senhor...

– Meu nome é Excelentíssimo senhor Pão de C. – disse o homem. – “C” é de Canela, e este lugar foi batizado em homenagem a minha família, que é a mais aristocrática da cidade.

– Ah, isso eu já não sei – interrompeu outra das pessoas esquisitas. – Os Centeios, os Integrais e os Brancos são famílias excelentes, os melhores de seu tipo. Eu mesma sou uma Integral de Boston.

– Admito que todos sejam cidadãos ilustres – disse o senhor Pão de Canela, meio duro –, mas o fato é que nossa cidade se chama Canery.

– Com licença – interrompeu Dorothy –, mas estou ficando com mais fome a cada minuto. Agora, se forem educados e gentis, e tenho certeza de que devem ser, vão me deixar comer *alguma coisa*. Tem tanta coisa de comer aqui que vocês nem vão sentir falta.

Então, um homem grande e estufado, de uma cor marrom delicada, deu um passo à frente e disse:

– Acho que seria uma pena mandar essa criança embora, especialmente porque ela concordou em comer o que quer que possamos oferecer e não tocar em nosso povo.

– Eu também, Massa – respondeu um rolinho que estava por perto.

– Então, o que sugere, senhor Folhada? – perguntou o senhor Pão de Canela.

– Bem, vou deixá-la comer minha cerca dos fundos, se ela quiser. É feita de *waffles*, e eles são crocantes e gostosos.

– Ela também pode comer meu carrinho de mão – completou um *muffin* de aparência agradável. – É feito de bolacha recheada com rodas de biscoito de gengibre.

– Muito bem, muito bem – comentou o senhor Pão de Canela. – Certamente, é muito gentil da parte de vocês. Vá com o senhor Folhada e o senhor Muffin, garotinha, e eles a alimentarão.

– Muito obrigada – disse Dorothy, agradecida. – Posso trazer meu cachorro, Totó, e a galinha amarela? Eles também estão com fome.

– Vai fazê-los se comportar? – perguntou o Muffin.

– É claro – prometeu Dorothy.

– Então, venha – disse o senhor Massa Folhada.

Então, Dorothy, Billina e Totó subiram a rua, e as pessoas pareciam já não ter medo deles. A casa do senhor Muffin veio primeiro e, como seu carrinho de mão estava no jardim, a garotinha o comeu primeiro. Não parecia muito fresco, mas ela estava com tanta fome, que não foi exigente. Totó também comeu um pouco, e Billina bicou as migalhas.

Enquanto os estranhos ocupavam-se em comer, muitas das pessoas vinham, paravam na rua e ficavam olhando para eles. Dorothy notou seis crianças marrons, de aparência travessa, paradas, enfileiradas, e perguntou:

– Quem são vocês, pequeninos?

– Somos as broinhas – respondeu uma delas – e somos todas gêmeas.

– Será que sua mãe vai sentir falta de uma ou duas de vocês? – perguntou Billina, percebendo que eram recém-assadas; mas, com essa pergunta perigosa, as seis broinhas correram o mais rápido que conseguiram.

– Não diga coisas assim, Billina – manifestou-se Dorothy, em reprovação. – Agora, vamos para o quintal do Massa Folhada pegar os *waffles*.

– Eu meio que não queria me separar daquela cerca – comentou o senhor

Folhada, nervoso, enquanto caminhavam na direção da casa dele. – Os vizinhos de trás de nós são Biscoitos Champanhe, e não gosto de me misturar com eles.

– Mas ainda estou com fome – declarou a garota. – O carrinho de mão não era muito grande.

– Tenho um piano de biscoito amanteigado, mas ninguém da minha família sabe tocar – disse ele, pensativo. – Talvez você possa comer isso.

– Está bem – disse Dorothy –, não me importo. Qualquer coisa serve, completou – para ser educada.

Então, o senhor Folhada levou-a para sua casa, onde ela comeu o piano, que era delicioso.

– Tem algo de beber aqui? – perguntou ela.

– Sim; tenho uma bomba de leite e uma de água; o que prefere? – ofereceu ele.

– Acho que vou experimentar as duas.

Então, ele chamou a esposa, que levou para o quintal um balde feito de algum tipo de massa assada, e Dorothy encheu-o de leite doce e fresco, e bebeu com sofreguidão.

A esposa do Massa Folhada era vários tons mais escura do que ele.

– Você não é passada demais? – perguntou-lhe a garotinha.

– Na verdade, não – respondeu a mulher. – Não sou nem passada demais, nem malpassada; sou apenas a senhora Folhada, presidente da Banda de Café da Manhã de Canery.

Dorothy agradeceu-lhes a hospitalidade e se foi. No portão, o senhor Pão de Canela a encontrou e disse que ia mostrar-lhe a cidade.

– Temos alguns habitantes muito interessantes – comentou ele, caminhando duro ao lado dela, com suas pernas de canela em pau –, e todos nós temos boa saúde e somos fofinhos. Se não estiver mais com fome, vamos chamar alguns dos cidadãos mais importantes.

Totó e Billina seguiram atrás, comportando-se muito bem, e, um pouco à frente na rua, chegaram a uma bonita residência, onde morava a tia Ana Maria. A velhinha ficou feliz de encontrar a garotinha e deu-lhe um pedaço de pão branco com manteiga, que era seu capacho. Estava quase fresco, e era mais gostoso do que qualquer coisa que Dorothy tinha comido na cidade.

– Onde consegue a manteiga? – perguntou ela.

– A gente tira do chão, que, como você talvez tenha observado, é todo de farinha de trigo e de milho – respondeu o senhor Pão de Canela. – Há uma

mina de manteiga do outro lado da vila. As árvores que você vê aqui são todas donuteiras e, na estação, pegamos muitos *donuts* delas.

– Eu imaginei que a farinha fosse soprada pelo vento e entrasse nos seus olhos – disse Dorothy.

– Não – retrucou ele –, às vezes, a gente tem que lidar com pó de biscoito água e sal, mas nunca com farinha.

Então, ele a levou para ver o senhor Bolo Inglês, um cavalheiro mais velho e alegre que morava lá perto.

– Imagino que tenha ouvido falar de mim – disse o senhor Inglês, com ar de orgulho. – Sou muito apreciado pelo mundo todo.

– O senhor não está um pouco amarelo? – perguntou Dorothy, mirando-o criticamente.

– Talvez, menina, mas não acho que esteja com problema na bile, pois nunca estive com melhor saúde – respondeu o senhor. – Se alguma coisa me incomodasse, eu admitiria sem problemas.

– O senhor Inglês é um pouco seco – explicou o senhor Pão de Canela quando se afastaram –, mas se mistura bem e nunca fica estragado. Agora, vou levá-la para visitar alguns de meus próprios parentes. Eles visitaram os Pães de Açúcar, os Pães de Mel e os Pães Australianos, esses últimos de aparência decididamente estrangeira. Depois, viram os Pães Franceses, que foram muitos educados com eles, e fizeram uma breve visita aos Bolos de Rolo, que pareceram um pouco orgulhosos e autoritários.

– Mas não são tão metidos quanto as Rosquinhas com Cobertura – declarou o senhor Pão de Canela –, que eu realmente não suporto. Não gosto de suspeitar nem de fazer fofoca sobre escândalos, mas às vezes acho que as Rosquinhas têm pouca fermentação.

Nesse momento, ouviu-se um grito terrível, e Dorothy virou-se apressada para ver uma cena de grande emoção um pouco mais à frente na rua. As pessoas estavam reunidas em torno de Totó e jogando nele tudo o que conseguiam achar. Cobriram o cãozinho de biscoitos de bordo, água e sal e até móveis, que eram duros e pesados o bastante para parecerem mísseis.

Totó uivou um pouco com as guloseimas jogadas nele; mas ficou imóvel, de cabeça baixa e rabinho entre as pernas até Dorothy chegar e perguntar qual era o problema.

– Problema! – gritou uma baguete de centeio, indignada. – Ora, essa terrível fera comeu três de nossas queridas Panquecas e agora está devorando um Biscoito Amanteigado!

– Ah, Totó! Como pôde? – exclamou Dorothy, atordoada.

Totó estava com a boca cheia de sua vítima amanteigada, então, ele só ganiu e balançou o rabo. Mas Billina, que tinha voado para cima de uma casa de biscoito água e sal para estar num lugar seguro, gritou:

– Não o culpe, Dorothy; as Panquecas o desafiaram a fazer isso.

– Sim, e você bicou os olhos de um Pão de Uva-Passa, um de nossos melhores cidadãos! – berrou um pudim de pão, balançando o punho para a galinha amarela.

– Como? Como? – lamentou o senhor Pão de Canela, que agora tinha se juntado a eles. – Ah, que infelicidade... Que terrível infelicidade!

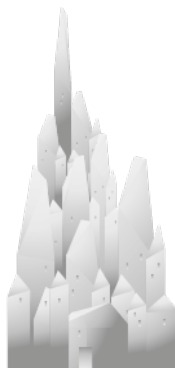
– Olhe aqui – disse Dorothy, determinada a defender seus animais de estimação –, acho que tratamos todos vocês muito bem, considerando que são comestíveis, alimentos normais para nós. Fui gentil com vocês e comi seus carrinhos de mão e pianos velhos, e todo tipo de porcaria, e não disse uma palavra. Mas não se pode esperar que Totó e Billina passem fome quando a cidade está cheia de coisas que eles adoram comer, porque não conseguem entender, como eu, como vocês são pães-duros.

– Vocês precisam ir embora imediatamente! – disse o senhor Pão de Canela, sério.

– E se não formos? – disse Dorothy, agora muito irritada.

– Aí – falou ele –, vamos colocar vocês nos grandes fornos em que somos feitos e assá-los.

Dorothy olhou ao redor e viu uma cara ameaçadora em todos. Ela não tinha notado fornos na cidade, mas podia haver, pois alguns dos habitantes pareciam muito frescos. Então, ela decidiu ir e, chamando Totó e Billina para segui-la, marchou pela rua com a maior dignidade possível, considerando que estava sendo seguida pelas vaías e pelos gritos de pães, biscoitos e outras coisas assadas.



COMO OZMA OLHOU NO QUADRO MÁGICO

A princesa Ozma era uma governante muito ocupada, pois cuidava de perto do conforto e bem-estar de seu povo, tentando fazê-lo feliz. Se surgia alguma querela, ela decidia com justiça; se alguém precisava de conselho ou orientação, ela estava pronta e disposta a ouvir.

Por um ou dois dias depois do início da viagem de Dorothy e seus companheiros, Ozma ocupou-se das coisas de seu reino. Então, começou a pensar em alguma ocupação para tio Henry e tia Em que fosse leve e fácil, e, ainda assim, desse algo para os dois idosos fazerem.

Ela logo decidiu tornar tio Henry Guardador das Joias, pois alguém precisava mesmo contar e cuidar das arcas e barris de esmeraldas, diamantes, rubis e outras pedras preciosas que ficavam nos Armazéns Reais. Isso manteria tio Henry ocupado o bastante, mas achar algo para tia Em era mais difícil. O palácio era cheio de empregadas, então, não havia detalhe doméstico de que tia Em pudesse cuidar.

Sentada em seu belo quarto pensando nisso, Ozma por acaso olhou seu quadro mágico.

Era um dos mais importantes tesouros em toda a Terra de Oz. Era um quadro grande, com uma moldura dourada, pendurado num lugar proeminente numa parede do quarto particular de Ozma.

Em geral, esse quadro parecia apenas uma paisagem rural, mas, sempre que

Ozma o olhava e desejava saber o que estavam fazendo seus amigos ou conhecidos, a mágica desse quadro maravilhoso imediatamente se revelava. Pois a paisagem rural gradualmente se desbotava e, em seu lugar, aparecia o semblante da pessoa ou pessoas que Ozma desejava ver, cercado por cenas reais nas quais a pessoa, então, era colocada. Dessa forma, a princesa podia ver qualquer parte do mundo que desejasse e assistir às ações de qualquer um em que estivesse interessada.

Ozma muitas vezes vira Dorothy em sua casa no Kansas através do quadro e, agora, com um tempo livre, expressou o desejo de ver de novo sua amiga. Foi assim que viu os viajantes enquanto estavam em Cabeça-Quebrada, e Ozma riu alegremente enquanto assistia, no quadro, a seus amigos tentando montar as peças da Vovó Tric.

– Eles parecem felizes e, sem dúvida, estão se divertindo – disse a governante a si mesma, e então começou a pensar nas muitas aventuras que ela mesma tivera com Dorothy.

A imagem de seus amigos agora desapareceu do quadro mágico, e a velha paisagem lentamente reapareceu.

Ozma estava pensando na época em que, com Dorothy e seu exército, marcharam até a caverna subterrânea do rei Nomo, para lá da Terra de Ev, e forçaram o velho monarca a liberar seus prisioneiros, que pertenciam à família real de Ev. Foi nesse momento que o Espantalho quase matou o rei Nomo de susto jogando um dos ovos de Billina nele, e Dorothy capturou o cinto mágico do rei Roquat, trazendo-o consigo para a Terra de Oz.

A linda princesa sorriu lembrando-se dessa aventura e então se perguntou o que tinha acontecido com o rei Nomo desde então. Apenas porque estava curiosa e não tinha mais o que fazer, Ozma olhou para o quadro mágico e pediu para ver o rei dos nomos.

Roquat, o Vermelho, ia todo dia para seu túnel para ver como estava o trabalho e apressar seus operários o máximo possível. Ele estava lá agora, e Ozma o viu claramente no quadro mágico.

Ela viu o túnel subterrâneo, avançando bastante sob o Deserto Mortal que separava a Terra de Oz das montanhas, abaixo das quais o rei Nomo tinha suas extensas cavernas. Ela viu que o túnel estava sendo cavado na direção da Cidade das Esmeraldas e soube imediatamente que era para o exército dos nomos poder marchar por ele e atacar seu país, belo e pacífico.

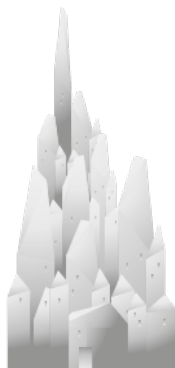
– Imagino que o rei Roquat esteja planejando vingança contra nós – disse ela, pensativa – e acha que pode nos surpreender e nos tornar seus prisioneiros

e escravos. Que triste alguém ter pensamentos tão maldosos! Mas não posso culpar demais o rei Roquat, pois ele é um nomo, e sua natureza não é tão gentil quanto a minha.

Então, ela tirou de sua mente os pensamentos sobre o túnel, temporariamente, e começou a perguntar-se se tia Em não ficaria feliz sendo a Remendeira Real das Meias-Calças da Governante de Oz. As meias-calças de Ozma tinha poucos furos, mas elas às vezes tinham que ser remendadas. Tia Em devia conseguir fazer isso muito bem.

No dia seguinte, a princesa observou o túnel de novo em seu quadro mágico, e todo dia depois disso dedicava alguns minutos a inspecionar o trabalho. Não era especialmente interessante, mas ela sentia que era sua obrigação.

Lenta, mas continuamente, o grande buraco arqueado entrava pelas pedras sob o Deserto Mortal, e dia a dia ele chegava mais perto da Cidade das Esmeraldas.



COMO O COELHISTÃO RECEBEU OS ESTRANHOS

Dorothy foi embora de Canery da mesma forma que tinha chegado, e, quando estavam de novo na floresta, disse a Billina:

– Nunca pensei que coisas gostosas de comer pudessem ser tão desagradáveis.

– Já comi muitas coisas que eram gostosas, mas desagradáveis depois – respondeu a galinha amarela. – Acho, Dorothy, que se uma comida vai se comportar mal, é melhor que seja antes do que depois de comê-la.

– Talvez você tenha razão – disse a garotinha, suspirando. – Mas o que vamos fazer agora?

– Vamos seguir o caminho de volta à placa – sugeriu Billina. – Vai ser melhor do que nos perdermos de novo.

– Bem, já estamos perdidos – declarou Dorothy –, mas acho que você tem razão sobre voltar à placa, Billina.

Eles voltaram pelo caminho até o lugar onde tinham começado, e logo pegaram “a outra estrada” para o Coelhoistão. Essa estrada era apenas uma faixa estreita, gasta e lisa, mas não ampla o bastante para os pés de Dorothy. Apesar disso, era um guia, e a caminhada pela floresta não foi nada difícil.

Logo chegaram a um muro alto de mármore branco, sólido, e o caminho terminava nesse muro.

No início, Dorothy achou que não havia nenhuma abertura no mármore, mas, olhando mais de perto, descobriu uma pequena porta quadrada, mais ou menos no nível de sua cabeça, e embaixo dessa porta fechada havia uma

campainha. Ao lado da campainha, uma placa pintada com letras bonitas no mármore dizia:

ENTRADA PROIBIDA, EXCETO A TRABALHO

Isso não desencorajou Dorothy, e ela tocou a campainha.

Logo, uma tranca foi cuidadosamente aberta, e a porta de mármore lentamente se abriu. Então, ela viu que não era de fato uma porta, mas uma janela, pois havia várias barras de cobre em frente, encaixadas no mármore e tão juntas que o dedo da garotinha mal conseguia passar por elas. Atrás das barras apareceu o rosto de um coelho branco – um rosto muito sóbrio e composto – com um monóculo em frente ao olho esquerdo, preso a um cordão na lapela.

– Bem! O que foi? – perguntou o coelho, ácido.

– Meu nome é Dorothy – disse a garota – e eu estou perdida, e...

– Diga o que quer, por favor – interrompeu o coelho.

– O que quero – respondeu ela – é descobrir onde estou e...

– Ninguém tem permissão de entrar no Coelhistão sem uma ordem ou uma carta de apresentação de Ozma de Oz ou de Glinda, a Boa – anunciou o coelho –, então isso resolve o assunto – e ele começou a fechar a janela.

– Espere um pouco! – gritou Dorothy. – Eu tenho uma carta de Ozma.

– Da governante de Oz? – perguntou o coelho, duvidando.

– É claro. Ozma é minha melhor amiga, sabe, e eu mesma sou princesa – anunciou, com sinceridade.

– Hum... Rá! Deixe-me ver sua carta – respondeu o coelho, como se ainda duvidasse dela.

Então, ela procurou no bolso e achou a carta que Ozma lhe dera. Entregou-a pelas barras para o coelho, que a pegou nas patas e abriu. Ele leu alto, numa voz pomposa, como se para mostrar a Dorothy e Billina que era culto e sabia ler.

A carta dizia o seguinte:

Gostaria que meus súditos recebessem a princesa Dorothy, portadora desta missiva real, com a mesma cortesia e consideração que dispensariam a mim.

– Rá... Hum! Está assinado “Ozma de Oz” – continuou o coelho – e selado

com o Grande Selo da Cidade das Esmeraldas. Bem, bem, bem! Que estranho! Que notável!

– O que vai fazer? – quis saber Dorothy, impaciente.

– Precisamos obedecer ao mandato real – respondeu o coelho. – Somos súditos de Ozma de Oz e moramos no país dela. Além disso, estamos sob a proteção da grande feiticeira Glinda, a Boa, que nos fez prometer respeitar as ordens de Ozma.

– Então, posso entrar? – perguntou ela.

– Vou abrir a porta – falou o coelho. Ele fechou a janela e desapareceu, mas um momento depois, uma grande porta no muro se abriu e permitiu que Dorothy entrasse num cômodo pequeno, que parecia ser parte do muro e construído dentro dele.

Lá estava o coelho com quem ela esteve falando, e, agora que era capaz de vê-lo, ela olhou a criatura com surpresa. Ele era um coelho branco, grande, com olhos cor-de-rosa, muito parecido com outros coelhos brancos. Mas o impressionante nele era como estava vestido. Usava um paletó branco de cetim, bordado de ouro, e com botões de diamante. Seu colete era de cetim cor-de-rosa claro, com botões de turmalina. As calças eram brancas, para combinar com o paletó, bem largas nos joelhos – como as de um soldado – e amarradas com laços cor-de-rosa. Seus sapatos eram de pelúcia branca com fivelas de diamante, e suas meias eram de seda rosa.

A riqueza e até a magnificência das roupas do coelho fizeram com que Dorothy olhasse fixamente para a criatura, maravilhada. Totó e Billina tinham entrado atrás dela e, quando os viu, o coelho correu até uma mesa e pulou agilmente em cima dela. Então, olhou para os três através de seu monóculo e disse:

– Esses companheiros, princesa, não podem entrar no Coelhistão com você.

– Por que não? – quis saber Dorothy.

– Em primeiro lugar, iam assustar nosso povo, que não gosta de cachorros acima de tudo; e, em segundo lugar, a carta da rainha Ozma não os menciona.

– Mas eles são meus amigos – insistiu Dorothy – e vão aonde eu for.

– Desta vez, não – falou o coelho, decidido. – Você, princesa, é uma visitante bem-vinda, já que foi tão recomendada, mas a não ser que consinta em deixar o cachorro e a galinha aqui, não posso permitir que entre na cidade.

– Não ligue para nós, Dorothy – falou Billina. – Entre e veja como é o lugar. Depois, você pode nos contar, e Totó e eu vamos descansar confortavelmente

aqui até você voltar.

Isso parecia o melhor a fazer, pois Dorothy estava curiosa para ver como as pessoas-coelho viviam, e sabia que seus amigos podiam assustar as criaturinhas tímidas. Ela não tinha esquecido como Totó e Billina se comportaram em Canery, e talvez o coelho fosse sábio em insistir que ficassem fora da cidade.

– Muito bem – disse ela –, vou sozinha. Imagino que você seja o rei desta cidade, não?

– Não – respondeu o coelho –, sou apenas o Guardador da Portinhola e alguém de pouca importância, embora tente fazer meu trabalho. Devo informá-la, princesa, que, antes de entrar na nossa cidade, você deve aceitar reduzir.

– Reduzir o quê? – questionou Dorothy.

– Seu tamanho. Precisa ficar do tamanho dos coelhos, embora possa manter sua forma.

– Minhas roupas não vão ficar grandes demais? – perguntou ela.

– Não; elas vão reduzir junto com seu corpo.

– E *you* consegue me diminuir?

– Facilmente – respondeu o coelho.

– E vai me deixar grande de novo, quando eu estiver pronta para ir embora?

– Vou – confirmou ele.

– Então, está bem; estou disposta – anunciou ela.

O coelho pulou da mesa e correu – ou melhor, saltou – até o muro externo, onde abriu uma porta tão minúscula que nem Totó conseguiria entrar por ela.

– Siga-me – disse ele.

Vejam, qualquer outra garotinha teria declarado não conseguir passar por uma porta tão pequena, mas Dorothy já tinha encontrado tantas aventuras de fantasia que acreditava não ter nada impossível na Terra de Oz. Então, andou tranquilamente na direção da porta e, a cada passo, ficava menor e menor até que, ao alcançar a abertura, conseguiu passar com facilidade. De fato, quando ficou ao lado do coelho, que sentava sobre as patas traseiras e usava as da frente como mãos, a cabeça dela estava mais ou menos na altura da dele.

Então, o Guardador da Portinhola atravessou a porta e ela o seguiu, e depois disso a porta se fechou, e um clique duro a trancou.

Dorothy agora se via numa cidade tão estranha e bela que engasgou de surpresa. O muro alto de mármore estendia-se por todo o lugar e deixava o

resto do mundo de fora. E ali havia casas de mármore de formatos curiosos, a maioria parecia chaleiras viradas de ponta-cabeça, mas com espirais e minaretes esguios bem alto no céu. As ruas eram pavimentadas com mármore branco e, na frente de cada casa, havia um gramado de ricos trevos verdes. Tudo era organizadíssimo, com o branco e o verde contrastando de um jeito bonito.

Mas as pessoas-coelho, no fim, foram o que Dorothy viu de mais impressionante. As ruas estavam cheias delas, e suas roupas eram tão esplêndidas que as vestes ricas do Guardador da Portinhola era comum em comparação com as outras. Sedas e cetins de tons delicados pareciam sempre ser usados como material, e quase todas as roupas brilhavam com lindas joias.

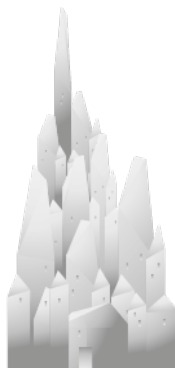
Mas as coelhas ofuscavam os coelhos em esplendor, e o corte dos vestidos era mesmo maravilhoso. Elas também usavam chapéus com penas e joias, e algumas empurravam carrinhos de bebês nos quais a menina pôde ver minúsculos coelhinhos. Alguns estavam dormindo, enquanto outros chupavam as patas e olhavam ao redor com grandes olhos cor-de-rosa.

Como Dorothy tinha o mesmo tamanho dos coelhos adultos, teve a chance de observá-los de perto antes de notarem sua presença. Aí, eles não pareceram nada alarmados, embora a garotinha naturalmente tenha se tornado o centro das atenções e fosse olhada com grande curiosidade.

– Abram caminho! – gritou o Guardador da Portinhola, com voz pomposa.
– Abram caminho para a princesa Dorothy, que vem enviada por Ozma de Oz!

Ouvindo esse anúncio, a multidão de coelhos deu lugar a eles nas calçadas, e enquanto Dorothy passava, todos baixavam a cabeça respeitosamente.

Caminhando assim por várias ruas bonitas, eles chegaram a uma praça no centro da cidade. Nessa praça havia algumas árvores bonitas e uma estátua de bronze de Glinda, a Boa, enquanto atrás dela ficavam os portões do Palácio Real – um prédio extenso e imponente, de mármore azul, coberto com uma filigrana de ouro fosco.



COMO DOROTHY ALMOÇOOU COM UM REI

Uma fileira de soldados coelhos estava postada diante da entrada do palácio, usando uniformes verdes e dourados, com altas barretinas emplumadas na cabeça e lanças minúsculas nas mãos. O capitão tinha uma espada e uma pluma branca, e sua barretina.

– Saúdem! – chamou o Guardador da Portinhola. – Saúdem a princesa Dorothy, enviada por Ozma de Oz!

– Saudações! – gritou o capitão, e todos os soldados imediatamente bateram continência.

Eles entraram no grande salão do palácio, onde foram recebidos por um atendente vestido alegremente, a quem o Guardador da Portinhola perguntou se o rei estava disponível.

– Acho que sim – foi a resposta. – Ouvi Sua Majestade balbuciando e se lamentando como sempre há apenas alguns minutos. Se ele não parar de agir como um bebezão, vou pedir demissão de minha posição aqui e procurar um emprego.

– Qual é o problema com seu rei? – perguntou Dorothy, surpresa em ouvir o atendente coelho falando de forma tão desrespeitosa de seu monarca.

– Ah, ele não quer ser rei, só isso; e simplesmente *é obrigado* – foi a resposta.

– Vamos! – chamou o Guardador da Portinhola, sério. – Leve-nos a Sua Majestade; e não lave nossa roupa suja na frente de estranhos, imploro.

– Ora, se esta garota vai ver o rei, ele vai lavar sua própria roupa suja –

devolveu o atendente.

– Isso é privilégio real dele – declarou o Guardador.

Então, o atendente os levou para uma sala toda drapeada de tecido de ouro e mobiliada com móveis de ouro, cobertos de cetim. Havia nessa sala um trono em cima de um estrado e com um assento grande e almofadado, e nesse assento estava reclinado o rei Coelho. Ele estava deitado de costas, com as patas para o ar e ganindo como um filhote de cachorro.

– Vossa Majestade! Vossa Majestade! Levante. Tem uma visitante – chamou o atendente.

O rei rolou para o lado e olhou para Dorothy com os olhos cor-de-rosa, cheios de água. Então, sentou-se e secou os olhos com cuidado usando um lenço de seda, e colocou sua coroa de joias, que tinha caído.

– Perdoe meu luto, cara estranha – disse ele, com voz triste. – Está vendo em mim o monarca mais infeliz do mundo todo. Que horas são, Blinkem?

– Uma da tarde, Vossa Majestade – respondeu o atendente a quem a pergunta foi dirigida.

– Sirvam o almoço imediatamente! – ordenou o rei. – Almoço para dois, ou seja, minha visitante e eu, e certifiquem-se de servir à humana a comida à qual ela está acostumada.

– Sim, Vossa Majestade – respondeu o atendente e saiu.

– Amarre meu sapato, Bristle – disse o rei ao Guardador da Portinhola. – Ah, eu! Como sou infeliz!

– O que está preocupando Vossa Majestade? – perguntou Dorothy.

– Bem, é essa coisa de rei, claro – respondeu ele, enquanto o Guardador amarrava seu sapato. – Eu não queria ser rei do Coelhoistão, e todos os coelhos sabem. Então, eles me elegeram, imagino que para salvar a si mesmos de um destino tão terrível, e aqui estou, trancado num palácio, quando podia estar livre e feliz.

– Parece-me – disse Dorothy – que é muito bom ser rei.

– Você já foi rei? – questionou o monarca.

– Não – respondeu ela, rindo.

– Então, não sabe nada sobre isso – disse ele. – Não perguntei quem você é, mas não importa. Enquanto estivermos almoçando, vou contar-lhe todos os meus problemas. São muito mais interessantes do que qualquer coisa que possa dizer sobre si mesma.

– Talvez sejam, para você – respondeu Dorothy.

– O almoço está servido! – gritou Blinkem, abrindo a porta, e uma dezena

de coelhos entraram, todos carregando bandejas que colocaram em cima da mesa, onde dispuseram os pratos de maneira organizada.

– Agora, vão embora, todos vocês! – exclamou o rei. – Bristle, você pode esperar do lado de fora, caso eu precise.

Quando tinham ido e o rei estava sozinho com Dorothy, ele desceu de seu trono, jogou a coroa num canto e chutou a capa de armelina para baixo da mesa.

– Sente-se – convidou – e tente ficar feliz. Para mim, é inútil tentar, pois sempre estou irritado e infeliz. Mas estou com fome, espero que você também.

– Estou – disse Dorothy. – Só comi um carrinho de mão e um piano hoje. Ah, sim, e um pedaço de pão com manteiga que era um capacho.

– Parece uma refeição leve – comentou o rei, sentando-se em frente a ela –, mas talvez o piano não fosse tão leve, não é?

Dorothy riu.

– Você não parece tão infeliz agora – disse ela.

– Mas estou – protestou o rei, com novas lágrimas se formando nos olhos. – Até minhas piadas são infelizes. Sou tão desgraçado, miserável, aflito, atordoado e triste quanto um indivíduo pode ser. Não tem pena de mim?

– Não – respondeu Dorothy, sinceramente –, não posso dizer que tenha. Parece-me que, para um coelho, você está vivendo como um rei. Esta é a cidadezinha mais linda que já vi.

– Ah, a cidade é bastante boa – admitiu ele. – Glinda, a Bruxa Boa fez para nós porque adorava coelhos. Não me importo tanto com a cidade, embora não moraria aqui se pudesse escolher. É ser rei que arruinou completamente minha felicidade.

– Por que você não moraria aqui, por escolha? – perguntou ela.

– Porque é tudo não natural, querida. Os coelhos não combinam com tanto luxo. Quando eu era jovem, morava numa toca na floresta. Era cercado de inimigos e muitas vezes precisava correr para salvar minha vida. Era difícil ter o suficiente para comer às vezes, e quando eu achava um ramo de trevos, precisava ficar atento e de olho no perigo enquanto comia. Ah, como eu era feliz e contente naquela época! Eu era um coelho de verdade, como a natureza me fez, selvagem e livre, e até gostava de ouvir o pulsar assustado do meu coração!

– Muitas vezes pensei – disse Dorothy, ocupada com a comida – que seria divertido ser coelho.

– É divertido, quando você é genuíno – concordou Sua Majestade. – Mas

olhe para mim agora! Moro num palácio de mármore em vez de um buraco no chão. Tenho tudo o que quero comer, sem a alegria de caçar a comida. Todo dia, preciso vestir-me com lindas roupas e usar aquela coroa horrível, até doer minha cabeça. Coelhoos me procuram com todo tipo de problema, quando só ligo para os meus próprios problemas. Quando eu saio, não posso saltar e correr; preciso andar com minhas pernas traseiras e usar uma capa de armelina! E os soldados batem continência para mim, e a banda toca, e os outros coelhos riem e batem as patas e gritam: “Viva o rei!”. Agora, vou perguntar, como amiga e jovem de bom senso que é: toda essa pompa e circunstância não é o suficiente para deixar um coelho sensato infeliz?

– Antigamente – falou Dorothy, pensativa –, os homens eram selvagens, não usavam roupas, moravam em caverna e caçavam para comer, como os animais. Mas, com o tempo, ficaram civilizados e agora odiariam voltar aos velhos tempos.

– Isso é completamente diferente – respondeu o rei. – Nenhum de vocês, humanos, foi civilizado em uma geração só. Isso chegou aos poucos. Mas eu vivi livre na floresta a vida toda, e é por isso que me ressinto de ser civilizado de uma vez, contra minha vontade, e virar rei com coroa e capa de armelina. Pá!

– Se você não gosta, por que não renuncia? – perguntou ela.

– Impossível! – lamentou o coelho, secando os olhos com o lenço. – Tem uma lei terrível neste país de que, quando alguém é eleito rei, não tem como escapar.

– Quem fez as leis? – inquiriu Dorothy.

– A mesma bruxa que fez a cidade: Glinda, a Boa. Ela construiu o muro, e arrumou a cidade, e nos deu vários encantos valiosos, e fez as leis. Aí, convidou todos os coelhos brancos de olhos cor-de-rosa da floresta para vir para cá, e depois disso nos deixou à própria sorte.

– O que o fez aceitar o convite e vir? – perguntou a menina.

– Eu não sabia como era terrível a vida na cidade nem tinha ideia de que seria eleito rei – explicou ele, soluçando amargamente. – E... e... agora sou... o Rei... Com R maiúsculo... e não posso fugir!

– Eu conheço Glinda – comentou Dorothy, enquanto comia de sobremesa um pedaço de bolo charlotte – e, quando a vir de novo, vou pedir para colocar outro rei no seu lugar.

– Vai? Vai mesmo? – perguntou o rei, alegre.

– Vou, se você quiser – respondeu ela.

– Hip! Hurra! – gritou o rei, e então pulou da mesa e dançou loucamente pela sala, balançando seu guardanapo como uma bandeira e rindo de alegria.

Depois de um tempo, ele conseguiu controlar seu êxtase e voltou à mesa.

– Quando você acha que vai ver Glinda? – perguntou ele.

– Ah, talvez em alguns dias – disse Dorothy.

– E não vai se esquecer de perguntar a ela?

– Claro que não.

– Princesa – disse o rei Coelho, com sinceridade –, você me aliviou de uma grande infelicidade, e sou muito grato. Portanto, proponho entretê-la, já que é minha convidada e eu sou o rei, como uma pequena amostra de minha gratidão. Venha comigo até o salão de recepção.

Ele, então, convocou Bristle e disse a ele:

– Reúna toda a nobreza no salão de recepção grande e diga também a Blinkem que eu o quero aqui imediatamente.

O Guardador da Portinhola fez uma mesura e saiu correndo, e Sua Majestade virou-se para Dorothy e continuou:

– Vamos ter tempo para caminhar pelos jardins antes de as pessoas chegarem.

Os jardins ficavam nos fundos do palácio e estavam cheios de lindas flores e arbustos fragrantos, com muita sombra, árvores frutíferas e calçadas de mármore que iam em toda direção. Quando entraram nesse lugar, Blinkem veio correndo até o rei, que lhe deu várias ordens em voz baixa. Então, Sua Majestade juntou-se de novo a Dorothy e a levou pelos jardins, os quais ela admirou muito.

– Que lindas roupas Vossa Majestade usa! – disse ela, olhando a linda roupa de cetim azul bordada e com pérolas que o rei vestia.

– Sim – respondeu ele, com ar de orgulho –, é uma de minhas roupas favoritas, mas tenho muitas ainda mais elaboradas. Temos excelentes alfaiates no Coelhistão, e Glinda fornece o material. Aliás, você pode pedir à bruxa, quando a vir, para que ela me permita ficar com meu guarda-roupa.

– Mas se você voltar à floresta, não vai precisar de roupas – disse ela.

– N... não! – balbuciou ele. – Pode ser. Mas já me visto há tanto tempo que estou acostumado e não imagino que possa gostar de correr pelado de novo. Então, talvez a boa Glinda me deixe ficar com as roupas.

– Vou pedir a ela – concordou Dorothy.

Então, saíram dos jardins e entraram num salão de recepção, lindo e grande, onde tapetes chiques espalhavam-se pelo piso de azulejos, e os móveis

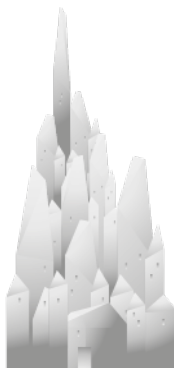
eram lindamente entalhados e cravejados de joias. A cadeira do rei era especialmente bonita, na forma de um lírio de prata, com uma folha dobrada por cima que formava o assento. A prata estava toda incrustada com diamantes, e o assento era estofado de cetim branco.

– Ah, que cadeira esplêndida! – gritou Dorothy, cruzando as mãos, admirada.

– Não é? – respondeu o rei, orgulhoso. – É minha cadeira favorita, e acho que favorece especialmente minha pele. Pensando bem, queria que você pedisse à Glinda para eu ficar com essa cadeira quando for embora.

– Não ficaria muito boa num buraco no chão, né? – ponderou ela.

– Talvez não, mas estou acostumado a sentar-me nela e queria levá-la comigo – respondeu ele. – Olhe, aí vêm as damas e os cavalheiros da corte, então, por favor, sente-se a meu lado para ser apresentada.



COMO O REI MUDOU DE IDEIA

Bem nesse momento, um bando de quase cinquenta coelhos entrou marchando, tocando instrumentos dourados e vestidos com belos uniformes. Seguindo a banda, veio a nobreza do Coelhoistão, todos vestidos de forma elegante e pulando nas patas traseiras. Tanto as damas quanto os cavalheiros usavam luvas brancas nas patas, com os anéis do lado de fora das luvas, como parecia ser a moda aqui. Algumas das coelhas carregavam um lornhão, enquanto alguns dos coelhos usavam monóculos no olho esquerdo.

Os cortesãos e suas damas desfilaram diante do rei, que apresentou cada casal à princesa Dorothy de forma muito graciosa. Então, os convidados sentaram-se em cadeiras e sofás, e olharam com expectativa para seu monarca.

– É nosso dever real, além de nosso prazer real – disse ele – fornecer entretenimento adequado para nossa distinta convidada. Vamos apresentar, agora, a Banda Real dos Bigodes Espetados.

Quando ele falou, os músicos, que tinham se colocado num canto, começaram uma melodia dançante, enquanto, na sala, entravam as senhoras dos Bigodes Espetados. Eram oito bonitas coelhas brancas, vestidas apenas com saias roxas de tule, amarradas na cintura, com faixas de diamante. Seus bigodes tinham uma rica cor roxa, mas, fora isso, eram de um branco puro.

Depois de fazer uma mesura ao rei e para Dorothy, as senhoras dos Bigodes Espetados começaram seus movimentos, tão cômicos, que Dorothy riu, divertindo-se de verdade. Elas não só dançavam juntas, virando e rodando pelo salão, mas pulavam uma por cima da outra, ficavam de ponta-cabeça e

saltavam para cá e para lá tão agilmente, que era difícil manter controle delas. Finalmente, todas deram saltos mortais duplos e saíram da sala virando estrela.

A nobreza aplaudiu entusiasmada, e Dorothy aplaudiu junto.

– Elas são ótimas! – disse ela ao rei.

– Sim, as senhoras dos Bigodes Espetados são muito boas – respondeu. – Vou odiar separar-me delas quando for embora, pois me divertiram muito quando eu estava infeliz. Será que você poderia perguntar a Glinda...

– Não, de jeito nenhum – declarou Dorothy, decidida. – Não vai ter espaço no seu buraco no chão para tantos coelhos, especialmente quando levar a cadeira de lírio e suas roupas. Nem pense nisso, Vossa Majestade.

O rei suspirou. Então, levantou-se e anunciou aos convidados:

– Agora, vamos fazer um exercício militar dos meus escolhidos da Guarda de Soldados Piqueiros Reais.

A banda, então, tocou uma marcha, e uma companhia de soldados-coelhos entrou. Usavam uniformes verdes e dourados, e marchavam de forma bem dura, mas em ritmo perfeito. Suas lanças, ou piques, tinham cabos esguios de prata polida e cabeça dourada, e durante o exercício usaram essas armas com maravilhosa destreza.

– Eu imagino que deve sentir-se muito seguro com uma Guarda tão boa – comentou Dorothy.

– Eu me sinto – disse o rei. – Eles me protegem de todo mal. Imagino que Glinda não...

– Não – interrompeu a garota. – Tenho certeza de que não. É a Guarda do Rei, e, quando você não for mais rei, não pode ficar com eles.

O rei não respondeu, mas pareceu bem chateado por um tempo. Quando os soldados já tinham saído, marchando, ele disse aos convidados:

– E agora, os Malabaristas Reais.

Dorothy já tinha visto muitos malabaristas na vida, mas nenhum tão interessante quanto aqueles. Eram seis, vestidos de cetim preto, bordado com símbolos esquisitos em prata – uma roupa que contrastava fortemente com o pelo branco como neve.

Primeiro, eles empurraram uma grande bola vermelha com três coelhos malabaristas em cima, fazendo-a rolar. Então, dois deles pegaram um terceiro e jogaram no ar, desaparecendo, até sobraarem só dois. Então, um deles jogou o outro para cima e ficou sozinho; esse último malabarista tocou a bola vermelha, que se desfez, oca, e os cinco coelhos que tinham desaparecido no ar

saíram correndo da bola vazia.

Depois, todos se agarraram e rolaram agilmente no chão. Quando pararam, só foi visto um malabarista gordo, com os outros aparentemente dentro dele. Este pulou, leve, no ar e, ao descer, explodiu e dividiu-se nos seis originais. Então, quatro deles viraram bolas que os outros dois chutaram-nas para o ar.

Esses foram apenas alguns dos truques executados pelos malabaristas coelhos, que eram tão habilidosos que toda a nobreza e até o rei aplaudiram tão alto quanto Dorothy.

– Imagino que não haja no mundo malabaristas coelhos que se comparem a esses – comentou o rei. – Como não posso ficar com as senhoras dos Bigodes Espetados nem com minha Guarda, você poderia pedir à Glinda deixar que eu leve dois ou três desses malabaristas. Não poderia?

– Vou pedir – respondeu Dorothy, sem convicção.

– Obrigado – disse o rei –, muito obrigado. E, agora, você vai ouvir os Cômicos Canários Cativantes, que muitas vezes me animaram em meus momentos de angústia.

Os Cômicos Canários Cativantes eram um quarteto de coelhos cantores, dois machos e duas fêmeas. Os canários machos usavam smokings de cetim branco, com pérolas nos botões, enquanto as fêmeas estavam com vestidos de cetim branco de cauda longa.

A primeira música que cantaram começava assim:

*Quando um animal fica leal
A morar numa cidade
E usar roupas e até toucas
E joias de qualidade,
Despreza a lebre que logo se perde
Enfiada na sua toca
E lamenta quem como inimigo tem
O homem, de arma e bota.*

Dorothy olhou para o rei quando ouviu a música e notou que ele parecia perturbado e desconfortável.

– Não gosto dessa música – disse ele aos Canários. – Cantem algo alegre e animado.

Então, eles cantaram uma melodia feliz e tilintante:

*Coelho feliz
Balança o nariz
Na sua cidade bem prosa.
O macho sacode
O seu bigode
Pras garotas de olho rosa.
E a bela princesa
Com vestido de seda
Pisca pra ele bem recatada.
Eles se abraçam
E então se enlaçam
Numa dança muito animada.
E assim os dois juntos
Cheios de assuntos
Sob a luz do luar passeiam.
Ambos contentes
Mostrando os dentes,
De tanto rir, arqueiam
A vida é boa
O riso ecoa
Com a proteção do nosso feitiço.
Perigo não temos
Nem nunca corremos
O risco de pensar nisso.*

– Viu – disse Dorothy ao rei quando a música acabou –, todos os coelhos parecem gostar do Coelhoistão, menos você. E acho que é o único que já chorou ou foi infeliz e quis voltar ao seu buraco lamacento no chão.

Sua Majestade pareceu pensativo, e, enquanto os servos ofereciam taças de néctar e pratos de bolos com cobertura, seu rei estava em silêncio e um pouco tenso.

Quando os refrescos tinham sido desfrutados por todos, e os servos haviam se retirado, Dorothy disse:

– Agora, preciso ir, pois está ficando tarde e estou perdida. Preciso achar o Mágico, tia Em e tio Henry, e todo os outros, antes de a noite chegar, se possível.

– Não quer ficar conosco? – perguntou o rei. – Você será muito bem-vinda.

– Não, obrigada – respondeu ela. – Preciso voltar aos meus amigos. E queria ver Glinda o mais rápido possível, sabe.

Então, o rei dispensou sua corte e disse que ele mesmo levaria Dorothy ao portão. Não lamentou nem gemeu mais, mas sua cara longa estava bastante solene, e suas grandes orelhas estavam caídas, em desânimo. Ele ainda estava usando a coroa e a capa, e caminhava com uma bengala de cabeça dourada.

Quando chegaram à sala no muro, a garotinha achou Totó e Billina esperando muito pacientes por ela. Tinham recebido comida à vontade de alguns dos atendentes e não tinham pressa de sair da acomodação tão confortável.

O Guardador da Portinhola, nesse ponto, já tinha voltado a seu lugar, mas mantinha uma distância segura de Totó. Dorothy despediu-se do rei, já parada dentro do muro.

– Você foi bom para mim – disse ela – e agradeço muito. Assim que puder, verei Glinda e pedirei que coloque outro rei em seu lugar e o envie de volta à floresta. E vou pedir que lhe deixe ficar com algumas de suas roupas e a cadeira de lírio, além de um ou dois malabaristas para divertir-se. Com certeza, aceitará, porque ela é tão gentil que não gosta de ver ninguém infeliz.

– Na verdade – disse o rei, parecendo desanimado –, não quero incomodá-la com minha infelicidade, então não precisa ver Glinda.

– Ah, sim, verei – respondeu ela. – Não me dá trabalho nenhum.

– Mas, minha querida – continuou o rei, envergonhado –, estive pensando no assunto com cuidado e acho que tem muitas coisas agradáveis aqui no Coelhistão, das quais eu sentiria falta se fosse embora. Então, talvez seja melhor ficar.

Dorothy riu. Depois, ficou séria.

– Você não pode ser rei e um bebê chorão ao mesmo tempo – disse ela. – Está deixando todos os outros coelhos infelizes e descontentes com seus resmungos de infelicidade. Então, acho melhor ter outro rei.

– Ah, não, não! – exclamou o rei, sério. – Se você não disser nada a Glinda, prometo ficar feliz e alegre o tempo todo e nunca mais chorar nem lamentar.

– Jura pela sua honra?

– Prometo com a palavra real de um rei! – respondeu ele.

– Está bem – disse Dorothy. – Você teria que ser maluco de pedra para querer trocar o Coelhistão por uma vida selvagem na floresta, e com certeza qualquer coelho da cidade adoraria pegar o seu lugar.

– Esqueça, querida; esqueça toda a minha tolice – implorou o rei, sério. –

Daqui para a frente, vou tentar me divertir e cumprir meu dever com meus súditos.

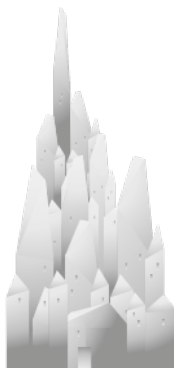
Então, ela o deixou e passou pela portinha para a sala no muro, onde cresceu pouco a pouco até retomar seu tamanho natural.

O Guardador da Portinhola os deixou sair para a floresta e disse a Dorothy que ela tinha prestado um grande serviço ao Coelhoistão, porque tinha feito com que seu rei, antes triste, percebesse o prazer de governar uma cidade tão linda.

– Vou começar uma petição para erigirem uma estátua sua ao lado da de Glinda na praça pública – disse o Guardador. – Espero que volte algum dia para vê-la.

– Talvez eu volte – respondeu ela.

Então, seguida por Totó e Billina, ela afastou-se do muro de mármore alto e começou a voltar pelo caminho estreito na direção da placa.



COMO O MÁGICO ENCONTROU DOROTHY

Quando chegaram à placa, para sua alegria, lá estavam as tendas do Mágico, montadas ao lado do caminho, e a chaleira fervendo forte sobre o fogo. O Homem-Farrapo e Omby Amby estavam reunindo madeira, enquanto tio Henry e tia Em estavam sentados nas cadeiras de acampamento conversando com o Mágico.

Eles todos correram para cumprimentar Dorothy quando ela se aproximou, e tia Em exclamou:

- Deus do céu, menina! Onde você esteve?
- Você fugiu o dia todo – completou o Homem-Farrapo, em reprovação.
- Bem, vejamos, eu me perdi – explicou a garotinha –, e tentei muito encontrar o caminho de volta, mas não conseguia.
- Você vagou pela floresta o dia todo? – perguntou tio Henry.
- Deve estar quase morrendo de fome! – disse tia Em.
- Não – falou Dorothy. – Não estou com fome. Comi um carrinho de mão e um piano no café da manhã, e almocei com um rei.
- Ah! – exclamou o Mágico, assentindo com um sorriso largo. – Então, esteve se aventurando de novo.
- Ela está maluca da cabeça! – gritou tia Em. – Quem já ouviu falar de comer um carrinho de mão?
- Não era muito grande – disse Dorothy –, e tinha rodas de biscoito de gengibre.
- E eu comi as migalhas – disse Billina, calmamente.

– Sente-se e conte-nos tudo – pediu o Mágico. – Procuramos vocês o dia todo, e no fim notei seus passos neste caminho, e as pegadas de Billina. Aachamos o caminho por acidente e, vendo que só levava a dois lugares, concluí que você estava ou em um, ou em outro. Então, acampamos e esperamos sua volta. E agora, Dorothy, diga-nos onde esteve: em Canery ou no Coelhistão?

– Bem, fui aos dois – respondeu ela –, mas primeiro fui a Utênsia, que não fica em caminho nenhum.

Ela então sentou-se e contou as aventuras do dia, e pode ter certeza de que tia Em e tio Henry ficaram muito impressionados com a história.

– Mas depois de ver os cortadobras e os quebradinhos – comentou o tio dela –, não devemos nos espantar com mais nada neste estranho país.

– Parece que as únicas pessoas comuns e normais aqui somos nós – replicou tia Em, acanhada.

– Agora que estamos juntos de novo, o grupo reunido – observou o Homem-Farrapo –, o que vamos fazer?

– Jantar e descansar – respondeu de imediato o Mágico –, e aí seguir nossa jornada.

– Para onde? – perguntou o capitão-general.

– Ainda não visitamos os corações-nervosos – disse Dorothy. – Eu gostaria de vê-los... Você não?

– Eles não parecem muito interessantes – opôs-se tia Em. – Mas talvez sejam.

– E aí – continuou o Mágico – vamos visitar o Homem de Lata, Jack Cabeça de Abóbora e nosso amigo Espantalho, no caminho de volta para casa.

– Isso vai ser demais! – gritou Dorothy, ansiosa.

– Não posso dizer que *eles* também pareçam muito interessantes – comentou tia Em.

– Bem, são meus melhores amigos – garantiu a garota –, e você com certeza vai gostar deles, tia Em, porque *todo mundo* gosta deles.

Nesse momento, o crepúsculo se aproximava, então eles comeram o bom jantar que o Mágico tinha produzido com o feitiço da chaleira e foram dormir nas tendas aconchegantes.

Acordaram bem cedinho na manhã seguinte, mas Dorothy não se arriscou a afastar-se do acampamento de novo, por medo de mais acidentes.

– Você sabe onde tem uma estrada? – perguntou ela ao homenzinho.

– Não, minha querida – respondeu o Mágico –, mas vou achar uma.

Depois do café da manhã, ele balançou a mão na direção das tendas, que de novo viraram lenços imediatamente devolvidos aos bolsos de seus proprietários. Então, todos subiram de novo na carruagem vermelha, e o Cavalete perguntou:

– Para que lado?

– Não importa para que lado – respondeu o Mágico. – Só vá para onde quiser e com certeza vai estar certo. Encantei as rodas da carruagem, e elas vão rolar na direção certa, sem dúvida.

Quando o Cavalete começou a andar em meio às árvores, Dorothy disse:

– Se tivéssemos um daqueles dirigíveis novos, poderíamos flutuar por cima da floresta e olhar para baixo, e achar os lugares que queremos.

– Aeronaves? Blá! – retorquiu o homenzinho, em desprezo. – Odeio essas coisas, Dorothy, embora elas não sejam novas para mim nem para você. Eu fui balonista por muitos anos, e uma vez meu balão me carregou até a Terra de Oz, e outra vez ao Reino dos Vegetais. E uma vez Ozma teve um Gump que voava por todo este reino e tinha o bom senso de ir aonde lhe mandavam, o que os dirigíveis não fazem. A casa que o ciclone trouxe até Oz desde lá do Kansas, com você e Totó dentro, era um verdadeiro dirigível na época, então, temos muita experiência voando com os pássaros.

– Dirigíveis não são tão ruins, afinal – declarou Dorothy. – Algum dia vão voar pelo mundo todo e talvez até trazer as pessoas para a Terra de Oz.

– Preciso falar com Ozma sobre isso – disse o Mágico, com o cenho levemente franzido. – Não seria nada bom, sabe, a Cidade das Esmeraldas virar uma parada de linha aérea.

– Não – concordou Dorothy –, acho que não seria. Mas o que podemos fazer para evitar?

– Estou trabalhando numa receita mágica para embaralhar os cérebros dos homens, para que eles nunca consigam fazer um dirigível capaz de ir aonde eles querem – confidenciou-lhe o Mágico. – Isso não vai impedir as coisas de voarem de vez em quando, mas vai impedir que voem até a Terra de Oz.

Nesse momento, o Cavalete tirou a carruagem da floresta, e uma linda paisagem abriu-se diante dos olhos dos viajantes. Além disso, bem na frente deles havia uma boa estrada que cercava os rios e vales.

– Agora – disse o Mágico, com evidente deleite – estamos no caminho certo de novo, e não há nada mais com que se preocupar.

– É uma coisa tola arriscar-se numa terra estranha – observou o Homem-Farrapo. – Se tivéssemos ficado nas estradas, nunca teríamos nos perdido. As

estradas sempre levam a algum lugar, ou não seriam estradas.

– Esta estrada – acrescentou o Mágico – leva à Cidade de Algaravia. Tenho certeza, porque encantei as rodas da carruagem.

De fato, depois de andar pela estrada por uma ou duas horas, eles entraram num lindo vale, onde havia uma vila instalada entre os morros. As casas tinham a mesma forma que as casas dos munchkins, pois eram todas domos, com janelas mais amplas do que altas, e lindas varandas acima das portas da frente.

Tia Em ficou muito aliviada de ver que a cidade não era “nem de papel, nem de retalhos”, e a única coisa surpreendente nela era ficar tão distante das outras.

Quando o Cavalete puxou a carruagem pela rua principal, os viajantes notaram que o lugar estava cheio de gente, todas paradas em grupos e aparentemente envolvidas em conversas sérias. Os habitantes estavam tão ocupados consigo mesmos que mal notaram os estranhos. Então, o Mágico parou um garoto e perguntou:

– Esta é a Cidade de Algaravia?

– Senhor – respondeu o garoto –, se viajou muito, deve ter notado que cada cidade é diferente uma da outra de alguma forma, portanto, observando os métodos das pessoas e a forma como vivem, além do estilo de suas habitações, não deve ser difícil decidir-se, sem perturbação, de fazer perguntas sobre se a cidade tem a aparência daquela que pretendia visitar, ou se talvez tenha pegado uma estrada diferente daquela que devia e, cometido um erro, ter chegado a um ponto em que...

– Pelo amor! – gritou tia Em, impaciente. – O que é toda essa algaravia?

– É isso! – disse o Mágico, rindo alegre. – É uma algaravia porque o garoto é um algaravio e chegamos à Cidade de Algaravia.

– Todos eles falam assim? – perguntou Dorothy, impressionada.

– Ele podia ter dito “sim” ou “não” para resolver o assunto – observou tio Henry.

– Aqui, não – disse Omby Amby. – Não acho que os algaravios sabem o que quer dizer “sim” ou “não”.

Enquanto o garoto falava, outras pessoas tinham se aproximado da carruagem e ouvido atentamente o discurso dele. Então, começaram a falar uns com os outros em discursos longos e deliberados, em que muitas palavras eram usadas, mas pouca coisa era dita. Mas quando os estranhos os criticaram tão francamente, uma das mulheres, sem mais ninguém com quem falar,

começou a dirigir-se a eles, dizendo:

– É a coisa mais fácil do mundo uma pessoa dizer “sim” ou “não” quando lhe fazem uma pergunta com o propósito de obter informação ou satisfazer a curiosidade de alguém que deu expressão ao inquérito e atraiu a atenção de um indivíduo que pode ser competente, ou por experiência pessoal, ou pela experiência alheia, para responder com mais ou menos correção, ou pelo menos tentar satisfazer o desejo de informação por parte daquele que fez o questionamento por...

– Minha nossa! – exclamou Dorothy, interrompendo o discurso. – Perdi totalmente o fio da meada do que você está dizendo.

– Não a deixe começar de novo, pelo amor! – gritou tia Em.

Mas a mulher não começou de novo. Ela nem parou de falar, continuando direto como havia começado, as palavras voando de sua boca num fluxo.

– Estou bem certo de que, se esperarmos tempo o bastante e ouvirmos com atenção, algumas dessas pessoas podem ser capazes de nos dizer algo, em algum momento – disse o Mágico.

– Não vamos esperar – devolveu Dorothy. – Ouvi falar dos algaravios e me perguntei como eles eram; mas agora sei e estou pronta para seguir em frente.

– Eu também – declarou tio Henry –; estamos perdendo tempo aqui.

– Bem, estamos todos prontos para ir – falou o Homem-Farrapo, colocando os dedos nas orelhas para não ouvir a tagarelice monótona daqueles que estavam em volta da carruagem.

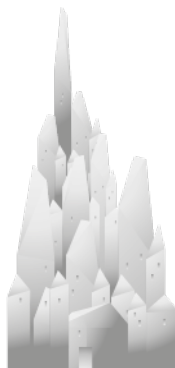
Então, o Mágico conversou com o Cavalete, que trotou agilmente pela vila e logo ganhou o campo aberto do outro lado. Dorothy olhou para trás enquanto se afastavam e notou que a mulher ainda não tinha terminado seu discurso, mas estava falando tão fluentemente como sempre, embora ninguém a estivesse ouvindo.

– Se essa gente escrevesse livros – comentou Omby Amby com um sorriso –, seria preciso uma biblioteca inteira para dizer que a batatinha nasceu.

– Talvez algumas delas escrevam livros, sim – falou o Mágico. – Já li algumas algaravias que podem ter vindo desta mesma cidade.

– Alguns professores de faculdade e pastores certamente são parentes dessas pessoas – observou o Homem-Farrapo –, e me parece que a Terra de Oz está um pouco à frente dos Estados Unidos em algumas de suas leis. Pois aqui, quando não se fala claramente e direto ao ponto, eles mandam a pessoa para a Cidade de Algaravia, enquanto o Tio Sam a deixa livre para torturar pessoas inocentes.

Dorothy ficou pensativa. Os algaravios tinham-lhe causado uma forte impressão. Ela decidiu que, sempre que falasse, depois disso, usaria apenas as palavras suficientes para expressar o que queria dizer.



COMO ELES ENCONTRARAM OS CORAÇÕES- NERVOSOS

Logo, estavam entre os belos morros e vales de novo, e o Cavalete corria ladeira acima e abaixo num ritmo acelerado e tranquilo, já que as estradas eram duras e lisas. Quilômetro após quilômetro era percorrido rapidamente e, antes que a viagem ficasse cansativa, eles viram outra vila. O lugar parecia ainda maior que a Cidade de Algaravia, mas não tinha uma aparência tão atraente.

– Este deve ser o centro de Coração-Nervoso – declarou o Mágico. – Veja, não é nada difícil encontrar os lugares quando se fica na estrada certa.

– Como são os corações-nervosos? – inquiriu Dorothy.

– Eu não sei, minha querida. Mas Ozma deu a eles sua própria cidade, e ouvi falar que sempre que uma pessoa torna-se um coração-nervoso, é enviada para morar neste lugar.

– É verdade – disse Omby Amby, e completou: – O centro de Corações-Nervosos e a Cidade de Algaravia são chamados de “Assentamentos Defensivos de Oz”.

A vila a que agora chegavam era construída não num vale, mas no topo de um morro, e a estrada que seguiram contornava o morro, como um abridor de vinho, subindo o morro facilmente até chegar à cidade.

– Cuidado! – gritou uma voz. – Cuidado ou vão atropelar meu filho!

Eles olharam ao redor e viram uma mulher parada na calçada torcendo as

mãos, nervosa enquanto os mirava, chocada.

– Onde está seu filho? – perguntou o Cavalete.

– Em casa – disse a mulher, caindo em prantos –, mas se ele por acaso estivesse na rua e vocês o atropelassem, essas rodas enormes iam esmagar meu queridinho até virar geleia. Ah, céus! Ah, céus! Pensar em meu filhinho sendo esmagado até virar geleia por essas rodas enormes!

– Eia! – disse o Mágico, ríspido, e o Cavalete começou.

Eles não tinham ido longe quando um homem saiu correndo de uma casa gritando enlouquecido:

– Socorro! Socorro!

O Cavalete parou de chofre, e o Mágico, tio Henry, o Homem-Farrapo e Omby Amby pularam da carruagem e correram para ajudar o pobre homem. Dorothy os seguiu o mais rápido que pôde.

– O que aconteceu? – perguntou o Mágico.

– Socorro! Socorro! – gritou o homem. – Minha mulher cortou o dedo e está sangrando até a morte!

Então, ele se virou e correu de volta para a casa, e o grupo inteiro foi com ele. Encontraram uma mulher no jardim da frente gemendo e resmungando com muita dor.

– Coragem, senhora! – disse o Mágico, consolador. – Você não vai morrer só porque cortou um dedo fora, pode ter certeza.

– Mas eu não cortei o dedo fora – ela soluçou.

– Então o que aconteceu? – perguntou Dorothy.

– Eu... eu furei o dedo com uma agulha enquanto estava costurando e... e o sangue veio! – respondeu ela. – E agora vou ter uma infecção generalizada, e os médicos vão amputar meu dedo, e isso vai me dar febre e eu vou morrer!

– *Pffff!* – disse Dorothy. – Eu já furei o dedo muitas vezes e não aconteceu nada.

– Mesmo? – perguntou a mulher, animando-se e secando os olhos com o avental.

– Ora, não é nada – declarou a garota. – Você está mais assustada do que machucada.

– Ah, é porque ela é uma coração-nervosa – disse o Mágico, assentindo com sabedoria. – Agora, acho que sei como são essas pessoas.

– Eu também – anunciou Dorothy.

– Ah, *buáááá, buáááá, buáááá* – a mulher soluçou, dando lugar a uma nova explosão de tristeza.

– O que foi agora? – perguntou o Homem-Farrapo.

– Ah, imagine se eu furasse meu pé! – lamentou-se. – Aí, os médicos iam cortar fora meu pé e eu ficaria aleijada pelo resto da vida!

– Certamente, senhora – respondeu o Mágico –, e se tivesse furado o nariz, eles podiam cortar sua cabeça. Mas, veja, isso não aconteceu.

– Mas podia ter acontecido! – exclamou ela, e começou de novo a chorar. Então, eles a deixaram e foram embora em sua carruagem. E o marido dela saiu e começou a gritar “socorro!” como tinha feito antes, mas ninguém pareceu prestar atenção a ele.

Quando os viajantes viraram em outra rua, acharam um homem andando nervoso de um lado para outro da calçada. Ele parecia estar muito tenso, e o Mágico parou para perguntar-lhe:

– Aconteceu alguma coisa, senhor?

– Aconteceu tudo – respondeu o homem, sombrio. – Não consigo dormir.

– Por que não? – quis saber Omby Amby.

– Se eu for dormir, vou ter que fechar os olhos – explicou ele –, e se eu fechar os olhos, eles podem ficar colados, e aí eu vou ficar cego para sempre!

– Você já ouviu falar de alguém que tivesse ficado com os olhos colados? – perguntou Dorothy.

– Não – disse o homem. – Nunca. Mas seria algo horrível, não? E pensar nisso me deixa tão nervoso que tenho medo de dormir.

– Não tem solução para este caso – declarou o Mágico; e seguiram em frente.

Na próxima esquina, uma mulher correu até eles gritando:

– Salvem meu bebê! Ah, pessoas boas, salvem meu bebê!

– Ele está correndo perigo? – perguntou Dorothy, notando que a criança estava nos braços dela, aparentemente dormindo tranquila.

– Sim, claro – disse a mulher, nervosa. – Se eu entrasse na casa e jogasse o bebê pela janela, ele ia rolar até o pé do morro; e aí se houvesse muitos tigres e ursos lá embaixo, eles iam rasgar meu querido bebê em pedaços e comer!

– Tem tigres e ursos nesta região? – perguntou o Mágico.

– Nunca ouvi falar de nenhum – admitiu a mulher –, mas se tivesse...

– Você tem algum plano de jogar seu bebê pela janela? – questionou o homenzinho.

– Nenhum – disse ela –, mas se...

– Todos os seus problemas são por causa desses “se” – declarou o Mágico. – Se você não fosse uma coração-nervosa, não ia se preocupar.

– Aí está outro “se” – respondeu a mulher. – Você também é um coração-nervoso?

– Vou acabar virando, se ficar mais tempo aqui! – exclamou o Mágico, nervoso.

– Mais um “se”! – gritou a mulher.

Mas o Mágico não parou para discutir com ela. Ele fez o Cavalete correr morro abaixo e só respirou aliviado quando estavam a quilômetros da vila.

Depois de seguirem um pouco em silêncio, Dorothy virou-se ao homenzinho e perguntou:

– Os “se” realmente criam os corações-nervosos?

– Acho que os “se” ajudam nisso – respondeu ele, sério. – Medos tolos e preocupações por nada, com uma mescla de nervos e “se” logo transformam qualquer um em coração-nervoso.

Então, houve um novo silêncio, pois todos os viajantes estavam pensando nessa afirmação, e quase todos decidiram que devia ser verdade.

O país pelo qual agora estavam passando era tingido de roxo por todos os lados, a cor predominante do País dos Gillikins; mas, quando o Cavalete subiu um morro, viram que do outro lado havia um tom rico de amarelo.

– Arrá! – gritou o capitão-general. – Aqui está o País dos Winkies. Acabamos de cruzar a fronteira.

– Então, talvez a gente consiga almoçar com o Homem de Lata – anunciou o Mágico, alegre.

– Precisamos comer lata? – perguntou tia Em.

– Ah, não – respondeu Dorothy. – Nick Lenhador sabe como alimentar as pessoas com carne, não tenha medo. Já fui ao castelo dele.

– Nick Lenhador é o nome do Homem de Lata? – perguntou tio Henry.

– Sim, é um dos nomes dele – respondeu a garotinha – e outro nome dele é Imperador dos Winkies. Ele é rei desse país, sabe, mas Ozma governa todos os países de Oz.

– O Homem de Lata tem algum coração-nervoso ou algaravio no castelo dele? – perguntou tia Em, preocupada.

– Não, não – respondeu Dorothy, com certeza. – Ele mora num castelo de lata novinho, todo cheio de coisas lindas.

– O castelo pode enferrujar – observou tio Henry.

– Ele tem milhares de winkies para polir para ele – explicou o Mágico. – O povo dele ama fazer qualquer coisa por seu amado imperador, então não tem uma partícula de ferrugem em todo o grande castelo.

– Imagino que eles devam polir o imperador também – disse tia Em.

– Bem, há algum tempo ele se cobriu de níquel – respondeu o Mágico –, então só precisa ser esfregado de vez em quando. É o homem mais brilhante do mundo, o querido Nick Lenhador, e o que tem o melhor coração.

– Eu ajudei a encontrá-lo – disse Dorothy, meditativa. – Uma vez, o Espantalho e eu encontramos o Homem de Lata num bosque, e ele estava paralisado de tão enferrujado. Mas a gente colocou óleo nas juntas dele, que ficaram bem escorregadias, e depois disso ele foi com a gente visitar o Mágico na Cidade das Esmeraldas.

– Foi quando o Mágico assustou você? – perguntou tia Em.

– Ele não nos tratou bem, no início – admitiu Dorothy –, pois nos fez ir embora e destruir a Bruxa Má. Mas depois de descobirmos que ele era só um mágico fajuto, não tivemos medo dele.

O Mágico suspirou e pareceu um pouco envergonhado.

– Quando tentamos enganar as pessoas, sempre cometemos erros – retrucou. – Mas vou ser um mágico de verdade agora, e a magia de Glinda, a Boa, que estou tentando praticar, não pode fazer mal a ninguém.

– Você sempre foi um bom homem – declarou Dorothy –, mesmo quando era um mau mágico.

– Ele agora é um bom mágico – afirmou tia Em, olhando com admiração para o homenzinho. – A maneira como fez aquelas tendas surgirem dos lençóis foi simplesmente maravilhosa! E ele não encantou as rodas da carruagem para encontrarem a estrada?

– Todas as pessoas de Oz – disse o capitão-general – têm muito orgulho desse Mágico. Ele uma vez fez umas bolhas de sabão que causaram espanto no mundo.

O Mágico ficou vermelho com esse elogio, mas o agradeceu. Ele já não parecia triste, mas com seu bom humor de sempre.

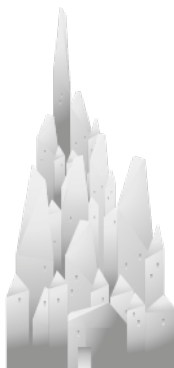
O país pelo qual andavam agora era cheio de casas de fazenda, e o grão amarelo balançava com o vento em todos os campos. Muitos dos winkies podiam ser vistos trabalhando nas fazendas deles, e as partes selvagens e instáveis de Oz tinham ficado bem para trás.

Esses winkies pareciam pessoas felizes e descontraídas, e todos tiraram o chapéu e fizeram uma mesura quando a carruagem vermelha passou com seus viajantes.

Não demorou para que vissem algo brilhando adiante sob o sol.

– Olhem! – gritou Dorothy. – É o Castelo de Lata, tia Em!

E o Cavalete, sabendo que seus passageiros estavam ansiosos para chegar, começou um trote rápido que logo os levou ao destino.



COMO O HOMEM DE LATA CONTOU A MÁ NOTÍCIA

O Homem de Lata recebeu o grupo da princesa Dorothy com muita graça e cordialidade, mas a garotinha percebeu que algo devia estar preocupando seu velho amigo, porque ele não estava tão alegre como usualmente.

Mas, de início, ela não disse nada sobre isso, pois tio Henry e tia Em estavam fervendo de animação pelo lindo castelo de lata e seu proprietário polido. Então, a suspeita dela de que algo desagradável tivesse acontecido foi, por um tempo, esquecida.

– Cadê o Espantalho? – perguntou ela, quando todos tinham sido levados para a grande sala de estar de lata do castelo, e o Cavalete, para o estábulo de lata, nos fundos.

– Ora, nosso amigo acaba de se mudar para sua nova mansão – explicou o Homem de Lata. – Ela está sendo construída há muito tempo, embora meus winkies e muitas outras pessoas de todas as partes do país estivessem trabalhando nela. Por fim, porém, foi finalizada, e o Espantalho tomou posse de sua nova casa há apenas dois dias.

– Não fiquei sabendo que ele queria uma casa nova só para ele – comentou Dorothy. – Por que ele não mora com Ozma na Cidade das Esmeraldas? Ele morava, sabe, e acho que era feliz lá.

– Parece – disse o Homem de Lata – que nosso querido Espantalho não consegue ficar satisfeito com a vida na cidade, por mais belos que sejam seus

arredores. Originalmente, ele era fazendeiro, pois passou o início da vida num milharal, onde devia espantar os corvos.

– Eu sei – falou Dorothy, assentindo. – Fui eu quem o achei e o tirei de sua estaca.

– Então, agora, depois de uma longa permanência na Cidade das Esmeraldas, os gostos dele voltaram-se à vida rural de novo – continuou o Homem de Lata. – Ele sente que não pode ser feliz sem sua própria fazenda, então, Ozma lhe deu um pedaço de terra e todo mundo o ajudou a construir sua mansão, e agora ele está acomodado lá de vez.

– Quem desenhou a casa? – perguntou o Homem-Farrapo.

– Acredito que tenha sido Jack Cabeça de Abóbora, que também é fazendeiro – foi a resposta.

Eles foram, então, convidados a entrar na sala de jantar de lata, onde o almoço estava servido.

Tia Em viu, com satisfação, que a promessa de Dorothy estava mais do que cumprida, pois, embora o Homem de Lata não tivesse apetite, respeitava o de seus convidados e garantia que fossem bem alimentados.

Eles passaram a tarde passeando pelos lindos jardins e o terreno do palácio. As calçadas eram todas pavimentadas com folhas de lata, brilhantemente polidas, e havia fontes de lata e estátuas de lata aqui e ali entre as árvores. As flores eram naturais, em sua maioria, e cresciam da forma normal; mas o anfitrião mostrou-lhes um canteiro que era seu orgulho especial.

– Veja, todas as flores comuns murcham e morrem com o tempo – explicou ele – então, há estações em que as belas florescências são escassas. Portanto, resolvi fazer um canteiro todo de flores de lata, e meus operários criaram-nas com rara habilidade. Aqui, podem ver camélias de lata, calêndulas de lata, cravos de lata, papoulas de lata e malva-rosa de lata crescendo tão naturalmente como se fossem reais.

De fato, era uma linda visão, e as flores brilhavam sob o sol como fios de prata.

– Essa malva-rosa de lata não está prestes a deitar sementes? – perguntou o Mágico, inclinando-se sobre as flores.

– Ora, acredito que sim! – exclamou o Homem de Lata, como se surpreso.

– Eu não tinha notado antes. Mas vou plantar as sementes de lata e cultivar outro canteiro de malva-rosa de lata.

Num canto do jardim, Nick Lenhador tinha criado um lago de peixes, no qual viram, nadando e se divertindo, vários lindos peixinhos de lata.

– Eles morderiam iscas? – perguntou tia Em, curiosa.

O Homem de Lata pareceu magoado com a pergunta.

– Senhora – disse ele –, acha que eu permitiria que alguém pegasse meus lindos peixes, mesmo que eles fossem tolos o bastante para morder as iscas? É claro que não! Todas as criaturas estão seguras do mal em meus domínios, e pensar em matar um dos meus peixes de lata seria a mesma coisa que pensar em matar minha amiga Dorothy.

– O imperador é um homem com o coração muito bom, senhora – explicou o Mágico. – Se uma mosca por acaso pousa no corpo dele, ele não a espanta rudemente, como algumas pessoas, mas pede que ela ache outro lugar de descanso.

– E aí, o que a mosca faz? – inquireu tia Em.

– Em geral, pede perdão e vai embora – disse o Mágico, sério. – Moscas gostam de ser tratadas com educação, como as outras criaturas, e aqui em Oz entendem o que lhes dizemos e se comportam muito bem.

– Bem – disse tia Em –, as moscas no Kansas, de onde eu venho, só entendem com um tapa. Você precisa esmagá-las para elas se comportarem; e com pernilongos é a mesma coisa. Vocês têm pernilongos aqui em Oz?

– Temos alguns mosquitos bem grandes aqui, que cantam lindamente como os pássaros – respondeu o Homem de Lata. – Mas eles nunca picam nem incomodam nossa gente, porque são bem alimentados e cuidados. O motivo para picarem as pessoas em sua terra é que estão com fome, pobrezinhos!

– Sim – concordou tia Em –, estão com fome mesmo. E não se importam com quem vão comer. Fico feliz de os pernilongos em Oz serem educados.

Naquela noite, após o jantar, eles foram entretidos pela Banda de Cornetas de Lata do Imperador, que tocou para eles várias doces melodias. Além disso, o Mágico fez alguns truques para divertir o grupo; depois disso, todos foram para seus confortáveis quartos de lata e dormiram a sono solto até de manhã.

Depois do café, Dorothy disse ao Homem de Lata:

– Se você nos indicar o caminho, vamos visitar o Espantalho na volta para casa.

– Vou com vocês e mostro o caminho – respondeu o imperador –, pois preciso ir hoje à Cidade das Esmeraldas.

Ele pareceu tão ansioso ao dizer isso que a garotinha perguntou:

– Não tem nada acontecendo com Ozma, tem?

– Ainda não – falou ele –, mas temo que tenha chegado o momento de dar-

lhe uma notícia muito ruim, minha amiga.

– Ah, o que houve? – espantou-se Dorothy.

– Lembra-se do rei Nomo? – perguntou o Homem de Lata.

– Lembro muito bem – respondeu ela.

– O rei Nomo não tem um bom coração – disse o imperador, triste – e está ruminando pensamentos malignos de vingança, porque certa vez nós o derrotamos e liberamos seus escravos, e você levou o cinto mágico dele. Então, ele ordenou que seus nomos cavassem um túnel por baixo do Deserto Mortal, de modo que pudesse marchar seu exército direto até a Cidade das Esmeraldas. Quando chegar lá, ele pretende destruir nosso lindo país.

Dorothy ficou muito surpresa em ouvir isso.

– Como Ozma descobriu o túnel?

– Ela viu no quadro mágico.

– É claro – disse Dorothy. – Eu devia saber. E o que ela vai fazer?

– Não sei dizer – foi a resposta.

– Blé! – gritou a galinha amarela. – Não temos medo dos nomos. Se rolarmos alguns ovos pelo túnel, eles vão correr de volta para casa o mais rápido que conseguirem.

– Ora, isso é bem verdade! – exclamou Dorothy. – O Espantalho já conquistou todo o exército do rei Nomo com alguns dos ovos de Billina.

– Mas vocês não entendem toda a trama terrível – continuou o Homem de Lata. – O rei Nomo é esperto e sabe que seus nomos fugiriam dos ovos; então, negociou com muitas criaturas terríveis para o ajudarem. Esses espíritos malignos não têm medo de ovos nem de nada e são muito poderosos. Então, o rei Nomo vai mandá-los pelo túnel primeiro, para conquistar e destruir, e aí os nomos vão seguir depois para pegar sua parte dos saques e escravos.

Todos ficaram espantados de ouvir isso, e no rosto de cada um havia um ar de perturbação.

– O túnel já está pronto? – quis saber Dorothy.

– Ozma mandou me avisar ontem que estava completo, faltando só uma fina camada de terra no fim. Quando nossos inimigos romperem essa camada, vão estar nos jardins do palácio real, no coração da Cidade das Esmeraldas. Ofereci armar todos os meus winkies e marchar para ajudar, mas Ozma disse que não.

– Por que será? – perguntou Dorothy.

– Ela respondeu que nem todos os habitantes de Oz, juntos, seriam poderosos o bastante para lutar e vencer as forças do mal do rei Nomo.

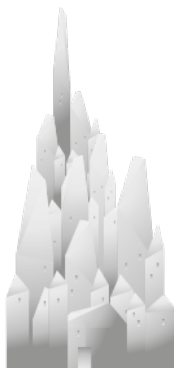
Portanto, ela se recusa a lutar.

– Mas eles vão nos capturar e escravizar, e saquear e arruinar nossa linda terra! – exclamou o Mágico, muito perturbado com essa afirmação.

– Temo que sim – disse o Homem de Lata, triste. – E também temo que aqueles que não são seres mágicos, como o Mágico, Dorothy, e o tio e a tia dela, além de Totó e Billina, sejam rapidamente mortos pelos conquistadores.

– O que pode ser feito? – perguntou Dorothy, tremendo um pouco com a perspectiva desse terrível destino.

– Nada pode ser feito! – respondeu, sombrio, o imperador dos winkies. – Mas como Ozma recusa meu exército, eu mesmo vou à Cidade das Esmeraldas. O mínimo que posso fazer é perecer ao lado de minha amada governante.



COMO O ESPANTALHO MOSTROU SUA SABEDORIA

Essa notícia maravilhosa tinha entristecido todos os corações, e eles agora estavam ansiosos para voltar à Cidade das Esmeraldas e compartilhar do destino de Ozma. Então, começaram sem perder tempo e, como a estrada passava pela nova mansão do Espantalho, resolveram fazer uma breve parada lá e reunir-se com ele.

– O Espantalho provavelmente é o homem mais sábio de toda Oz – comentou o Homem de Lata, quando começaram a jornada. – O cérebro dele é grande e de excelente qualidade, e ele muitas vezes me disse coisas que eu mesmo jamais teria pensado. Devo dizer que confio muito no cérebro do Espantalho nesta emergência.

O Homem de Lata foi no assento da frente da carruagem, e Dorothy sentou-se entre ele e o Mágico.

– O Espantalho está sabendo dos problemas de Ozma? – perguntou o capitão-general.

– Não sei, senhor – foi a resposta.

– Quando eu era soldado – disse Omby Amby – era um excelente lutador, como provei em nossa guerra contra os nomos. Mas agora não há um único soldado mais em nosso exército, já que Ozma me tornou capitão-general, então, não há ninguém para lutar e defender nossa adorável governante.

– Verdade – concordou o Mágico. – O exército atual só tem quatro oficiais,

e o que um oficial faz é ordenar que seus homens lutem. Como não há homens, não pode haver luta.

– Pobre Ozma! – sussurrou Dorothy, com lágrimas nos doces olhos. – É terrível pensar que toda a adorável terra de fantasias dela pode ser destruída. Será que não conseguiríamos escapar e voltar ao Kansas usando o cinto mágico? E podíamos levar Ozma conosco e trabalhar duro para conseguir dinheiro a ela, para que ela não ficasse solitária e infeliz demais com a perda de sua terra de fantasias.

– Acha que haveria algum trabalho para mim no Kansas? – perguntou o Homem de Lata.

– Se você for oco, podem usá-lo numa fábrica de latas – sugeriu tio Henry.
– Mas não imagino a necessidade de você trabalhar para viver. Você nunca come nem dorme, nem precisa de novas roupas.

– Eu não estava pensando em mim – respondeu o imperador, com dignidade. – Estava apenas me perguntando se não podia ajudar a sustentar Dorothy e Ozma.

Enquanto pensavam nesses tristes planos para o futuro, avistaram a casa do Espantalho e, embora cheios de cuidado e preocupação com o destino iminente de Oz, Dorothy não conseguiu suprimir uma sensação de maravilhamento com a visão.

A nova casa do Espantalho tinha o formato de uma imensa espiga de milho. As fileiras de grãos eram feitas de ouro sólido, e o verde no qual se apoiava a espiga era uma massa de esmeraldas brilhantes. No topo da estrutura estava empoleirada uma figura que representava o próprio Espantalho e, em seus braços estendidos, bem como em sua cabeça, várias gralhas feitas de ébano e com olhos de rubi. Você talvez consiga imaginar como essa espiga de milho era grande ao contar-lhe que um único grão de ouro formava uma janela, que se abria para fora com dobradiças, enquanto uma fileira de quatro grãos se abria para criar uma entrada. Dentro havia cinco andares, cada um com um único cômodo.

Os jardins em torno da mansão consistiam de milharais, e Dorothy reconheceu que o lugar era, em todos os aspectos, um lar muito apropriado para seu bom amigo Espantalho.

– Ele seria muito feliz aqui, com certeza – disse ela –, se o rei Nomo nos deixasse em paz. Mas se Oz for destruída, este lugar também vai ser, claro.

– Sim – respondeu o Homem de Lata –, e meu castelo de lata, que é minha alegria e meu orgulho, também.

– A casa do Jack Cabeça de Abóbora também será destruída – comentou o Mágico –, bem como a Faculdade de Atletismo Científico do professor Besourão, o palácio de Ozma e todos os outros lindos prédios.

– Sim, Oz vai de fato tornar-se um deserto quando o rei Nomo acabar. – Omby Amby suspirou.

O Espantalho saiu para recebê-los e deu as boas-vindas calorosas a todos.

– Ouvi dizer que você decidiu, afinal, viver na Terra de Oz para sempre – disse ele a Dorothy –, isso vai fazer meu coração muito feliz, pois nunca gostei de nossas despedidas frequentes. Mas por que estão todos tão para baixo?

– Já ficou sabendo da notícia? – perguntou o Homem de Lata.

– De nenhuma notícia que tenha me deixado triste – respondeu o Espantalho.

Então, o Nick Lenhador contou para seu amigo sobre o túnel do rei Nomo e como as criaturas malignas do Norte tinham se aliado com o monarca subterrâneo para o propósito de conquistar e destruir Oz.

– Bem – disse o Espantalho – certamente parece ruim para Ozma e para todos nós. Mas acredito que seja errado preocupar-se com alguma coisa antes de acontecer. Certamente, há tempo o bastante para ficar triste quando nosso país for pilhado e nosso povo, escravizado. Então, não vamos nos privar das poucas horas felizes que nos restam.

– Ah! Essa é a verdadeira sabedoria – declarou o Homem-Farrapo, aprovando. – Depois de ficarmos muito infelizes, vamos nos arrepender destas poucas horas que nos sobram, a não ser que as desfrutemos ao máximo.

– Mesmo assim – disse o Espantalho –, eu irei com vocês à Cidade das Esmeraldas e oferecerei meus serviços a Ozma.

– Ela diz que não tem nada que possamos fazer para ir contra nossos inimigos – anunciou o Homem de Lata.

– E sem dúvida ela tem razão, senhor – respondeu o Espantalho. – Ainda assim, vai agradecer por nossa solidariedade, e é dever dos amigos de Ozma ficar ao lado dela quando o desastre final ocorrer.

Ele então os levou até sua esquisita mansão e mostrou-lhes os lindos cômodos em todos os cinco andares. O cômodo mais inferior era um grande salão de recepções, com um órgão num canto. Quando estava sozinho, o Espantalho podia usar esse instrumento para divertir-se, pois adorava música. Nas paredes, estavam penduradas sedas brancas, nas quais havia bandos de gralhas negras bordadas com diamantes pretos. Algumas das cadeiras tinham o formato de grandes gralhas e eram estofadas com almofadas da cor do

milho.

O segundo andar continha uma linda sala de banquetes, onde o Espantalho podia entreter seus convidados, e os três andares acima eram quartos belissimamente mobiliados e decorados.

– Desses quartos – disse o Espantalho, orgulhoso – é possível ter lindas vistas dos milharais ao redor. O milho que eu planto é sempre com casca, e chamo as espigas de meu regimento, porque têm muitos grãos. Claro, eu não posso montar nelas, mas elas não ligam para isso. No geral, minha fazenda compete com qualquer uma da região.

Os visitantes tomaram alguns refrescos leves e se apressaram em retomar a estrada para a Cidade das Esmeraldas. O Espantalho tomou assento na carruagem entre Omby Amby e o Homem-Farrapo, e seu peso não aumentou a carga, porque ele era cheio de palha.

– Vocês devem ter notado que tenho um campo de aveia em minha propriedade – comentou ele, enquanto se afastavam. – Descobri que palha de aveia é a melhor de todas as palhas para me encher quando meu interior ficar embolorado ou perder o formato.

– Você consegue se encher sem ajuda? – perguntou tia Em. – Eu imagino que, depois de tirarem a palha de seu corpo, sobriariam apenas suas roupas.

– A senhora está quase correta – respondeu ele. – Meus servos fazem o enchimento, sob minha orientação. Pois minha cabeça, na qual está meu excelente cérebro, é um saco amarrado embaixo. Meu rosto é bem pintado de um lado do saco, como podem ver. Minha cabeça não precisa ser preenchida de novo, como meu corpo, ela só necessita que, de vez em quando, o rosto seja retocado com tinta fresca.

A fazenda de Jack Cabeça de Abóbora não ficava longe da mansão do Espantalho, e quando chegaram lá, tanto tio Henry quanto tia Em ficaram muito impressionados. A fazenda era um vasto campo de abóboras, e algumas delas eram enormes. Em uma, que tinha sido bem limpa por dentro, vivia o próprio Jack, que declarou ser uma residência muito confortável. O motivo para ele cultivar tantas abóboras era que podia trocar de cabeça sempre que ficasse enrugada ou ameaçasse estragar.

O homem com cabeça de abóbora recebeu seus visitantes alegremente e ofereceu-lhes várias deliciosas tortas de abóbora para comer.

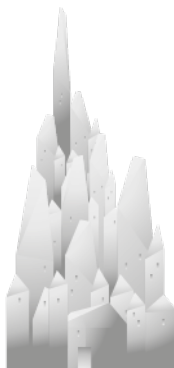
– Eu mesmo não me permito comer tortas de abóbora, por dois motivos – explicou ele. – Um motivo é que, se comesse abóboras, seria um canibal, e o outro motivo é que nunca como, porque sou oco por dentro.

– Ótimos motivos – concordou o Espantalho.

Eles contaram a Jack Cabeça de Abóbora as terríveis notícias sobre o rei Nomo, então ele decidiu ir para a Cidade das Esmeraldas e ajudar a consolar Ozma.

– Eu esperava viver aqui com tranquilidade e conforto por muitos séculos – disse Jack, triste –, mas é claro que, se o rei Nomo destruir tudo em Oz, eu também serei destruído. Parece uma pena, não?

Eles logo recomeçaram a jornada, e o Cavalete puxou a carruagem tão agilmente pelas estradas lisas que, antes de o sol se pôr, eles tinham chegado ao palácio real na Cidade das Esmeraldas e no fim da jornada.



COMO OZMA SE RECUSOU A LUTAR POR SEU REINO

Ozma estava em seu jardim de rosas e colhia um buquê quando o grupo chegou. Ela então recebeu todos os seus velhos e novos amigos tão sorridente e doce como sempre.

Os olhos de Dorothy encheram-se de lágrimas quando ela beijou a adorável governante de Oz, e ela sussurrou:

– Ah, Ozma, Ozma! Sinto muito!

Ozma pareceu surpresa.

– Sente muito pelo quê, Dorothy? – perguntou ela.

– Por todo o seu transtorno com o rei Nomo – foi a resposta.

Ozma riu com genuína diversão.

– Bem, isso não me atormentou nem um pouco, querida princesa – respondeu ela. Então, olhando para o rosto triste de seus amigos, ela completou: – Todos vocês estão preocupados com esse túnel?

– Sim! – exclamaram em coro.

– Bem, talvez seja mais sério do que imaginei – admitiu a justa governante –, mas não pensei muito nisso. Depois do jantar, vamos todos nos reunir e conversar.

Então, foram para os quartos e se prepararam para o jantar, e Dorothy vestiu-se com seu vestido mais lindo e colocou o diadema, pois achava que podia ser a última vez que apareceria como princesa de Oz.

O Espantalho, o Homem de Lata e Jack Cabeça de Abóbora sentaram-se à

mesa de jantar, embora nenhum deles pudesse comer. Em geral, serviam para animar a refeição com suas conversas alegres, mas, hoje, pareciam estranhamente silenciosos e desconfortáveis.

Assim que o jantar terminou, Ozma levou o grupo a seu quarto privado, no qual ficava o quadro mágico. Quando eles já estavam sentados, o Espantalho foi o primeiro a falar.

– O túnel do rei Nomo está finalizado, Ozma? – perguntou ele.

– Foi concluído hoje – respondeu ela. – Construíram bem embaixo do terreno do meu palácio, e ele termina na Fonte Proibida. Sobra apenas uma camada de terra a nos separar de nossos inimigos, e, quando eles marcharem para cá, vão facilmente quebrar essa camada e cair sobre nós.

– Quem vai auxiliar o rei Nomo? – inquiriu o Espantalho.

– Os esquisitões, os growleywogs e os fanfasma – respondeu ela. – Assisti hoje em meu quadro mágico aos mensageiros que o rei Nomo enviou a todas essas pessoas convocando-as para reunir-se em suas grandes cavernas.

– Vamos ver o que estão fazendo agora – sugeriu o Homem de Lata.

Então, Ozma desejou ver a caverna do rei Nomo e, imediatamente, a paisagem desapareceu do quadro mágico e foi substituída pela cena então encenada na caverna adornada com joias do rei Roquat.

O que as pessoas de Oz viram foi uma cena insana e assustadora.

Diante do rei Nomo estavam o chefe dos esquisitões e o Grande Gallipoot dos growleywogs, cercados por seus mais habilidosos generais. Pareciam muito ferozes e poderosos, de modo que nem o rei Nomo nem o general Guph, ao lado de seu mestre, pareciam temerosos na presença de seus aliados.

Agora, uma criatura ainda mais pavorosa entrou na caverna. Era o Primeiro e Mais Importante dos Fanfasma, que orgulhosamente sentou-se no trono do próprio rei Roquat e exigiu seu direito de liderar suas forças pelo túnel na frente de todos os outros. O Primeiro e Mais Importante agora aparecia a todos os olhos com sua pele peluda e a cabeça de urso. Qual era sua verdadeira forma, Roquat não sabia.

Pelos arcos que levavam até a vasta série de cavernas que ficavam abaixo da sala do trono do rei Roquat, era possível ver fileiras e fileiras de invasores – milhares de fanfasma, growleywogs e esquisitões parados em série, enquanto, atrás deles, estavam reunidos milhares e milhares de nomes do exército do próprio general Guph.

– Ouçam – sussurrou Ozma. – Acho que conseguimos ouvir o que eles estão dizendo.

Então, eles ficaram em silêncio e ouviram.

– Está tudo pronto? – questionou o Primeiro e Mais Poderoso, arrogante.

– O túnel está enfim completo – respondeu o general Guph.

– Quanto tempo levaremos para marchar até a Cidade das Esmeraldas? – perguntou o Grande Gallipoot dos growleywogs.

– Se começarmos à meia-noite – respondeu o rei Nomo –, vamos chegar à Cidade das Esmeraldas ao raiar do dia. Então, enquanto todo o povo de Oz estiver dormindo, vamos capturá-lo e escravizá-lo. Depois disso, vamos destruir a própria cidade e marchar pela Terra de Oz, queimando e devastando tudo pelo caminho.

– Ótimo! – gritou o Primeiro e Mais Importante. – Quando acabarmos, Oz será um deserto. Ozma será minha escrava.

– Ela será *minha* escrava! – gritou o Grande Gallipoot, irado.

– Vamos decidir isso mais tarde – disse o rei Roquat, às pressas. – Não vamos brigar agora, amigos. Primeiro, vamos conquistar Oz, e depois vamos dividir os espólios da guerra de maneira satisfatória.

O Primeiro e Mais Importante sorriu malignamente, mas apenas disse:

– Eu e meus fanfasma vamos primeiro, pois nada na terra pode se opor ao nosso poder.

Todos concordaram com isso, sabendo que os fanfasma deviam ser a mais poderosa de todas aquelas forças. O rei Roquat, então, convidou-os a um banquete que havia preparado, em que podiam se ocupar comendo e bebendo até a chegada da meia-noite.

Como agora tinham visto e ouvido toda a trama contra eles, Ozma permitiu que seu quadro mágico desbotasse. Então, virou-se aos amigos e disse:

– Nossos inimigos vão chegar mais rápido do que eu esperava. O que me aconselham a fazer?

– Agora, é tarde demais para reunir nosso povo – disse o Homem de Lata, desanimado. – Se me tivessem permitido armar e treinar meus winkies, poderíamos agora lutar e destruir muitos de nossos inimigos antes de sermos conquistados.

– Os munchkins também são bons soldados – disse Omby Amby –, assim como os gillikins.

– Mas eu não quero lutar – declarou Ozma, firme. – Ninguém tem direito de destruir seres vivos, por mais malignos que sejam, nem de machucá-los ou torná-los infelizes. Não vou lutar, ainda que seja para salvar meu reino.

– O rei Nomo não liga para isso – comentou o Espantalho. – Ele quer destruir a todos nós e acabar com nosso lindo país.

– Só porque o rei Nomo pretende fazer mal não é desculpa para que eu faça o mesmo – respondeu Ozma.

– Autopreservação é a primeira lei da natureza – citou o Homem-Farrapo.

– Verdade – disse ela, de imediato. – Eu gostaria de descobrir um plano para nos salvar sem lutar.

Parecia-lhes uma tarefa impossível, mas, percebendo que Ozma estava determinada a não lutar, eles tentaram pensar em algum meio com potencial para escaparem.

– Não podemos subornar nossos inimigos dando-lhes muitas esmeraldas e ouro? – perguntou Jack Cabeça de Abóbora.

– Não, porque eles acreditam ser capazes de pegar tudo o que temos – respondeu a governante.

– Pensei em uma coisa – disse Dorothy.

– O que seria, querida? – perguntou Ozma.

– Vamos usar o cinto mágico e desejar que nos transporte todos para Kansas. Vamos colocar umas esmeraldas nos bolsos e podemos vendê-las em Topeka por um valor suficiente para pagar a hipoteca da fazenda do tio Henry. Aí, todos poderão viver juntos e felizes.

– Uma bela ideia! – exclamou o Espantalho.

– O Kansas é uma linda terra. Eu já estive lá – disse o Homem-Farrapo.

– Parece-me um excelente plano – aprovou o Homem de Lata.

– Não! – disse Ozma, decidida. – Nunca vou desertar meu povo e abandoná-lo a um destino tão cruel. Vou usar meu cinto mágico para mandar o resto de vocês ao Kansas, se quiserem, mas se minha amada terra deve ser destruída e meu povo, escravizado, vou ficar e ter o mesmo destino.

– Correto – asseverou o Espantalho, suspirando. – Vou ficar com você.

– E eu também – declararam o Homem de Lata, o Homem-Farrapo e o Jack Cabeça de Abóbora, cada um por sua vez. Tic-Tac, o Homem-Máquina, também falou que pretendia ficar ao lado de Ozma.

– Pois – disse ele –, eu não te-ri-a ne-nhu-ma u-ti-li-da-de em Kan-sas.

– De minha parte – anunciou Dorothy, com seriedade –, se a governante de Oz não pode desertar seu povo, uma princesa de Oz não tem direito de fugir também. Estou disposta a tornar-me escrava com o resto de vocês; então, a única coisa que podemos fazer com o cinto mágico é usá-lo para mandar tio Henry e tia Em de volta ao Kansas.

– Fui escrava a vida toda – respondeu tia Em, com considerável animação –, e Henry também. Acho que, de todo modo, não vamos voltar ao Kansas. Prefiro arriscar-me aqui com vocês.

Ozma sorriu grata a todos.

– Não há ainda necessidade de desespero – disse. – Vou levantar cedo amanhã e estar na Fonte Proibida quando os ferozes guerreiros quebrarem a camada de terra. Vou falar com eles de forma agradável, e talvez eles não sejam assim tão maus.

– Por que chamam de Fonte Proibida, afinal? – perguntou Dorothy, pensativa.

– Não sabe, querida? – devolveu Ozma, surpresa.

– Não – disse Dorothy. – Claro, já vi a fonte no palácio, desde a primeira vez que estive em Oz, e li a placa que diz: “Todos são proibidos de beber nesta fonte”. Mas nunca soube *por que* era proibida. A água parece clara e límpida, e borbulha numa bacia dourada o tempo todo.

– Aquela água – declarou Ozma, séria – é a coisa mais perigosa em toda a Terra de Oz. É a Água do Esquecimento.

– O que isso quer dizer? – perguntou Dorothy.

– Quem quer que beba na Fonte Proibida, imediatamente esquece tudo o que já soube – explicou Ozma.

– Não seria uma forma ruim de esquecer nossos tormentos – sugeriu tio Henry.

– É verdade, mas você esqueceria todo o resto e se tornaria ignorante como um bebê – devolveu Ozma.

– Isso deixa a pessoa louca? – perguntou Dorothy.

– Não; só faz a pessoa esquecer – respondeu a governante. – Diz-se que uma vez, há muito, muito tempo, um rei maligno governou Oz e tornou a si mesmo e a todo o povo infeliz. Então, Glinda, a Bruxa Boa, colocou essa fonte aqui, e o rei bebeu de sua água e esqueceu toda a sua maldade. Sua mente tornou-se inocente e vazia, e quando ele aprendeu de novo as coisas da vida, elas eram todas boas. Mas as pessoas se lembravam de como o rei tinha sido malvado e ainda tinham medo dele. Portanto, ele fez com que todas as pessoas bebessem a Água do Esquecimento e esquecessem tudo o que já tinham conhecido, para tornarem-se tão simples e inocentes como seu rei. Depois disso, todos ficaram sábios juntos, e a sabedoria era boa, de modo que a paz e a felicidade reinaram na terra. Mas, por medo de que alguém bebesse de novo da água e num instante esquecesse tudo o que aprendera, o rei colocou aquela

placa na fonte, onde permanece por muitos séculos, até hoje.

Todos ouviram atentamente a história de Ozma e, quando ela terminou de falar, houve um longo período de silêncio, enquanto todos pensavam sobre o curioso poder mágico da Água do Esquecimento.

Por fim, no rosto pintado do Espantalho surgiu um sorriso amplo, que esticou o pano ao máximo que era possível.

– Como sou grato – disse ele – por ter um cérebro tão excelente.

– Eu lhe dei o melhor cérebro que já criei – declarou o Mágico, com ar de orgulho.

– Deu, mesmo! – concordou o Espantalho. – E funciona tão esplendidamente que achei uma forma de salvar Oz. De salvar todos nós!

– Fico feliz de ouvir isso – disse o Mágico. – Nunca precisamos ser salvos mais do que agora.

– Quer dizer que pode nos salvar daqueles terríveis fanfasmagóricos, growleywogs e esquisitões? – perguntou Dorothy, ansiosa.

– Tenho certeza de que sim, querida – garantiu o Espantalho, ainda sorrindo jovialmente.

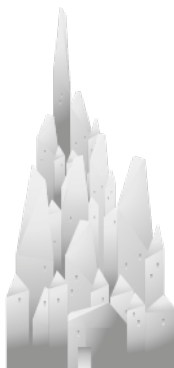
– Diga-nos como! – implorou o Homem de Lata.

– Agora, não – disse o Espantalho. – Podem ir todos para a cama, e os aconselho a esquecer suas preocupações tão completamente como se tivessem bebido a Água do Esquecimento na Fonte Proibida. Vou ficar aqui e contar meu plano só para Ozma, mas, se todos estiverem na Fonte Proibida ao raiar do dia, verão como será fácil salvar o reino quando nossos inimigos quebrarem a camada de terra e saírem do túnel.

Então, eles se foram e deixaram o Espantalho e Ozma sozinhos; mas Dorothy não pregou o olho a noite toda.

“Ele é só um Espantalho”, disse ela a si mesma, “e não tenho certeza de que tenha um cérebro tão bom quanto acha que tem.”

Mas ela sabia que, se o plano do Espantalho falhasse, todos estariam perdidos; então, tentou ter fé nele.



COMO OS FEROZES GUERREIROS INVADIRAM OZ

O rei Nomo e seus terríveis aliados ficaram à mesa do banquete até a meia-noite. Houve muita briga entre os growleywogs e os fanfasma, e um dos esquisitões de cabeça minúscula ficou bravo com o general Guph e o sufocou até ele quase parar de respirar. Mas ninguém ficou gravemente machucado, e o rei Nomo sentiu-se muito aliviado quando deu meia-noite e todos pularam e pegaram suas armas.

– Arrá! – gritou o Primeiro e Mais Importante. – Agora, vamos conquistar a Terra de Oz!

Ele organizou seus fanfasma em formação de batalha e, com sua palavra de ordem, marcharam para o túnel e começaram a longa jornada até a Cidade das Esmeraldas. O Primeiro e Mais Importante pretendia levar todos os tesouros de Oz para si, matar todos os que pudessem ser mortos e escravizar o resto, destruir e devastar todo o país, e depois disso conquistar e escravizar os nomos, os growleywogs e os esquisitões. E ele sabia que seu poder era suficiente para permitir-lhe tudo isso com facilidade.

Depois, marchou para o túnel o exército de gigantes growleywogs, com seu Grande Gallipoot à frente. Eram seres temíveis, de fato, e desejavam chegar a Oz para poderem pilhar e destruir. O Grande Gallipoot tinha um pouco de medo do Primeiro e Mais Importante, mas tinha um plano astuto para assassinar ou destruir aquele poderoso ser e assegurar a riqueza de Oz para si. O rei Nomo ficaria com muito pouco da pilhagem, pensou o Grande Gallipoot.

O chefe dos esquisitões marchou em seguida com seu exército de cabeças falsas para o túnel. Na sua cabecinha maligna, havia um plano para destruir tanto o Primeiro e Mais Importante quanto o Grande Gallipoot. Ele pretendia deixá-los conquistar Oz, já que insistiam em ir primeiro; mas, depois, destruiria traiçoeiramente o rei Roquat e eles, e pegaria os escravos e os tesouros do reino de Ozma para si.

Depois que todos os seus perigosos aliados tinham marchado pelo túnel, o rei Nomo e o general Guph começaram a segui-los, à frente de cinquenta mil nomos completamente armados.

– Guph – disse o rei –, aquelas criaturas à nossa frente são traiçoeiras. Pretendem ficar com tudo para si e deixar-nos sem nada.

– Eu sei – respondeu o general –, mas não são tão espertos como pensam. Quando você pegar o cinto mágico, deve imediatamente desejar que os esquisitões, os growleywogs e os fanfasma voltem a suas terras, e o cinto certamente os levará.

– Ótimo! – gritou o rei. – Um excelente plano, Guph. Farei isso. Enquanto estiverem conquistando Oz, vou pegar o cinto mágico, e aí sobrarão apenas os nomos para arrasar o país.

Então, veja, só havia uma coisa com que todos concordavam: que Oz devia ser destruída.

E lá se foram as enormes fileiras de invasores, marchando e enchendo o túnel de lado a lado. Com um ritmo contínuo, avançavam, e a cada passo chegavam mais perto da bela Cidade das Esmeraldas.

– Nada pode salvar a Terra de Oz! – pensou o Primeiro e Mais Importante, fazendo uma carranca até sua cara de urso estar tão sombria quanto o túnel.

– A Cidade das Esmeraldas está praticamente destruída já! – murmurou o Grande Gallipoot, balançando seu taco de guerra com ferocidade.

– Em algumas horas, Oz será um deserto – disse o chefe dos esquisitões com uma risada maligna.

– Meu caro Guph – comentou o rei Nomo com seu general –, por fim minha vingança contra Ozma de Oz e seu povo está prestes a ser cumprida.

– Tem razão! – declarou o general. – Ozma está certamente perdida.

E, então, o Primeiro e Mais Importante, que estava na frente e perto da Cidade das Esmeraldas, começou a tossir e espirrar.

– Este túnel é terrivelmente poeirento – rosnou, com raiva. – Vou punir aquele rei Nomo por não tê-lo varrido. Minha garganta e meus olhos estão se enchendo de poeira e estou sedento como um peixe!

O Grande Gallipoot também estava tossindo, e sua garganta estava seca.

– Que lugar poeirento! – gritou. – Vou ficar feliz quando chegarmos a Oz, onde posso tomar alguma coisa.

– Quem tem alguma água? – perguntou o chefe dos esquisitões, engasgando.

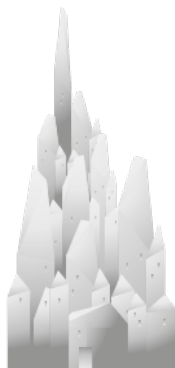
Mas nenhum de seus seguidores carregava nem uma gota, então, ele se apressou para passar pelo túnel poeirento até a Terra de Oz.

– De onde veio toda essa poeira? – quis saber o general Guph, tentando engolir, mas vendo que a garganta estava tão seca que ele não conseguia.

– Não sei – respondeu o rei Nomo. – Estive no túnel todos os dias enquanto era construído e nunca notei nenhuma poeira.

– Vamos nos apressar! – gritou o general. – Eu daria metade do ouro de Oz por um copo de água.

A poeira ficou cada vez mais grossa, e a garganta, os olhos e o nariz dos invasores estavam cheios dela. Mas nenhum parou nem voltou. Correram em frente com mais ferocidade e mais vingativos do que nunca.



COMO ELES BEBERAM DA FONTE PROIBIDA

O Espantalho não precisava dormir, nem o Homem de Lata, Tic-Tac ou Jack Cabeça de Abóbora. Então, todos vagaram pelo terreno do palácio e pararam ao lado da água brilhante da Fonte Proibida até o raiar do dia. Durante esse tempo, conversaram um pouco.

– Nada seria capaz de me fazer esquecer o que sei – comentou o Espantalho, olhando a fonte –, pois não posso beber a Água do Esquecimento nem qualquer tipo de água. E fico feliz de ser assim, pois considero minha sabedoria sem igual.

– Vo-cê é mes-mo mui-to sá-bio – concordou Tic-Tac. – De mi-nha par-te, só con-si-go pen-sar co-mo má-qui-na, en-tão, não fin-jo sa-ber tan-to quan-to vo-cê.

– Meu cérebro de lata é muito brilhante, mas é só o que posso dizer dele – falou Nick Lenhador, modesto. – Mas não aspiro a ser muito sábio, pois notei que as pessoas mais felizes são as que não permitem que seu cérebro as oprimas.

– O meu nunca me preocupa – admitiu o Jack Cabeça de Abóbora. – Há muitas sementes de pensamento em minha cabeça, mas elas não germinam com facilidade. Fico feliz por isso, pois se ocupasse meus dias pensando, não teria tempo para mais nada.

Nesse clima alegre, eles passaram as horas até os primeiros raios dourados da manhã aparecerem no céu. Então, Ozma juntou-se a eles, viçosa e adorável

como sempre, usando um de seus vestidos mais belos.

– Nossos inimigos ainda não chegaram – disse o Espantalho, depois de cumprimentar carinhosamente a governante doce e pueril.

– Vão chegar logo – disse ela –, pois olhei no meu quadro mágico e os vi tossindo e engasgando com a poeira do túnel.

– Ah, tem poeira no túnel? – perguntou o Homem de Lata.

– Sim, Ozma colocou-a usando o cinto mágico – explicou o Espantalho, com um de seus largos sorrisos.

Então, Dorothy chegou até eles, com tio Henry e tia Em seguindo logo atrás. Os olhos da garotinha estavam pesados, pois ela tivera uma noite insone e ansiosa. Totó caminhava ao lado dela, mas o ânimo do cachorrinho estava muito abalado. Billina, que sempre acordava ao raiar do dia, não demorou em unir-se ao grupo na fonte.

O Mágico e o Homem-Farrapo chegaram depois, e logo em seguida apareceu Omby Amby, vestido com seu melhor uniforme.

– Lá está o túnel – disse Ozma, apontando para uma parte do solo logo em frente à Fonte Proibida –, e, em alguns minutos, os temíveis invasores quebrarão a terra e lotarão este lugar. Vamos ficar do outro lado da fonte e ver o que acontece.

Imediatamente, seguiram a sugestão dela e contornaram a fonte da Água do Esquecimento. Lá, ficaram em silêncio e na expectativa até a terra embaixo ceder com uma repentina explosão e, de lá, pular a poderosa forma do Primeiro e Mais Importante, seguido por todos os seus sombrios guerreiros.

Quando o líder saltou, seus olhos brilhantes viram a fonte, e ele correu na direção dela, bebendo sofregamente a água brilhante. Muitos dos outros fanfasmagoras também beberam para limpar a garganta seca e poeirenta. Então, ficaram parados e olharam uns para os outros com sorrisos simples, questionadores.

O Primeiro e Mais Importante viu Ozma e seus companheiros para lá da fonte, mas, em vez de tentar capturá-los, apenas olhou-a satisfeito, admirando sua beleza – pois tinha esquecido quem era e por que estava ali.

Mas, então, chegou o Grande Gallipoot, correndo do túnel com um grito rouco que era uma mescla de raiva e sede. Ele também viu a fonte e correu para beber de suas águas proibidas. Os outros growleywogs logo o seguiram e, antes mesmo de terminarem de beber, o chefe dos esquisitões e seu povo os empurraram, enquanto arrancavam suas cabeças falsas para poderem matar sua sede na fonte.

Quando o rei Nomo e o general Guph chegaram, ambos correram para beber, mas o general estava tão louco de sede que derrubou seu rei e, enquanto Roquat estava jogado no chão, Guph bebeu com vontade da Água do Esquecimento.

Esse ato rude de seu general deixou o rei Nomo tão bravo que ele por um momento esqueceu que estava com sede e ficou de pé para olhar o grupo de terríveis guerreiros que havia trazido para ajudá-lo. Viu também Ozma e seu grupo, e gritou:

– Por que não os capturam? Por que não conquistam Oz, seus idiotas? Por que estão aí parados como um bando de imbecis?

Mas os grandes guerreiros tinham se tornado criancinhas. Haviam esquecido toda sua inimizade contra Ozma e Oz. Tinham esquecido até mesmo quem eles eram, ou por que estavam naquele país estranho e lindo. Quanto ao rei Nomo, não o reconheciam e estavam se perguntando quem ele era.

O sol subiu e banhou o rosto dos invasores com seus raios de luz prateada. As carrancas, os cenhos franzidos e os olhares malignos tinham sumido. Até as mais monstruosas das criaturas lá reunidas sorriam inocentemente e pareciam descontraindas e contentes apenas por estarem vivas.

Não era o caso de Roquat, o rei Nomo. Ele não tinha bebido da Fonte Proibida, e sua raiva contra Ozma e Dorothy agora o inflamava mais do que nunca. A visão do general Guph balbuciando como uma criança feliz e brincando com as mãos nas águas frescas da fonte atordoaram e enfureceram Roquat, o Vermelho. Vendo que seus terríveis aliados e seu próprio general se recusavam a agir, o rei Nomo virou-se para ordenar que seu grande exército de nomos saísse do túnel e capturassem as pessoas indefesas de Oz.

Mas o Espantalho suspeitava do que estava na mente do rei e disse uma palavra para o Homem de Lata. Juntos, correram até Roquat e, agarrando-o, jogaram-no na grande bacia da fonte.

O corpo do rei Nomo era redondo como uma bola e flutuava para cima e para baixo na Água do Esquecimento enquanto ele se precipitava e gritava de medo de se afogar. E, quando ele gritava, sua boca se enchia de água, que escorria pela garganta, de modo que imediatamente ele esqueceu tudo o que antes sabia tão completamente quanto os outros invasores.

Ozma e Dorothy não conseguiram deixar de rir ao ver seus temidos inimigos se tornarem inofensivos como bebês. Não havia perigo, agora, de Oz ser destruída. A única questão remanescente a resolver era como se livrar

dessa horda de intrusos.

O Homem-Farrapo gentilmente tirou o rei Nomo da fonte e o colocou de pé sobre suas pernas finas. Roquat estava pingando, mas falava, conversava e queria beber mais água. Não havia agora em sua mente nenhum pensamento de machucar qualquer um que fosse.

Antes de sair do túnel, ele ordenara que seus cinquenta mil nomos permanecessem lá até ele ordenar que avançassem, já que desejava dar a seus aliados tempo para conquistar Oz antes de aparecer com seu próprio exército. Ozma não queria que todos esses nomos inundassem seu país, então, avançou até o rei Roquat e, pegando a mão dele, disse gentilmente:

- Quem é você? Como se chama?
- Não sei – respondeu ele, sorrindo para ela. – Quem é você, minha cara?
- Meu nome é Ozma – disse ela – e o seu é Roquat.
- Ah, é? – retornou ele, parecendo contente.
- Sim; você é rei dos nomos – reforçou Ozma.
- Ah; o que são os nomos? – devolveu o rei, confuso.
- São elfos subterrâneos, e aquele túnel lá está cheio deles – respondeu ela.
- Você tem uma bela caverna no outro extremo do túnel, então, precisa ir a seus nomos e dizer: “Marchem para casa!”. Aí, siga-os e em breve chegará à linda caverna onde mora.

O rei Nomo ficou muito contente de ouvir isso, pois esquecera que tinha uma caverna. Então, foi ao túnel e disse a seu exército: “Marchem para casa!”. Na mesma hora, os nomos se viraram e marcharam de volta pelo túnel, e o rei os seguiu, rindo de satisfação de ver que suas ordens eram obedecidas tão imediatamente.

O Mágico foi ao general Guph, que estava tentando contar seus dedos, e disse-lhe para seguir o rei Nomo, que era seu mestre. Guph obedeceu docilmente, e assim todos os nomos foram embora da Terra de Oz para sempre.

Mas ainda havia os fanfasmagóricos, os esquitos e os growleywogs lá parados em grupos, e eram tantos que enchiam os jardins e pisoteavam as flores e a grama, pois não entendiam que plantas frágeis seriam machucadas por seus pés desastrados. Mas, em todos os outros quesitos, eram completamente inofensivos e brincavam juntos como crianças, ou olhavam com prazer as lindas vistas dos jardins reais.

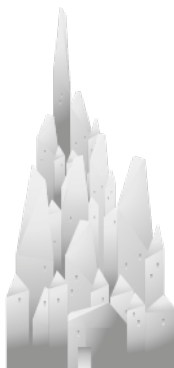
Depois de consultar o Espantalho, Ozma ordenou a Omby Amby que buscasse o cinto mágico no palácio e, quando o capitão-general voltou com

ele, a governante de Oz imediatamente amarrou o cinto em torno da própria cintura.

– Desejo que toda essa gente estranha, os esquisitões, os growleywogs e os fanfasma voltem em segurança para casa! – disse ela.

Tudo aconteceu num piscar de olhos, pois, claro, o desejo foi concedido assim que feito.

Todos os exércitos de invasores se foram, e apenas a grama pisoteada mostrava que tinham estado na Terra de Oz.



COMO GLINDA FEZ UM FEITIÇO

– Foi melhor do que lutar – disse Ozma, quando todos os amigos se reuniram no palácio após os acontecimentos da manhã, e todos concordaram com ela.

– Ninguém se machucou – falou o Mágico, com satisfação.

– E ninguém nos machucou – completou tia Em.

– Mas, melhor de tudo – disse Dorothy –, as pessoas do mal esqueceram sua maldade e não vão mais querer machucar ninguém.

– É verdade, princesa – declarou o Homem-Farrapo. – Parece-me que ter transformado todas aquelas personalidades malignas é mais importante do que ter salvado Oz.

– Mesmo assim – comentou o Espantalho –, fico feliz de Oz ter sido salva. Agora, posso voltar à minha nova mansão e viver feliz.

– E eu fico feliz e grato de minha fazenda de abóboras estar salva – disse Jack.

– De minha parte – completou o Homem de Lata –, não consigo expressar minha alegria por meu adorável castelo de lata não ter sido demolido por inimigos maldosos.

– Ain-da as-sim – falou Tic-Tac –, ou-tros i-ni-mi-gos po-dem vir um dia a Oz.

– Por que permite que seu cérebro de máquina interrompa sua alegria? – perguntou Omby Amby, franzindo o cenho para o Homem-Máquina.

– Di-go o que sou pro-gra-ma-do pa-ra di-zer – respondeu Tic-Tac.

– E você tem razão – declarou Ozma. – Eu mesma estive pensando nessa

ideia, e me parece que há formas demais de as pessoas chegarem à Terra de Oz. Antes, achávamos que o Deserto Mortal que nos cerca era proteção suficiente, mas já não é mais. Tanto o Mágico quanto Dorothy chegaram aqui pelo ar, e fiquei sabendo que as pessoas da terra inventaram dirigíveis que podem voar para qualquer lugar a que desejarem ir.

– Bem, às vezes sim, e às vezes não – garantiu Dorothy.

– Mas, com o tempo, esses dirigíveis podem nos causar problemas – continuou Ozma –, pois, se o pessoal da terra aprender a administrá-los, ficaremos tomados de visitantes que arruinariam nossa terra de fantasias, adorável e isolada.

– Isso é bem verdade – concordou o Mágico.

– Além do mais, o deserto não consegue nos proteger de outras formas – seguiu Ozma, pensativa. – Johnny Dooit certa vez fez um barco de areia e o navegou, e o rei Nomo construiu um túnel abaixo dele. Então, acredito que é preciso fazer algo para nos isolarmos do resto do mundo por completo, para ninguém, no futuro, conseguir nos invadir.

– Como você fará isso? – perguntou o Espantalho.

– Não sei, mas, de alguma forma, com certeza é possível. Amanhã vou viajar até o castelo de Glinda, a Boa, e pedir um conselho a ela.

– Posso ir com você? – pediu Dorothy, avidamente.

– É claro, minha querida princesa; e também estão convidados todos nossos amigos que queiram fazer a viagem.

Todos declararam desejar ir com sua governante, pois era de fato uma missão importante, já que o futuro da Terra de Oz, em grande parte, dependia dela. Então, Ozma deu ordens para seus servos prepararem a jornada da manhã seguinte.

Naquele dia, ela viu seu quadro mágico e, quando ele mostrou que todos os nomos tinham voltado pelo túnel até suas cavernas subterrâneas, Ozma usou o cinto mágico para fechar o túnel, de modo que a terra sob as areias do deserto ficaram tão sólidas quanto antes de os nomos começarem a cavar.

No início da manhã seguinte, uma cavalgada alegre saiu para visitar a famosa bruxa Glinda, a Boa. Ozma e Dorothy foram numa carruagem puxada pelo Leão Covarde e o Tigre Faminto, enquanto o Cavalete puxava a carruagem vermelha na qual ia a outra parte do grupo.

Com o coração feliz e livre de preocupações, eles viajaram alegremente pela adorável e fascinante Terra de Oz, e em pouco tempo chegaram ao elegante castelo em que residia a feiticeira.

Glinda sabia que eles estavam chegando.

– Estive lendo sobre vocês em meu livro mágico – disse ela ao cumprimentá-los com seu jeito gracioso.

– Como é seu livro mágico? – quis saber tia Em, curiosa.

– É um registro de tudo o que acontece – respondeu a bruxa. – Assim que algo acontece em qualquer lugar do mundo é imediatamente impresso em meu livro mágico. Então, quando leio suas páginas, fico bem informada.

– Ele contou como nossos inimigos beberam a Água do Esquecimento? – perguntou Dorothy.

– Sim, minha querida; contou tudo. E também me contou que vocês estavam todos vindo a meu castelo e por quê.

– Então – disse Ozma –, imagino que você saiba em que estou pensando, e que estou buscando uma forma de evitar que alguém, no futuro, descubra a Terra de Oz.

– Sim; sei disso. E, enquanto estavam em sua jornada, pensei numa forma de conceder seu desejo. Pois não me parece sábio permitir que estrangeiros demais venham para cá. Dorothy, com sua tia e seu tio, agora voltou para ficar para sempre em Oz, e não há motivo para deixarmos o caminho aberto para outros, a não ser que sejam convidados a vir à nossa terra de fantasia. Vamos tornar impossível a quem quer que seja a comunicação conosco, de qualquer forma, depois disso. Aí, poderemos viver em paz e contentes.

– Seu conselho é sábio – respondeu Ozma. – Agradeço-lhe, Glinda, por sua promessa de me ajudar.

– Mas como você vai fazer isso? – perguntou Dorothy. – Como pode impedir que alguém encontre Oz?

– Tornando nossa terra invisível a todos os olhos que não os nossos – respondeu a bruxa, sorrindo. – Tenho um feitiço bastante poderoso para conseguir esse feito maravilhoso, e agora que fomos alertados do perigo com a invasão do rei Nomo, acredito que não devemos hesitar em separar-nos para sempre do resto do mundo.

– Concordo com você – disse a governante de Oz.

– Não vai fazer diferença para nós? – questionou Dorothy, em dúvida.

– Não, minha querida – respondeu Glinda, com segurança. – Ainda vamos conseguir ver uns aos outros e tudo na Terra de Oz. Não vai nos afetar em nada, mas aqueles que voarem pelo ar sobre nosso país vão olhar para baixo e não verão nada. Aqueles que chegarem à beira do deserto ou tentarem cruzá-lo não verão nem de relance Oz, nem saberão para que lado fica. Ninguém vai

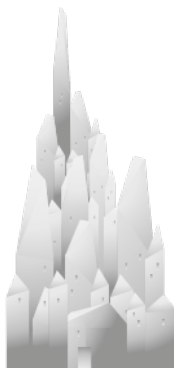
tentar fazer um túnel até nós de novo, porque não seremos vistos e, portanto, não seremos encontrados. Em outras palavras, a Terra de Oz vai desaparecer inteiramente do conhecimento do resto do mundo.

– Então, tudo bem – disse Dorothy, alegre. – Por mim, você pode tornar Oz invisível assim que quiser.

– Já está invisível – afirmou Glinda. – Eu sabia dos desejos de Ozma e fiz o feitiço antes de vocês chegarem.

Ozma pegou a mão da bruxa e a apertou com gratidão.

– Obrigada! – disse ela.



COMO A HISTÓRIA DE OZ CHEGOU AO FIM

O escritor destas histórias sobre Oz recebeu da princesa Dorothy um bilhete que, por um tempo, o deixou bastante desconcertado. O bilhete era escrito com uma pena branca, grande, da asa de uma garça e dizia:

Você nunca mais ficará sabendo nada sobre Oz, porque agora estamos cortados do resto do mundo para sempre. Mas Totó e eu sempre o amaremos, bem como a todas as crianças que nos ama.

Dorothy Gale

Isso me pareceu uma pena, no início, pois Oz é uma terra de fantasias muito interessante. Apesar disso, não temos o direito de nos chatear, pois temos o bastante da história da Terra de Oz para encher seis livros e, com suas pessoas peculiares e estranhas aventuras, conseguimos aprender muitas coisas úteis e divertidas.

Então, boa sorte à pequena Dorothy e a seus companheiros. Que tenham vida longa em seu país invisível e sejam muito felizes!